

A Defesa Nacional

ASSUMPTOS MILITARES

(XIV - Agosto - 164)

EDITORIAL

O MOMENTO MILITAR

"A necessidade absoluta de uma ordem rigorosa impõe, como de maior urgencia para o Brasil, a organização definitiva e accelerada de seu poder militar".

Somos dos que creem não haver no Brasil problemas a resolver, senão um unico: o da prosperidade nacional a ser obtida visando o papel civilizador que nos cabe, indicado por nossos antecedentes historicos e calcado nos recursos grandiosos de toda ordem que o passado nos legou.

A Nação constitue um todo, que tem de crescer conforme a logica de uma evolução natural, mas que tem sido constantemente perturbada pela inaptidão theorica ou pratica dos nossos homens influentes, que abandonam aspectos de verdadeiro interesse nacional para se dedicarem excessivamente a outros menos importantes. A continuar assim, as crises, os desequilibrios hão de tornar-se cada vez mais graves e poderão chegar até ao perigo de morte.

E' o problema unico do Brasil, o da ordem. E' claro que, não podendo haver verdadeiro progresso sem que os empreendimentos assentem numa ordem previa, as crises nacionaes não poderão ser eliminadas sem o restabelecimento completo da ordem total. As perturbações da chamada ordem publica são apenas, uma expressão esporadica da desorganização geral, porém, perceptíveis com mais facilidade por serem mais violentas.

A nossa prosperidade tem tido um caracter quasi anarchico e desconnexo e tem sido interrompida por períodos criticos mais ou menos agudos, porém quasi ininterruptamente existentes desde a fundação da Nacionalidade. Ha, apesar disso, uma evolução logica mas, por golpes e saltos espaçados de longos intervalos cheios de resistencias e acções retrogradas, feittio que põe em relevo a obra da fatalidade.

Nossa crise financeira é endemica e se agrava continuamente desde que os cofres da Independencia se viram vazios; a nossa crise economica é fatal consequencia da inobservancia das nossas leis economicas naturais, desde a eliminação tardia da escravidão até às dedicações excessivas por um unico producto agricola, como o café; a nossa crise de communicações é uma revelação do desprezo com que tratamos as cousas patrias, onde os negocios individuaes tudo encarecem e tudo deturpam; todas as nossas crises, em summa, nada mais são de que

uma prova flagrante de que temos sido incapazes de estudar, de conhecer, de saber para prever. E tão illudidos temos andado que nos envaidecemos às vezes com o infeliz qualificativo de "improvizadores" — que melhor fôra chamar "imprevidentes!" — suppondo encontrar aí uma excellente qualidade nacional!

E' esse caracter de acções improvisadas, sem continuidade, fruto de uma mentalidade impropria às realizações duradouras, que devemos combater a todo custo. Sem o desaparecimento dessa mentalidade infantil e que se torna antipatriotica, jamais será possível restabelecer, no Brasil, a ordem e criar o verdadeiro progresso.

Não nos têm faltado estudiosos capazes de discernir e demonstrar as nossas verdadeiras conveniencias, mas têm-nos faltado homens realizadores, com o espirito cultivado e o coração preparado, capazes de comprehender e sentir com a Patria o valor das conclusões dos estudiosos.

E' por isso que vemos os recursos da Nação serem jogados ao sabor de vistas meramente pessoaes, sem logica e sem medida, ora em prol do reerguimento financeiro, ora dos portos commerciaes, ora das seccas do Nordeste, como se todas estas questões pudessem ser resolvidas separadamente e sem ligação com os demais phenomenos da Nacionalidade.

Daí este crescer desordenado, que jamais tem permitido atacar integralmente uma obra qualquer, porque logo a crise se accentúa e as dores nacionaes sobrevindo ecoam clamores por toda parte.

Não se conhecem programmas de acção nacional abrangendo o conjunto das necessidades patrias e propondo a successão natural e gradativa dos esforços que cada questão requer, calcados numa apreciação logica da evolução que naturalmente se propõem a continuar. Jamais passamos de analyses, sob vistas pessoaes, de um momento dado, cujos males pretendemos remediar, sem nos importarmos com as causas que lhe deram origem.

* * *

No momento presente em que attingimos um novo maximum, talvez o maior, — de nosso desequilibrio chronico, onde a desordem é evidente em toda parte, apparece nitidamente que o problema nacional por excellencia é um problema de ordem. Restabelecer a ordem geral, não meramente policial, eis tudo que é necessario fazer, ou melhor, a unica cousa que é mais urgente fazer.

As forças armadas — a Nação Armada — offerecem ainda o aspecto da mais flagrante desordem e onde as

proporções são mais graves, porque em face da guerra não ha paliativos, *sophismas* ou delongas capazes de valerm qualquer cousa. A guerra só se faz com valores reaes, realizados e fortemente explicitos.

* * *

A maior consequencia da desordem na esphera militar é a indisciplina que logo germina espontaneamente e e tudo avassala; e perdura enquanto houver o minimo pretexto para persistir.

Não é só á disciplina cujas infracções os codigos e regulamentos punem expressamente que nos referimos, mas sobretudo ao conceito moderno em que é tida; á disciplina que a guerra para ser victoriosa impõe esteja realizada; á disciplina intellectual, á disciplina mesmo dos sentimentos; á que se traduz por um perfeito conhecimento dos deveres e por um amor insophismado ao cumprimento dos deveres; á que se estampa claramente nos habitos e costumes correntes tanto individuaes como collectivos.

A base essencial dessa disciplina é a capacidade technica de cada um, e ella é revelada no modo porque cada um effectua os trabalhos que lhe cabem, explicita ou implicitamente, e que exige a existencia de uma *cultura theorica apropriada* e habitos de trabalho perfeitamente educados.

Essa disciplina só pode ser obtida pelo exemplo, não só da propria conducta individual, pessoal, mas sobretudo pelo modo com que os chefes, de toda ordem, tratam as cousas nacionaes e cumprem com os seus proprios deveres. Reside essencialmente na *justeza* e na *justiça* da acção dos directores.

Ella desaparece sempre que individualismo se sobrepõe á collectividade, porque os *directores* perdem o prestigio real e porque esse individualismo é uma prova de cultura insufficiente e imperfeita.

* * *

A influencia que as forças armadas podem exercer na educação nacional e a natureza sempre urgente de suas necessidades dão-lhe proeminencia no problema geral da reconstrucção nacional que é preciso realizar quanto antes.

Podem ellas — e devem — constituir os nucleos em torno dos quaes a Nação recomponha os laços que atacam seus interesses mais evidentes e onde apoie o ressurgimento geral da noção da ordem de que precisa para progredir.

Ha, porem, uma condição de efficacia necessaria a realizar e é que as forças armadas — Exercito e Marinha — estejam em condições de bem poder desempenhar-se de suas obrigações fundamentaes: — *preparar a Nação para a guerra; poder conduzir a Nação a uma guerra victoriosa*, se esta lhe fór imposta pelas circunstancias. Isso exige que o Exercito e Marinha vivam num ambiente sadio de *disciplina real* — não apparente — o que é consequencia de uma *hierarchia logica e logicamente preen-*

chida; de uma organização adequada; e de um *apparelhamento material satisfactorio*.

* * *

No Exercito impõe-se como de ha muito vimos accentuando a organização de uma *nova lei de promoções* acompanhada de regras justas de eliminacção dos que se tornarem aquem de suas missões; a organização complementar do que falta para o bom funcionamento do conjunto; do *apparelhamento material* — sem o luxo de casernas grandiosas — mas adequado ás necessidades da instrucção para a guerra. Na Marinha, é essencialmente material que falta.

* * *

Não ha duvida que o problema militar se liga intimamente ao problema financeiro e ao economico, mas pode ser atacado desde já e convem mesmo que o seja, como parece estar sendo, pela recomposição e reajustamento das peças já montadas mas cujo funcionamento se acha emperrado ainda por causas perfeitamente removiveis dentro dos recursos orçamentarios communs.

Não sabermos, através de todas as difficuldades, recompor intelligentemente o nosso organismo militar é deixarmos a Nação sem força, á mercê das forças que se oppõem á sua evolução e que tendem a desagregá-la ou delapidá-la, internas ou externas.

O *problema immigratorio*, para não ser illogico em sua solução, impõe, exige um órgão de *fusão e consolidacção da Nacionalidade* e nenhum mais efficaz que o Exercito com o seu serviço militar seriamente montado; o problema da *reeducacção nacional* não encontra melhor instrumento para fazer a educação physica, criar a noção da disciplina, cultivar a idéa cívica, que o Exercito bem apparelhado e organizado; os proprios problemas industriaes e agricolas encontram na satisfacção das necessidades e nas previsões de emprego militares, estimulantes e reguladores poderosos.

Nenhum melhor guia encontrarão jamais os problemas ferroviarios, rodoviario, das vias de communicacção em summa, que seguir os roteiros traçados pelas necessidades militares, que se calcam na *força nacional já existente* — POPULAÇÕES E RECURSOS ECONOMICOS REALIZADOS — e não investem impensada e desnecessariamente contra as fronteiras alongando e tornando debeis as vias já existentes, espalhando os recursos, aggravando as cruces e tornando a Nação indefesa!

Infelizmente, tardam certas medidas annunciadas, muito embora seja segura a marcha actual denunciada pelos actos do Governo, mas ainda é tempo de neste resto de anno serem decretados os actos officiaes necessario, á reorganização fundamental cujos pontos capitaes a mensagem presidencial tão bem assignalou. Pelo menos o "*Conselho da Defesa Nacional*" e a nova "*Lei de promoções*" não dependem essencialmente de vastos recursos financeiros.

A GUERRA CHIMICA

Dr. Alvaro Bittencourt de Carvalho

O que abaixo publicamos é um extracto de uma conferencia que o illustre professor Dr. A. B. de Carvalho deixou de fazer em 1922 e que ainda permanece inedita. N. R.

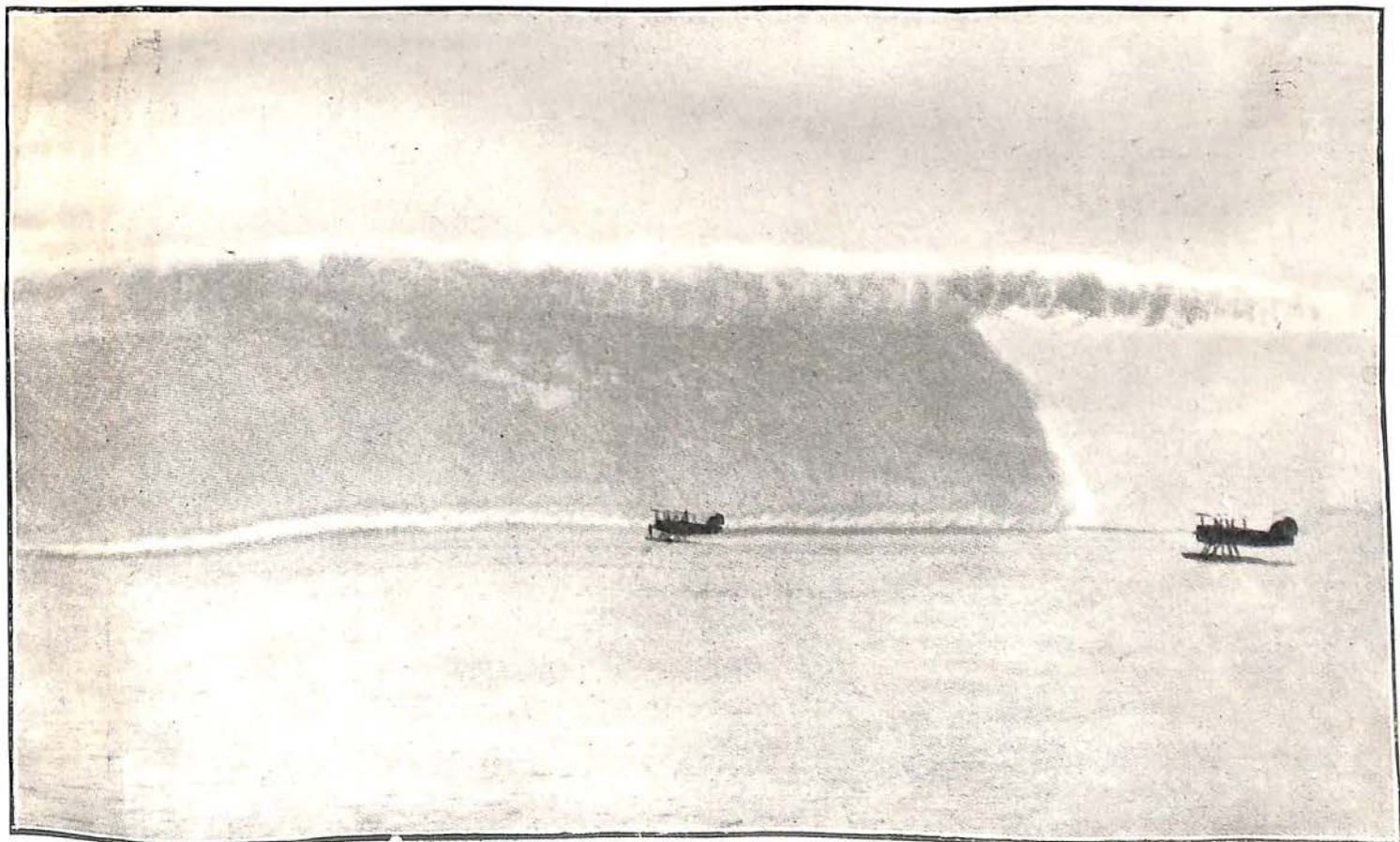
GASES DE COMBATE

A Guerra Chimica é um novo methodo bellicoso que, repellido embóra pelos utopistas e seus sectarios inconscientes ou, só em publico, pelos *hypocritas internacionaes*, é acariciado atrás das cortinas das chancellarias e dos estados-maiores como o meio de guerra mais logico no espaço e no tempo, producto que é do aperfeiçoamento do genero humano.

Não penseis que exaggero ou que estou a fazer a apologia de innovações que, por deshumanas, cairão fatalmente. Não me queiraes lembrar que a Guerra Chimica, condemnada antes de nascer pela Conferencia de Haya de 1899 e pelo artigo 23 das regras de guerra do Congresso da Paz de 1907, foi solennemente sepultada pelo artigo 171 do tratado de Versalhes; não vos sirva de argumento contra mim a clausula V das conclusões da Conferencia do Desarmamento approvadas a 16 de fevereiro do anno passado, em Washington, e agora ainda a se arrastarem pelas camaras legislativas europeas, em busca de ractificação; nem, finalmente, me perturbeis o raciocinio fa-

zendo vir á minha imaginação a deusa eternamente linda da Paz, que ainda agora, de braços abertos no pincaro dos Andes, bafejava com seu halito sadio, no templo augusto da Capital do Chile amigo, amor, concordia, harmonia, nas almas jovens das nações americanas.

Na ordem inversa, eu vos responderei: 1º) como já disse alhures, os carinhos dessa deusa, que é tanto mais bella e desejada quanto, através de todas as idades, mais tem sido profanada e repellida, a Paz, não se gozam quando se quer e sim quando não-lo permitem. A conclusão c) do illustre chileno dr. Huneus, relator da Comissão de Armamentos na Conferencia de Santiago, e por todas as nações deste continente com muita satisfação approvada, nada mais é que uma reiteiração, só para as tres Americas, da prohibição dos gases e substancias semelhantes, expressa na citada clausula V da Conferencia de Washington, vós o sabeis, a Sociedade das Nações, em sua terceira assembléa, adiou a discussão de tal prohibição e respectiva approvação internacional para uma conferencia a ser celebrada ulteriormente, depois da de Santiago, e, parece-me, já agora annunciada; 2º) a restricção opposta pela França á approvação da moção Elihu Root, na Conferencia de Washington, deixou nas entrelinhas a duvida de como será observada, mesmo pelas cinco nações aí representadas, a clausula V acima referida. Por sua vez a declaração sensatissima do illustre dr.



Hydroaviões deante de uma cortina de fumaça lançada por navios de guerra.

Guilherme Valencia, presidente da delegação colombiana á Conferencia de Santiago, resalvando o direito do uso dos gases asphyxiantes, como dos submarinos e aeroplanos, como justo meio defensivo a ser usado pelas nações militarmente francas, confirmam a minha asserção; 3º) a posterior preocupação da prohibição da Guerra Chimica, mostra a confiança que a codificação de Versalhes deixou, sobre tal assumpto, nos proprios, como nós, que a assignaram; 4º) eu vos respondo perguntando: "as regras estabelecidas e solennemente subscriptas, na cidade da Paz, pela maioria das nações do mundo, impediram talvez o nascimento da pre-condemnada Guerra Chimica?"

Sejamos pois logicos e concluamos na sensata companhia da legião de observadores modernos, militares, philosophos e scientistas em geral, que a Guerra Chimica não morreu.

Pois se ella quasi nem viveu ainda? A 22 de abril ultimo, como sabeis, foi que se passou o oitavo anniversario do seu nascimento, lá, na heroica Belgica, entre Langemark e Bixchoote, onde mais de mil e quinhentos franceses, dos 5.000 então intoxicados, ficaram mortos em holocausto ao factor tactico ainda hoje tão descurado — a surpresa... Ella agora é que está formando, não como as crianças pobres da sua idade, ao céu aberto das ruas, entregues ao Deus dará, mostrando, através dos seus farrapos, as formas rachiticas de seus corpinhos, mas, rebento unico sobre que repousem as esperanças futuras dos Estados, ella cresce bellicamente linda, no interior resguardado dos laboratorios e gabinetes de pesquisas chemicas, confiada aos cuidados de sabios e especialistas, coberta com o tecido espesso e valioso do segredo militar; só sae para jardins colossos, que são os campos de demonstração, onde tropas especiaes verificam frequentemente o gráu de desenvolvimento que vae attingindo; e é satisfeita em todas as suas exigencias pelo ouro não poupado nos orçamentos das nações previdentes.

Ella viverá muito, viverá mais ainda que a polvora e os explosivos, pois, como bem disse a 9 de outubro ultimo no Circulo Militar Argentino o grande az francês, Capitão René Fonk, se o seu progresso continuar assim, os explosivos poderão ser supprimidos na aviação, que vae ser em terra o meio decisivo das lutas no futuro.

E depois, senhores, aí está a historia militar. Todos vós a conheceis a fundo para bem poderdes confirmar que ella não registra um só caso de uma arma nova e proveitosa ou de um progresso tactico, que tenham sido abandonados, depois de ter sido comprovado o seu valor effectivo; — e o da guerra chimica está mais que demonstrado. — Nenhum convenio ou tratado provou até hoje possuir força sufficiente para impedir que uma nação em desespero, na ansia de salvar a sua propria existência, busque e lance mão do meio que julgar mais vantajoso empregar para consegui-lo.

Não se trata de bom senso militar; a propria logica commum não permite acreditar que uma arma conhecida e proveitosa possa ser eliminada da guerra por meio de um simples convenio, de um recurso de diplomacia, rhetoricamente levado a termo em tempo de paz e de conforto.

A guerra chimica é um facto; a preparação para ella uma necessidade, que já chegou á ser comprehendida até na China, pois conforme nos disse a *Associated Press* em seu telegramma de Pekim de 21 de maio ultimo, aquella nação pediu a uma fabrica americana instrucções sobre fornecimento e preços dos gases utilizados na Guerra Mundial, bem como sobre a maneira de os empregar.

A Guerra Chimica viverá e o seu apparecimento se tornará mais legendario ainda que o das primeiras bombardas inglesas no campo de batalha de Crécy, em 1346.

Procuremos pois aprendê-la e cuidemos de nos preparar para ella. *Não nos esqueçamos nunca que, no concernente á defesa nacional, o sentimentalismo é suicidio; a imprevidencia um crime, e o pouco caso uma traição.*

* * *

Já muito vos falei, senhores, sobre a entidade que ora vos vou apresentar. Conhecei-a com a sua physionomia actual, mas não ponhaes peias á vossa imaginação, quanto aos aspectos com que ella apparecerá no futuro.

Ao que se sabe, ella hoje se resume nos chamados *gases de combate*, nas fumaças protectores, aggressoras ou signalizadoras, nas chammas aggressivas, destructivas e illuminativas e nas substancias neutralizadoras.

Seria absurdo pretender falar-vos sobre tudo isto em uma unica conferencia. Só sobre cortinas de fumaça, e com extraordinario proveito para nós, se fariam varias conferencias, tanto mais lucrativas, quanto mais illustradas podessem ser.

Imaginae eu aqui a falar-vos sobre a technica dos engenhos fumigenos, sobre sua preparação, sobre as propriedades a satisfazerem, sobre o seu emprego tactico e logo em seguida a vos mostrar, por essas janelas abertas, em pleno dia, alguns aeroplanos, antes tão visiveis a nós, desaparecerem quasi que instantaneamente a um signal meu por fumaça colorida, envolvendo-se em nuvens artificiaes de denso fumo branco, por elles proprios ao seu redor provocadas; supponde, que em dado momento, interrompo a minha conferencia e convosco corra a espiar a nossa Companhia de Carros de Assaltos que, garbosa e devagar, aqui junto passa bem visivel; a um tiro de pistola que um de vós daria, um traço opaco de convenionada côr se formaria no ar e o alvo de nossas vistas, accelerando a marcha, se cobriria com espesso lençol de fumo, desaparecendo na primeira esquina, sem nos deixar vêr sua manobra...

E sobre chammas?... Aggredindo, ou então destruindo pelo incendio, material descoberto, material bem guardado, material fluctuante, material mergulhado...

Pois se a Chimica sabe casar a agua com o fogo... Haja potassio, haja mesmo sodio e verificareis; não sabemos todos nós que o ultimo typo da "Baby Incendiary Bomb" inglesa, usada na Grande Guerra, manda chammas á superficie do liquido em que cae, inclusive a agua, mesmo de uma profundidade de mais de sessenta centimetros?...

Não sabemos nós que as bombas incendiarias americanas, de base de oleo solidificado, que se liquefaz no momento da explosão, espalham chammas á flôr das aguas?... E isto é facil de comprehender: o oleo é combustivel e sendo mais leve que a agua e nella não sendo miscivel, sobrenada; a chamma que lhe é communicada e que poderia ser abafada por uma vaga que viesse a rolar sobre ella, é alimentada em virtude da reacção que se opera entre a agua e o sodio, que se distribue á sua superficie.

Não sabemos nós que as bombas marca II e III, usadas pelos Estados Unidos, penetram através das mais reforçadas coberturas de edificios e vão levar o fogo no seu interior; e que as do typo dispersivo lançam chammas em logares descobertos, num raio de mais de seis metros do seu ponto de contacto?...

Penha é não poder eu aqui diante de vós falar sobre tudo isto, mas tornando bem claras taes verdades, só com

satisfacção aceitaveis, no campo experimental. Como seria conveniente mostrar-vos na pratica o que é o *lapis azul* com que os alemães tantos incendios causaram. Eu estou, por exemplo, junto de um deposito de material facilmente inflammavel ou combustivel: tiro um *lapis azul* do bolso e começo a apontá-lo; de longe alguém me observa, na crença de que talvez me preparo para levantar um *croquis* da região; disfarço, entrego o lapis no material que pretendo destruir e vou-me embora. Meia hora se passa e no interior do lapis o acido sulfurico, que se derrama do tubo capillar, cuja ponta eu quebrára, filtrando-se através de uma camada de argilla, vae reagir com o chlorato de potassio, atrás della collocado, e produzir a explosão, que fornecerá a chamma para o incendio. Eu estaria longe...

* * *

Outro ponto que daria para varias conferencias e que não nos tem preocupado, porque ainda não nos desconvencemos de que... — "Deus é brasileiro" —, é o referente aosapparelhos de protecção individual.

Eu vos provaria que, se a fatalidade nos obrigasse a aceitar uma guerra e se o inimigo *bomzinho* nos agredisse em regra, mas com o mais benigno dos gases conhecidos, bastava que o ataque fosse feito em um dos nossos dias de verão e que durasse algumas horas, para que nós depressa lhe entregássemos a palma da victoria. Isto porque, não cuidamos ainda de estudar um typo de mascara utilizavel em nosso clima.

E, entretanto, nós sabemos que o soldado moderno, sem uma mascara efficiente, não está sómente mal equipad; como bem diz o major Lefebure, no seu "*O Enigma do Rheno*", "achar-se assim deante do inimigo equivale a estar completamente nú". Na guerra moderna, diz o major medico dr. Paulo Voivenel, "a mascara é tão necessaria ao soldado como o fuzil e a cartucheira"; e eu vos poderia affirmar que o é mais ainda, citando numerosos casos de retiradas precipitadas, durante a Grande Guerra, em que, entre milhares de soldados que chegavam aos pontos de concentração da retaguarda sem fuzil, sem sabre, sem cartucheiras, sem capacete e sem calçado até, rarissimos eram encontrados sem o apparelho de protecção contra gases. Mas tal não é preciso; basta que nos recordemos sempre da grana investida allemã contra Amiens, em março de 1918; de 10.000 soldados ingleses que durante a acção se extraviaram, 6.000 foram encontrados depois sem o respectivo fuzil, enquanto que menos de 600, entre os 10.000, tinham se desfeito de suas mascaras.

Mas voltemos ao nosso caso; ao caso da utilização das melhores das mascaras conhecidas, no clima do Brasil.

Admittamos que optimos sejam os cartuchos e as caixas filtrantes dos ultimos typos do S. B. R. inglês (Standart Box Respirator), da mascara alemã, da mascara americana modelo 1919, como esplendidos na realidade o são os do A. R. S., ou a do Apparelho Tissot franceses, já entre nós conhecidos; a mascara, propriamente dita, de nenhum delles, entretanto, eu vos asseguro, se presta ao nosso clima. A do proprio K. T. M. americano (Kops-Tissot-Mask), considerada pelo Serviço Chimico de Guerra dos Estados Unidos, como o melhor dos apparelhos de protecção contra gases, eu não sei se poderíamos adaptar ao nosso uso. Entretanto, diz o Coronel Bradley Dewey, (America's Munitions, pagina 430) que uma turma de 6 homens da Field Testing Section, experimentando suas qualidades, passou uma se-

mana inteira, só a tirando do rosto durante 30 minutos em cada refeição e com ella dormindo e trabalhando, fazendo exercicios militares e tambem dansando e jogando *base-ball*, penetrando diariamente nas mais fortes concentrações dos mais terriveis gases, sem que nenhum delles tivesse soffrido qualquer mal. Mas, não nos diz o illustre chefe da "Gas Defense Division" em que estação do anno isto foi feito. E que o dissesse: a temperatura do curtissimo verão dos Estados Unidos está longe da que é normal durante quasi o anno inteiro na maior parte do nosso país.

Sem querer levá-los ás caatingas do nosso sertão, eu quereria vêr esses heróes de comprovada resistencia physica, em certos dias de certos mezes, na nossa bem arejada Avenida Rio Branco, supportarem algumas horas apenas aquelle apparelho no rosto.

Se lá mesmo o uso prolongado do S. B. R., inglês, feria a muitos os labios e as gengivas e o Tissot francês causava fortes dôres de cabeça, pela pressão que o reforço do contorno da mascara exercia sobre o frontal e sobre as temporas...

Os melhores typos de mascaras até agora conhecidos serão a ultima palavra quando se tratar de um clima frio; no nosso, a mascara não pôde ser collante ao rosto; valvulas adequadas devem permittir o accesso a este de ar puro e fresco, que o banho integralmente a cada inspiração, e que do seu contacto seja afastado ao rythmo da expiração.

...Quem de nós já se não viu alguma vez obrigado, para salvar um terno ou um uniforme novo, a vestir um impermeavel ou capa de borracha e desta maneira arrostar uma chuva no verão; já em caminho o pobre coitado anseia por se livrar da cobertura que o incommoda, mas que lhe salvará a roupa, deixando-lhe ao mesmo tempo o corpo resguardado; chegado a destino, a decepção é cruel: livrar-se do banho de agua doce, mas tem as roupas enxarcadas pelo liquido salgado que seus póros secretam e que, impossibilitado de se evaporar, molhou-o completamente. Entretanto, o capote se abria em baixo e era folgado...

Imaginae agora uma mascara de tecido cauchutado que, além de se collocar ao rosto, só abre para o exterior pelo insignificante orificio da valvula expiratoria...

Se as simples e folgadas mascaras de carnaval são entre nós, por insupportaveis, arrancadas a miude das faces nos dias de loucura foliona...

O problema da mascara é para nós muito serio...

* * *

Prosigamos.

Gases de guerra ou gases de combate são substancias chimicas solidas, liquidas ou gasosas, que se destinam a tornar mortal ou simplesmente molesta a atmosphaera do campo de batalha. O nome de *gases* resultou, segundo uns, do estado physico normal da primeira substancia chimica empregada — o chloro —, aliás usada em estado liquido e sob forte compressão, mas tornando-se gás á temperatura e pressão ambientes, logo á sahida dos cylindros que o continham. Segundo outros, porém, taes substancias são chamadas *gases*, porque o vehiculo que as leva a produzir seus effeitos nocivos é o ar, mistura de gases.

O facto é que, a maioria dos chamados *gases* são normalmente liquidos que, ou se vaporizam, devido á sua alta tensão de vapor (volatilizam-se, como em geral se diz), logo que são lançados na atmosphaera, ou, pelas acções mecanicas que occorrem no momento da explosão por projectis que os contêm, se nebulizam, sendo as

gotículas resultantes vaporizadas depois, misturando-se com o ar.

O fim tactico da diminuição do effectivo combatente é por elles conseguido da mesma maneira que pelo emprego dos demais meios de acção: ora matam logo, sem ao menos permittir a retirada com vida das linhas de combate; ora deixam suas victimas attingir as ambulancias ou os hospitaes, permittindo-lhes viver horas, dias e até meses, mas como sobrecarga, nas organizações sanitarias; outras vezes se limitam a lhes tirar a efficiencia na luta, cegando-os passageiramente, provocando-lhes espirros consecutivos, vomitos incoerciveis, dores de cabeça, de garganta, etc., etc.

Sobre taes modos de agir relativamente ao organismo animal, basearam os franceses a classificação physiologica já muito vossa conhecida.

E' um methodo de seriação que mais convém ao serviço de saúde; ao estado maior ou ao commando o que interessa é o numero de baixas e não o modo por que se verificam estas. Além disso, muitos gases tem ao mesmo tempo propriedades aggressivas muito diversas: a classificação physiologica para attender a tal, teria que olhar para a prevalencia de sua acção, o que nem sempre é facil de estabelecer, pois que depende em geral da concentração com que foi empregado.

Poderíamos resumir physiologicamente os gases em 4 categorias: *toxicos*, que, através das redes bronchiaes, penetram pelo sangue em todo o organismo: uns, como *asphyxiantes* (oxydo de carbono), impedem o sangue de manter a vida das cellulas; outros, como *paralysantes*, (acido cyanhydrico), actuam sobre o systema nervoso, interrompendo as relações entre o cerebro e os órgãos. *suffocantes*, que atacam a trachéa, dos bronchios e os pulmões, dificultando ou supprimindo a respiração, (chloro, phosgenio).

Vesicantes, por alguns chamados causticos, por outros vitrioladores, atacam qualquer mucosa que attingem, produzindo, quando tocam a pelle, vesiculas, com queimaduras mais ou menos profundas. O typo usado na guerra foi o *sulfeto de ethylo dichlorado*, gás *mostarda* ou *yperite*; mas prompto se achava para terrivelmente o substituir em 1919, a *Lewisite* (chlorovinnyldichloroarsina) que, além de produzir vesiculas, com queimaduras de attingirem os ossos, mata entre uma e tres horas, pela facilidade com que o organismo o absorve e pela conhecida acção ultra venenosa dos compostos arsenicaes.

Finalmente, *Irritantes*, como os *lacrimogenios* (*bromaceton*, *brometo de benzyla*, *cyaneto de bromobenzyla*), etc., que atacam os olhos; os *esternutatorios* (*diphenyl-vomotivos* (chloropicrina), que produzem vomitos incoerciveis, e tambem, segundo o distincto medico militar italiano dr. Armando Businco, os *evacuantes* (mercaptans), *sulphydratos de ethyla* e de *methyla*, que desarranjam seriamente os intestinos de suas pobres victimas, obrigando-as a evacuem... seus postos de combate.

Vejamos agora a classificação sob o ponto de vista tactico, a adoptada pelos exercitos americano, inglê e alemão, e com a qual os proprios franceses concordaram.

Ella é dominada pela propriedade physica da "tensão do vapor", admittindo, como ficou, tecnicamente, que um gás de combate deve ter uma densidade de vapor a mais forte possivel. Assim sendo, as substancias chimicas empregadas como gases de guerra são *fugazes*, isto é, de forte tensão de vapor, ou *persistentes*, isto é, de fraca tensão de vapor.

Mas, parece-me que estou a vêr alguns dos distinctos camaradas que aqui me ouvem, quererem me perguntar:

como intervem na tactica este principio da tensão do vapor?

Responderei de uma maneira concreta.

Supponhamos, por exemplo, que a artilharia bombardeou com obuzes de gases persistentes uma posição que a infantaria deverá em seguida tomar de assalto: quando os infantes chegarem á posição inimiga, serão tão molestados pelos gases de sua propria artilharia, quanto o tiverem sido os anteriores occupantes da trincheira.

Se, pelo contrario, a artilharia se tiver servido de obuzes carregados com productos *fugazes*, o inimigo terá soffrido seus effectos por occasião do bombardeio, mas o assaltante não será incommodado. Donde, pois, segundo a tensão de seu vapor, e gás convirá a este ou aquelle fim tactico.

A interdição de uma estrada, de um fosso, por exemplo, não poderá ser obtida senão por meio de gases persistentes; pelo contrario, quando se deseja apenas deter o inimigo, para logo em seguida sobre elle cahir em contra-ataques, os productos *fugazes* serão os empregados.

Na pratica, certa categoria physiologica de gases corresponde a um grupamento tactico; outra a outro: assim, em geral, os suffocantes, os toxicos, e os esternutatorios são *fugazes*; emquanto que os lecrimogenios e os viciantes são persistentes.

Os alemães introduziram um terceiro grupo nesta classificação: os productos *penetrantes*, que, em estado de poeira finissima, pôdem atravessar os filtros das mascaras.

Estas tres características tacticas eram distinguidas entre elles, pela differença de côr da cruz que ornamentava a ogiva do obuz: *azul*, para os que continham productos penetrantes, *verde*, para os carregados com gases não persistentes, *amarela*, para os carregados com a terrivelmente persistente *yperite*.

Os americanos, como que ligando as côres de sua bandeira á guerra chimica, empregaram listas vermelhas para indicarem a persistencia do gas com que carregavam seus projectis e brancas, traduzindo a não persistencia do producto. Ainda hoje assim são caracterizados seus obuzes, avaliando-se a maior ou menor intensidade da propriedade tactica, pelo numero das listas: assim tres listas vermelhas denotam que o producto de que está carregado o obuz é mais persistente do que o que constitue a carga do listado apenas uma ou duas vezes.

Os franceses adoptam a numeração: assim seus projectis n.ºs 4, 4Bis, 5 e 8 são carregados com toxicos *fugazes*, extraordinariamente efficientes, mas que sendo muito volateis se vaporizam inteiramente no momento da explosão, formando nuvens mortaes, mas de rapida duração; por outro lado, os projectis n.ºs. 7, 9, 12, 14, 16, 20 e 21 são carregados com liquidos fracamente toxicos, se bem que sempre lacrimogenios, mas extraordinariamente *persistentes*, que permanecem sobre o terreno, com efficiencia aggressiva por varios dias.

Entre os persistentes elles distiguem o n.º. 20, pelo caracter tactico da *insidiosidade*, reservando-lhe a propriedade de *vesicante de effeito retardado*, por não denunciar a sua presença, nem pelo cheiro, nem por seus effectos, que só se manifestam posteriormente.

Os italianos, adoptando a classificação physiologica, distinguem seus diversos projectis chimicos por meio de faixas: assim uma faixa *branca* indica que é asfixiante: *amarela* ou *cinzenta* (conforme o calibre), quer dizer que é lacrimogenio; *verde*, que é irritante, caustico ou vesicante; faixa dupla *branca* e *amarela* ou *branca* e *cinzen-*

ta (conforme o calibre) significa que o projectil é ao mesmo tempo lacrimogenio e asfixiante, etc..

Os symbolos da mesma côr, sub-postos, traduzem então a especie:

Na — chloropicrina; P. d. O. ou V. O. G. — phosgenio; P. V. — mistura chlorophosgenio; Ro. — iodeto de benzyla; F. Z — yperite; E. Z. — chloreto de cyanogenio, etc.

* * *

Deixemos, por enquanto, assim em esboço, o uso tactico dos gases e vamos á technica do seu emprego.

Ella se resume em gerar *vagas* toxicas ou asfixiantes, que serão levadas pelo vento ás posições inimigas e em produzir, pela explosão de projectis, *nuvens* baixas dentro de suas trincheiras ou em qualquer outro local, que se deseje infeccionar, para interdita-lo, para evacua-lo, ou simplesmente para neutralizar a acção offensiva de seus occupantes.

As vagas, a principio eram geradas na frente das proprias trincheiras do atacante, por meio de cylindros de grande capacidade, cheios de gás liquefeito e comprimido.

Esses recipientes, enterrados, na proporção de 1 a 2 por metro corrente, no parapeito das trincheiras, e protegidos por saccos de areia, eram munidos de tubos de chumbo, que nelles penetravam até o fundo, de maneira a permittir a franca saída total do liquido, sem que a progressiva expansão interior a detivesse. Os tubos de emissão eram, por sua vez, reunidos aos 5 ou 6 em um só, que saia muito além do parapeito e cuja extremidade, terminava em esguicho, com torneira manejavel á distancia.

Quando o sól estava occulto e, portanto, não havia ainda correntes, ascendentes, que se produzem pelo contacto do ar com a terra aquecida e que dissipariam rapidamente os gases que á superficie do terreno apparecessem; quando não havia humidade, que dissolveria os gases, na sua maior parte hydrolizaveis; quando o vento soprava constantemente na direcção do inimigo e com uma velocidade regular, não menor de 2 e nem maior de 5 metros por segundo, o atacante accionava as chaves articuladas que abriam as torneiras dos tubos de emissão e o atacado ouvia o ronco semelhante ao de um motor em *démarrage*.

Uma densa vaga se punha a rolar pelo sólo, invadindo de roldão suas trincheiras, indo produzir ainda accidentes graves a 20 kilometros do ponto de partida, sendo sentido o odor do producto que a constituia até a 40 kilometros além. E não penseis que vagas taes só podiam caminhar no plano: em terreno accidentado, sabendo-se aproveitar as correntes locais, pôde-se levar uma vaga a acompanhar as depressões em que se encontram as villas, as aldeias, indo se fazer sentir igualmente muito longe. Foi assim que no ataque alemão na região de Richecourt, a 30 de junho de 1917, a vaga subiu uma crista e, rolando pela vertente opposta, foi levar muito á retaguarda das linhas de frente sua acção aggressiva. Já antes, a 7 de abril do mesmo anno, outra vaga dirigida contra o sector Limey-Fay-en-Haye, foi attingir a villa de Limey, tendo atravessado, primeiro, o pequeno valle que lhe fica abaixo.

"Logares habitados, anfractuosidades do terreno, montes baixos e bosques em geral, ondulações e depressões fortes do terreno" são as condições favoraveis ao emprego dos gases, como bem escrevia já em maio de 1921, na Revista Militar Argentina, o 1º Tenente Julio Checchi, que, depois de si proprio perguntar se os gases seriam aptos para a "nuestra guerra", a si mesmo responde "*Me veo tentado a afirmar que condiciones*

particulares de nuestra topografia fronteriza no sólo justifican la adopcion de gases, sino que imponen" e justificando sua resposta: "*Una rapida ojada a nuestro suelo hace descubrir el alto porcentaje de terreno cubierto por el "monte bajo". La neutralización del enemigo sólo podrá hacerse en ellos, apelando al gas*".

Antes de vos falar sobre outros processos empregados na technica da producção das vagas durante a Grande Guerra, illustrarei com alguns casos historicos os fins tacticos por ellas attingidos.

Vejamos primeiro na frente oriental: foi durante a primavera de 1915. Uma emissão de gases de 20 minutos de duração na frente de Nieborow, a 31 de maio de 1915, deixou mortos no campo russo 120 officiaes e 1.089 praças, sendo as baixas totaes de 53 officiaes e 7.735 soldados. Outra emissão, duas semanas depois, deixou em campo muitos mortos, que não poderam ser contados, por terem os russos perdido a posição; baixaram aos hospitaes, porém, 28 officiaes e 2.034 soldados. Outra emissão, tres semanas depois, resultou, entre mortos e baixados, numa perda de 87 officiaes e 9.913 praças, sendo que nessa occasião um regimento com 39 officiaes e 4.310 praças ficou reduzido a 4 officiaes e 400 soldados. Resumindo, em tres ataques por vagas de gases as baixas dos russos foram 140 officiaes e 21.000 praças.

Na frente centro-meridional, só a vaga lançada pelos austriacos, ou melhor pelos húngaros, a 29 de junho de 1916, contra os italianos, que occupavam a crista 7 do Monte San Michele del Carso, pôs fóra de combate cerca de 8.000 homens da 22ª Divisão.

Se passarmos para a frente occidental, vamos observar: O ataque de 22 de abril de 1925 contra os franceses, na frente de Ypres, na Belgica, que deu nascimento á guerra dos gases; a vaga de chloro emitida pelos alemães abriu uma brecha de seis kilometros nas linhas francesas; causou cerca de 5.000 baixas, sendo que 1/3 desse numero corresponde aos que morreram intoxicados no proprio campo ou nas formações sanitarias e a perda de cerca de 50 canhões.

Dous dias depois, na madrugada de 24, ali mesmo na parte nordeste do saliente de Ypres, nova vaga de chloro, desta vez sobre os canadenses, porque signal se achavam em sua maioria dormindo e foram terrivelmente dizimados. O saliente caiu em poder do inimigo, não se podendo por isso saber o numero preciso de baixas; foi porem calculado em mais de 5.000, só os mortos.

Outras vagas de terriveis resultados foram: as emitidas pelos ingleses contra os alemães, na batalha de Loos, em 25 de setembro de 1915; as que attingiram os franceses, a 19 e 20 de outubro seguinte na Champagne, onde o chloro intoxicou 5.096 homens, dos quaes 795 morreram; outra dos ingleses contra os alemães, na região de Givenchy, em dezembro do mesmo anno; a dos alemães contra os franceses, ao norte de Fonquescourt, no Somme, em 21 de fevereiro de 1916, onde, ainda o chloro tendo intoxicado 1.289 homens, dos quaes morreram 283, fez sentir seu cheiro caracteristico em Amiens, a 34 kilometros de distancia: outra dos alemães contra os franceses, na Champagne, em 19 de maio do mesmo anno, de que resultou a morte de 150 homens, dos 600 que intoxicou só nos primeiros 4 e meio kilometros de seu trajecto.

A vaga lançada pelos ingleses contra os alemães a 30 de agosto do mesmo anno, em Monchy, entre Arras e Bapaume, consumiu a carga de cerca 1.000 cylindros de gaz e produziu enorme mortandade no adversario, só comparavel á devastação soffrida pelas tropas francesas, por occasião da ultima vaga que os allemães lhes enviaram na Champagne, a 31 de janeiro de 1917. Esta at-

tingiu a 1ª linha do sector atacado, a 2ª, no sector vizinha, devido a obliquidade da direcção do vento, e foi produzir intoxicações a 22 kilometros á retaguarda, sendo que mortaes até 15 kilometros; della resultaram 2.062 baixas, das quaes 250 por morte no proprio terreno e 281, dos que deixaram de viver quando já em tratamento nas formações sanitarias.

Na batalha do Somme, diz o major inglês Lefebure, foram feitas pelas tropas inglesas 110 emissões de gases contra os allemães, todas de base de phosgenio; o seu collega e patricio capitão Auld, por sua vez affirma que a Brigada Especial de Engenheiros Reaes, de que fazia parte, em muitos dos seus ataques consumiu, de uma só vez e em dous minutos 160 toneladas de gás, sobre pequenos trachos da frente inimiga.

Foi preciso que os franceses descobrissem os preparativos allemães para a producção da vaga com que estes pretendiam brindá-los, na Champagne, em agosto daquelle anno de 1917 e com sua certa artilharia, elvejando as installações dos cylindros, os furassem, quando o vento era contrario ao seu funcionamento, fazendo assim com que se virasse o feitiço contra o feitiçeiro, para que tal systema de producção de vagas fosse por algum tempo abandonado.

Nos primeiros meses de 1918, entretanto, já o seu uso começava a resurgir. E' assim que as victorias dos italianos contra os austriacos, no planalto de Asiago, especialmente á de Valbella, que tantas vidas custou á nação austro-hungara, foram facilmente obtidas devido ao emprego de vagas toxicas emenadas dos cylindros italianos typos X e Y.

Finalmente, quando a guerra já estava a terminar, os ingleses voltaram a utilizar com successo, nos arredores de Lens e nos solientes de Ypres, a producção de vagas por meio de cylindros, mas sob uma modalidade nova. O chamado systema *beam* (irradiante), por elles então empregados, se resumia no seguinte: milhares de cylindros eram dispostos sobre vagões, que constituindo trens especiaes, eram preparados á retaguarda com toda segurança e vagar. Quando o momento opportuno se apresentava, os comboios partiam a toda velocidade e, circulando sobre linhas de bitola estreita, diante das trincheiras, iam descarregar de uma só vez, por meio da electricidade, toda a carga de gás de que eram portadores.

Escalonando assim varios desses trens diante de uma pequena frente inimiga, conseguiram os ingleses enviar contra ella a carga de cerca de 6.000 cylindros, em poucos minutos.

"A concentração de gás produzida desta fórma, diz um relatorio, é terrorifica, o factor surpresa muito mais accentuado e os effeitos os maiores que se poderiam de-sejar".

De futuro, pelos estudos que ultimamente se estão secretamente fazendo, tendo até já se chegado aos melhores resultados no campo tecnico experimental, os cylindros serão collossaes, como os que vemos serem utilizados no transporte de agua para irrigação ou no de liquidos combustiveis para os respectivos depositos fixos; serão couraçados e camouflados como os *tanks* e como elles dotados de automovimento em qualquer terreno, afim de se aproximarem, quando o vento fór adequado, e irem levar o aniquilamento e o terror junto mesmo das trincheiras inimigas. Que horror!...

* * *

Não foi só, porém, o insuccesso allemão acima referido, que suspendeu por algum tempo o systema de for-

mação de vagas por meio de cylindros; foi, sobretudo, a consideração de que a vaga perde sua concentração, na proporção do quadrado da distancia que percorre.

Daí, o nascimento do projector, destinado a formá-las directamente no meio ou nas proximidades do inimigo.

Esses engenhos simplissimos de arremesso chegaram a ser electricamente accionados aos milhares até de uma só vez (2.500, dispararam de uma só vez em Lens, os ingleses) e podiam lançar além de 1.500 metros tambores contendo de doze a quatorze kilos de gases liquefeitos (especialmente phosgenio), que formavam no ponto de queda, vagas de concentração sufficiente para fulminar aquelles que aí se achassem. Qualquer vento favoravel, depois, mesmo com a pequena velocidade de 1m50 a 2 metros por segundo, arrastava facilmente a vaga até a posição inimiga, onde chegava ainda muito mortifera.

Inventado por um engenheiro inglês o tenente, depois major Livens e pela primeira vez usado, em grande escala, pelas forças de seu país durante a batalha de Arras, em abril de 1917, elle deixou consternados os allemães.

Esse projector era formado por um simples tubo de aço de secção uniforme, diametro interno de cerca de 8 pollegadas, fechado em uma das extremidades, sobre a qual interiormente ia repousar a carga, que, como o projectil, era introduzida pela boca.

Taes tubos só deixavam apparecer fóra do chão a extremidade aberta; eram installados á retaguarda da linha de trincheiras, que os occultava pela frente, e protegidos contra as vistas dos observadores aéreos inimigos por uma bem feita *camouflage*, arranjada com folhas e ervas do proprio local; guardavam uma inclinação de 45° com o horizonte e a variação de seu alcance era obtida pelo augmento ou diminuição da carga propulsora.

A manifestação de sua existencia era repentina e dantesca: um ronco formidavel, um ou varios relampagos vivos a irromperem subitamente do sólo e logo, 12 a 20 segundos depois, vagas densas surgindo diante do inimigo, não lhe dando ás vezes nem tempo para levar a mascara ao rosto.

Os allemães, entretanto, não ficaram negligentes e apressaram a resposta; seus *Minenwerfer*, que desde 1915 já atiravam projectis contendo gases, passaram a lançar, com o mesmo fim de produzir vagas, bombas especiaes, com cerca de 18 litros de phosgenio e na noite de 5 para 6 de dezembro do mesmo anno de 1917 inauguravam em Richecourt, contra os franceses, o seu typo de projector não raiado de 18cms., e dias depois, na noite de 10 para 11, nos sectores de Cambrai e de Givenchy, empregavam-no contra os ingleses. A 30 de dezembro demonstravam novamente aos franceses, no sector de Lens, como por esse meio conseguiam submergi-los sob vagas de phosgenio, puro, ou misturado com diphosgenio ou com chlobrunhavam, em Bois-le-Prête, com o emprego do mesmo projector. Em sua grande investida de março desse mesmo anno e no decorrer desse e dos demais meses seguintes, até julho, usaram-no intensivamente e os americanos, por exemplo, devem ás fortes concentrações de gás a que tal systema de ataque conduzia, as numerosas baixas sofridas por uma de suas divisões. E não ficaram só nisto: a 21 de agosto surgiram nos Vosges com o seu *gaswerfer* de 158 millimetros, novo projector, de cano raiado, que chegava a mandar bombas a 3.200 metros, como ficou provado no ataque de 12 de outubro seguinte, contra Altkirch.

Por outro lado, para augmentarem a persistencia do gás que empregavam (phosgenio), serviram-se de um processo interessante: impregnavam, com o gás liquefeito, fragmentos de pedra-pomes, transformando assim a carga liquida em solida e obtendo uma volatização muito mais lenta. O emprego que tal projector iria ter, se não tivesse advindo o armistício, imporá aos Alliados a mais estricte observação da chamada "disciplina dos gases".

Em resumo, a producção de vagas por meio de projectores, tendo sido iniciada em abril de 1917, na batalha de Arras, pelos ingleses, que regularam fazer sempre umas 50 operações importantes desse genero, por mês, consumindo a média mensal de 300 toneladas de gás, terminou com a preparação do ataque de 1º de novembro de 1918, feita pela segunda divisão americana contra o centro das linhas alemãs, que ocupava os bosques das alturas do Mosa.

Foi por cylindros e projectores que se geraram as vagas gazozas empregadas na ultima guerra: as de fumo toxico, entretanto, iam ser postas em concorrência com ellas no anno de 1919 e certamente ganhariam vantagem, como lhes acontecerá de futuro. Esse fumo é produzido pela combustão das chamadas velas fumígenas, preparadas pela Inglaterra e pelos Estados Unidos. São estas, pequenas caixas metalicas, de uns vinte centímetros de altura, pesando cheias mais ou menos dois kilos e que que só funcionam, quando préviamente acesas, não apresentando, por isso, nenhum perigo o seu transporte.

O typo inglês contém um cylindro interior de aço, com o toxico (diphenylchlorarsina); este, distilando ao calor produzido pela combustão da mistura fumígena situada em seu redor, se desprende e se reúne ao fumo, com o qual é arrastado pelo sólo na direcção do vento.

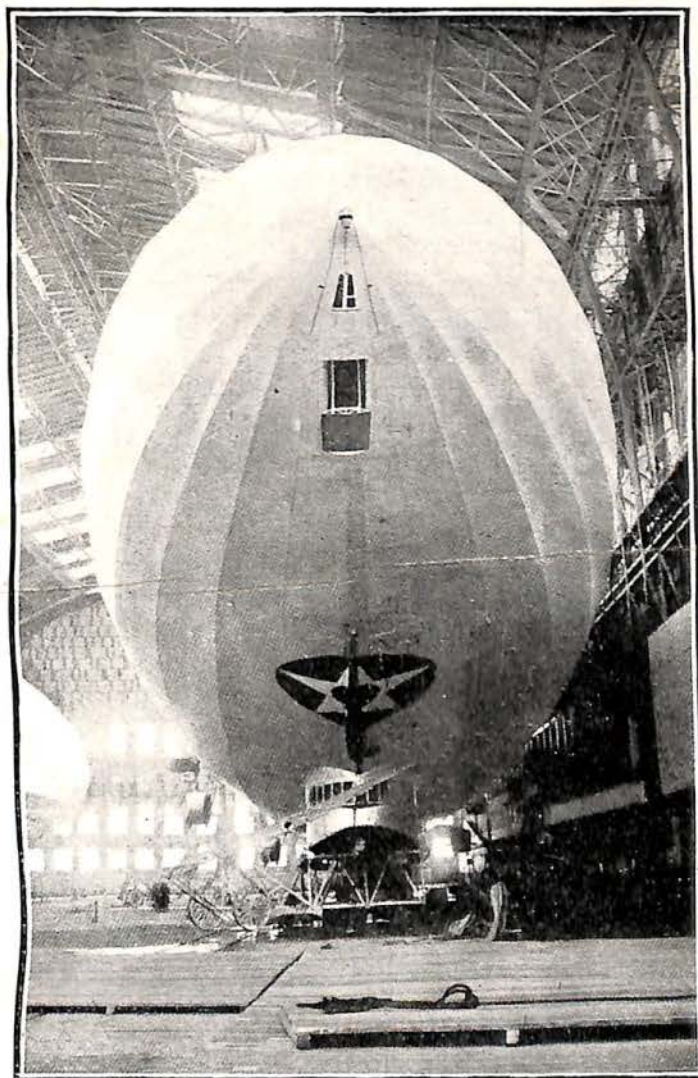
O typo americano não contém deposito especial para o toxico: elle é misturado com polvora sem fumaça, sendo o producto comprimido a 2.500 libras no cylindro metalico que o encerra.

A inflamação é feita, em ambos, mediante uma cabeça com massa phosphorica, que se esfrega contra um atritador commum.

São destinados os dous typos de velas a serem destruidas ás tropas de qualquer arma, que as utilizarão, collocando-as de metro em metro, no terreno, e as acendendo, quando as condições atmosfericas induzirem seus chefes e delas se servirem, para uma acção offensiva ou para cobertura de uma retirada. Apresentam a grande vantagem de poderem ser instantaneamente usadas, per-

mitindo assim terriveis surpresas, quando á noite, em suas trincheiras, o inimigo descansa desprevenido, sem ter as mascaras afiveladas ao rosto.

Continúa



O famoso dirigivel «Los Angeles», da marinha de guerra norte-americana, no hangar de Lakehurst.

Tres dreadnoughts do typo do «West Virginia» poderão ser enfileirados no hangar do «Los Angeles».

Do canhenho de um combatente da grande guerra—citado por Gustavo Le Bon: «Hoje ha alguma cousa de indefinido que paira acima de tudo, uma palavra de sentido imponderavel quando se analisa, mas sublime quando se pronuncia: Patria. Nós estamos num momento tal, nós vivemos uma pagina tão tragica que nós devemos todos cumprir nosso dever e quando que se faz mais que o dever não se sabe bem se é bastante».

A Ressurreição Militar

Não obstante a calma apparente que reina em nosso mundo militar e o aspecto rotineiro que muitos querem apenas vêr na actividade governamental dos ministerios militares, factos de iniludível significação atestam, ao contrario, que estamos francamente em via de ressurgimento.

A ordem administrativa, trabalho basico que era indispensavel fazer, attinge agora a um gráu sufficiente para que tenham inicio os andamentos de um progresso sensível e confortador e de toda a parte chegam-nos noticias alviçareiras de que o *trabalho* está sendo retomado *com fé na victoria*.

Claro é que ainda nos resentimos dos ultimos abalos, abalos que chegaram, a pontos bastantes profundos da nossa organização militar a pique de desfazer a verdadeira *mentalidade* que começavamos a crear francamente em beneficio da Patria e da propria prosperidade dos órgãos de sua defeza guerreira.

Essa *mentalidade* que assenta primeiramente na noção de ordem geral, *individual e collectiva*, que tem por base a cultura profissional visando a efficiencia da actividade em caso *unico de emprego na guerra*, estava sendo submergida por considerações secundarias, individualisticas, egoisticas, ou, ao contrario, demagógicas, super-idealisticas e chimericas e, tanto num caso como noutro, *des-truidoras*.

Não encaramos aqui senão os aspectos relativos aos interesses da *defesa nacional militar*, e nossas conclusões são fundamentadas nos inconvenientes que trazem empregos fóra dos destinos naturaes a todo *instrumento criado e montado* para um fim especial. E' claro que o Exercito e a Marinha têm existencia e foram criados unicamente *para guerrear*, no interior ou no exterior, sob regras e principios preestabelecidos e cuja inobservancia acarreta logo um phenomeno fatal de desaggregação.

Victimas de interpretações differentes, *mal empregados como meio de acção politica*, inhabil e impatrioticamente manejados, vimos perdidos quasi todos os frutos da actividade admiravelmente productiva de um grupo energico e batalhador que a partir de pouco antes de 1905, com Sousa Reis á frente, dia a dia acrescido, affirmava victoriosa a causa da defesa nacional.

O vendaval devastador não conseguiu, porém, arrancar do solo as raizes profundas lançadas pela fé e o patriotismo daquella pleiade de jo-

vens turcos e essas raizes, acalmados os animos começam agora a brotar viçosamente, conforme tudo indica por toda parte.

* * *

A visita presidencial á E. E. M. em exercicios em Itú no mês corrente, tem uma significação sem par nos annaes das relações entre o governo e as forças armadas.

A impressão profunda e accentuadamente caracteristica que o Sr. Presidente da Republica deixou naquella pleiade seleccionada de officiaes, ha de forçosamente repercutir por todo o Exercito levantando bem alto os animos e as esperanças sadias.

As phrases curtas, incisivas, energicas, claras, sem promessas bombasticas e sem floreios enganadores, repercutiram entre todos os officiaes como um signal vivo de interesse patriotico e da vontade calma, mas decisiva, com que o actual governo encara os supremos deveres que lhe impõem as necessidades da defesa da honra e do patrimonio que nos legaram os nossos dignos antepassados.

A manifestação do Sr. Presidente da Republica não ficou, porém, nas palavras de um discurso improvisado, e a forma mesmo da visita feita á E. E. M. reveste uma significação que todo Exercito deve conhecer, posto que parece attestar firmemente a maneira particular de agir do actual governo. A visita feita a 600 kms. do Rio de Janeiro não admittiu que pudesse ser deturpada em sua magnifica significação pelo aproveitamento da oportunidade para outros mistes-movel, o do interesse pelo Exercito Nacional, pela defesa nacional, levava o Presidente da Republica a Itú.

* * *

O momento em que, após os exercicios, o Sr. Presidente da Republica, cercado de mais de 80 officiaes de todos os postos, pode ver na mesa do singelo banquete, se assim se pôde chamar ao almoço que lhe foi offerecido, a physionomia do Exercito que não desanima e crê na victoria da Patria; esse momento faz-nos a nós pensar na grande figura do Prata, o presidente Alvear, o homem que soube dotar a progressista Republica

dos pampas com um poder militar digno de sua grandeza e de seus interesses.

A obra aqui terá de ser mais gigantesca e colossal porque são inferiores, menos favoráveis as condições do momento, actual brasileiro que o foram para a acção admirável do presidente Alvear as condições da Argentina.

Lá, havia recursos financeiros mais fáceis e o Exército bem recomposto e preparado por um *systema de promoções efficiente*, intelligente e logico e por um *serviço militar* já aceito pela Nação e sabiammente praticado pelas autoridades, facilitava immensamente a tarefa. Lá, era apenas uma questão de creditos...

Aqui, a primeira cousa a fazer é permittir o surto de uma *mentalidade apropriada*, o que na pratica só poderá ser obtida por uma *lei de promoções moderna e intelligente*, sem rotina e sem fantasias, e por um *serviço militar geral*, sem odiosas exclusões, encarado como uma necessidade nacional e um titulo de honra para o cidadão.

Ao par dessa reforma essencial o aparelhamento material se impõe como complemento e como necessidade de urgencia, como elemento de previsão ás eventualidades que podem sempre occorrer em meio da jornada reformista, necessariamente longa e morosa.

* * *

E', como se vê uma obra gigantesca a realizar, mas para a qual apenas é necessario uma vontade energica e firme condusida por uma intelligencia esclarecida e animada de sentimentos verdadeiramente patrioticos.

Essas condições parecem asseguradas e é assim que não tememos a illusão de ver encarar que as questões da defesa nacional se reduzam a *questões de ordem material*. A Patria continuaria desarmada se dispuzessemos de um material de guerra abundante sem que tivessemos capacidade e preparo sufficiente para usá-lo.

O orientador de nossa E. E. M., o mestre francez de raros meritos, cuja palavra clara, incisiva e honesta tem illustrado já mais de cinco turmas de officiaes, traçou em phrases simples mas de peregrina belleza, os moldes verdadeiros de uma cultura profissional para a guerra.

Delineou, frente as mais altas autoridades da Republica, *sem calçar luvas*, como um *militar sens peur et sans réproche* que é e de que sabe dar o exemplo, o methodo unico e efficaz capaz de conduzir o Exército, por *um trabalho honesto e fecundo*, á sua verdadeira grandeza.

E' facil deduzir de quanto ensinou *Derougemont* — e as autoridades puderam ouvir expressas por quem é mestre e não póde ser suspeito de interesses secundarios ou occultos — que a verdadeira reforma militar do Brasil importa antes de tudo numa *reforma de mentalidade*.

Infelizmente bem poucos, e cada vez menos poder seguir o methodo de trabalho delineado?

Quantos em seus postos têm consciencia de a proporção que se ascende na hierarchia, poderiam emprehender e *teriam animo* de trabalhar pelo *methodo unico de ensinar a guerra*.

* * *

Foi, portanto, de todos os modos fecunda a visita presidencial, enchendo de jubilo os corações patriotas que a assistiram ou conheceram.

Dará certamente os frutos naturaes á sua alta significação nacional pela forte impressão que deixou no Exército focalizado na E. E. M. e dará tambem os frutos das impressões recebidas pelas proprias autoridades.

Nenhuma duvida, pois, deve pairar nos animos, de que a acção do governo vae permittir dentro em breve, vae forçar dentro de muito breve tempo a pratica sadia do systema de cultura profissional apontado e que é o unico methodo capaz de *ensinar a guerra* e tambem o principal factor para a formação de uma *mentalidade conveniente*.

A ressurreição militar brasileira apparece, pois, novamente sob alvicaireiros auspicios e oxalá não falte a ninguem patriotismo bastante para, com decisão, nella collaborar, para não lhe diffcultar o surto e desenvolvimento por mediocres vistas e sentimentos pessoases.

E', melhor que nunca, chegado o momento em que a ninguem é licito ficar ocioso e em que é nefandamente criminosa toda conducta retardadora ou resistente imposta quasi sempre por verdadeira incultura ou por excessos de um individualismo injustificavel e retrogrado.

Tudo nos mostra que «a guerra e a paz, bem como todas as cousas, boas ou más, nas relações humanas, e com ellas, os problemas concernentes ao bom ou mau uso nosso da materia prima, que a natureza ministra ás nossas acções, dependem sempre da justiça ou falsidade encerradas nos ideaes dos homens». (RUY BARBOSA, *conferencia em Buenos Aires, 1917*).

A situação brasileira no Rio Paraguay

CAP. J. LOBATO

Uma importantíssima questão de fronteira está sendo actualmente focalizada, na imprensa e no Congresso: a "*Navegação do rio Paraguay*".

Em país nenhum se toca em assumpto dessa ordem sem que seja suscitada correlatamente a idéa de defesa nacional, ainda mesmo que o caso seja como o da nossa fronteira de Mato Grosso, localizada dentro de um feliz ambiente de calma e de paz. Sobretudo para o militar, a sua propria razão de ser leva-o a tudo referir ao seu ponto de vista particular e elle falharia certamente á sua finalidade se de outra maneira viesse a proceder: deixaria de ser a sentinella vigilante na qual o país confia.

* * *

Qualquer referencia ao rio Paraguay, do nosso ponto de vista, deve ter como preliminar a consideração geographica de que esse rio, correndo de uma região interior, mediterranea e precariamente ligada ao centro do país, como é a região brasileira de Mato Grosso, para um grande centro maritimo de outra nacionalidade, como é a opulenta capital da Republica Argentina, actua politica e economicamente *como uma verdadeira força centrífuga, dispersiva em relação á primeira região e como força absorvente para a segunda.*

Além disso, quem conhece, ainda que superficialmente, a historia da grande republica do Prata, ha de haver notado a directriz dominante, hontem e hoje, na sua evolução: Buenos Aires a lutar, vencendo sempre para ser o centro de gravitação de toda a actividade da vastissima bacia, primeiro economica depois politicamente.

As antigas *carreteras* com as quaes a heroica provincia conseguiu desviar para o seu porto a corrente commercial que no começo da sua vida

era attrahida para o velho vice-reinado do Perú; as modernas vias-ferreas a investirem para o interior da Bolivia, em busca já da sua capital, já das regiões assignaladas como petrolíferas; a nordeste transpondo de um salto o rio Paraná, de Posadas a Encarnación e alcançando em lances ao mesmo tempo commercial e estrategico, a capital do Paraguay; as grandes arterias fluviaes que são os rios Paraná, Uruguay e Paraguay, rebuscando todas as zonas productoras desta parte do continente e sobre cujas aguas a bandeira argentina já é dominadora; tudo isso são os instrumentos que a republica do Prata não sómente emprega com efficacia mas aperfeiçoa cada vez mais, mantendo-os sempre como armas afiadas e brilhantes da sua sabia politica economica.

Por toda parte, na vasta bacia referida, a nossa feliz vizinha tem vencido e em virtude dessas victorias o seu prestigio, na America do Sul, é incontestavel.

No rio Paraguay traça-se, desde alguns annos, um dos capitulos da politica do rio da Prata, a que nos referimos — a luta pela dominação economica, na qual se defrontam os dois interesses: o brasileiro e o argentino; e somente o temor de acceitá-la tal qual ella se apresenta ou o receio de ferir susceptibilidades internacionaes, vão receio quando essas susceptibilidades não podem estar em jogo, poderiam impedir que a questão fosse expressa por essa singela formula commercial ou economica.

Não é exagero dizer que se trata de uma partida sobre o taboleiro da politica internacional sul-americana, na qual o Brasil joga uma cartada decisiva para o seu prestigio, pelo menos perante os ex-componentes do velho vice-reinado do Prata, e põe talvez em *checque* os destinos de uma

«O governo não pode ser responsavel pelo facto de que no começo do seculo XX, este país se deixasse tomar pelo idealismo, pela chimera da pacificação universal!»
(Palavras do M. G. da França, no parlamento de 1914).

grande porção do territorio matogrossense, precisamente aquella cuja conservação alcançamos ao preço de laboriosos prelios diplomaticos e acções militares sanguinolentas, sustentadas pelo nossos antepassados. E', portanto, um patrimonio de alto valor.

Além disso, o scenario não está vasio: dois espectadores que têm dependentes da importante via de comunicação interesses vitaes para as suas nacionalidades, não só contemplam a pugna, mas fazem, como é natural, jogo encoberto do lado do vencedor.

* * *

A navegação do rio Paraguay é a arma principal de que o Brasil póde dispôr para manter-se nessa luta, na qual a sua ausencia, como vasto ribeirinho e como velho dominador, seria uma confissão de fraqueza e de falta de comprehensão dos seus destinos neste extremo do continente, onde uma derrota sua seria a negação do passado do povo que produziu, no decorrer da sua historia, a alma victoriosa do bandeirante.

A organização actual da navegação brasileira ali não corresponde, porém, á missão que lhe cabe, principalmente porque agindo de Montevideo, onde ella tem sua base principal, auxilia aquella força centrífuga a que nos referimos acima, sommando sua acção, tornada assim dispersiva, á força dispersiva do factor geographico.

O porto de Montevideo foi um recurso commercial no tempo em que a vida de Mato Grosso dependia exclusivamente do rio da Prata.

Hoje não ha mais motivo para que a nossa navegação officializada mantenha em porto estrangeiro a base de suas operações, commerciaes, destinadas a satisfazer uma região do seu proprio país.

A navegação brasileira no rio Paraguay *deve ter como base de operações o porto de Corumbá*. Difficil será derrocar esta verdade evidente.

Ao lado dessa anomalia, nota-se tambem uma especie de contradicção na politica brasilei-

ra, ou pelo menos um desacôrdo entre os objectivos das nossas vias, ferrea e fluvial, que actuan no valle do rio Paraguay, contradicção e desacôrdo que resaltam de uma simples observação dos factos: a politica brasileira acena ao Paraguay e á Bolivia com uma saída pelo Atlantico, como mais rapida de que a actualmente feita pelo rio da Prata e, entretanto, tendo já a ponta da sua via-ferrea, que attende a essa promessa, em Porto Esperança, sobre o rio, continua a alimentar o escoamento de seus productos de Mato Grosso, pelo estuario daquelle rio.

Mais logico ou mais coherente com a sua these seria conjugar a navegação com a nossa via ferrea Noroeste, afim de demonstrar com factos incontestaveis que Santos é o porto do Atlantico destinado ao commercio exterior da região do Alto Paraguay e que São Paulo é o verdadeiro centro de gravidade economico dessa região.

* * *

Do ponto de vista da defesa nacional o aspecto economico se entrelaça intimamente com o aspecto militar, podendo-se mesmo dizer que a nossa integridade nacional, no valle do Alto Paraguay, depende mais de uma boa situação economica do que de uma defesa puramente militar.

Exigir das forças armadas, no triste dia em que uma dessas nuvens que se formam sem se saber como, vier toldar aquella ambiente de paz e de calma, a defesa militar da fronteira, significaria haver-se perdido a noção dos limites das possibilidades.

E esse desconhecimento da realidade é tanto mais grave quanto a fronteira soffre já ali a influencia da população, dos costumes, do espirito emprehendedor e da actividade commercial dos outros países que se abeiram, como nós, do famoso rio.

Se insistirmos nessa orientação contradictoria, só nos restará, depois da derrota, o recurso classico e poetico, mas não viril, de escrever, em estylo de alta tragedia ou de pungente drama, outra "Retirada da Laguna".

Somos de los aferrados a la ideia de que el militar se define verdaderamente en su culto por las fuersas morales, causa central de los éjercitos y de los fracasos en la lucha por la vida - (Coronel SMITH—da R. Argentina).

As Lições da Historia

"Nous sommes prêts, archiprêts, quand la guerre devrait durer un an, il ne nous manquera pas un bouton de guêtre".

Gen. Lebœuf

Pinta Zola, com a sua arte própria e o seu scepticismo de realista, um quadro doloroso de 70. A guerra começara havia semanas. O 7º corpo já gasto de caminhadas, falho, desorganizado, retrocedia para Belfort. Era a segunda vez que aí passava no curto espaço de dias. Primeiro, rumo ao inimigo — alimentado, cheio de fé, feliz; agora — em retirada, sem saber porque, desorientado, faminto, deixando atrás de si, com a desolação e a tristeza, a terra abençoada da Patria.

No coração de todos advinhava-se o drama. O inimigo não tardaria a manchar a honra e o lar da França. Para defendê-la não restava mais nada. Os corpos succediam-se uns aos outros, e, com elles, ia-se extinguindo pouco a pouco a esperança de qualquer reacção.

O 7º corpo é o ultimo a passar. Nas proximidades da cidade, á beira do caminho se destacava, isolada, uma casinha pobre.

Nella vivia uma mulher, uma camponesa que não quizera fugir. Era velha e a retirada lhe seria a morte certamente. Preferio ficar. Restava-lhe, talvez, a esperança de que lhe defenderiam a vida e os bens. E assim foi-se deixando estar, e acabou isolada, abandonada de todos. As tropas passaram durante todo o dia e ella contemplava o desfilar daquelles soldados cuja retirada ia entregar todo o seu trigo sazonado ao inimigo. Então comprehendeu tudo. Todos fugiam. Todos tinham medo ao inimigo. Só ella ficava. E num momento de indignação e de indefinível desanimo gritou:

— Canalias! Homens sem brio! Covardes!
— E gesticulava no ar, ameaçador e terrível, o seu magro braço.

O 7º desfilou todo. E ainda ao longe os soldados ouviam, destacadamente, aquellas duras palavras: Canalias! Homens sem brio! Covardes!

* * *

Verdade historica ou imaginação de artista, não importa. O quadro guarda uma possibilidade, uma justeza tal que vivifica. E' preciso viver

a tragedia daquella mulher para comprehendê-la. Da sua alma revoltada resalta uma lição que não se deve perder. O artista usou-a como um symbolo. O que ella representa vale um povo; vale a honra, a historia, a lingua, a communhão dos bens, da fortuna, dos lares desfeitos, abandonados pela incuria dos homens que governam, que dispõem de tudo, do erario publico e da vida dos cidadãos e cujo reflexo ella assistia ali, naquelle amontoado de soldados famintos, se retirando, abandonando tudo e deixando á mercê do inimigo, o seu trigo, o seu lar a sua vida, a vida e o lar de todos, sem respeito e sem lei.

A "Derrocada" é uma tragedia. *Ella pinta o martyriologio de um exercito lançado á guerra ao acaso, sem plano de operações, sem direcção, sem preparo, mobilizado face ao inimigo, espalhando seus corpos, inconscientemente, pela fronteira, sem ligação, com effectivos irrisorios, desprovido de tudo.*

Officiaes de 70, recebestes no soffrimento das retiradas, na humilhação de vencidos e na agonia de insultados o maximo das affrontas possíveis. Ao vosso drama não faltou nenhuma degradação. Fostes offendidos pela população, desrespeitados pelos vossos soldados, flagellados pela responsabilidade da vossa desdita. Chamaram-vos de covardes, quando apenas vos deviam lastimar. E se o vosso sacrificio não resgatou os vossos erros, a razão está em que a culpa do mal que vos fizeram e fizeram ao vosso país, apenas escondia-se em vós.

Quem se propunha a defender a patria? Quem no convívio diario da caserna, no trabalho silencioso do gabinete, na meditação e na previdencia das medidas, podia poupar á França tão amargurados dias?

Vendo-vos via o povo a propria culpa. Em vós se accumularam todos os erros dos homens que vos dirigiam, e o resgate foi a expiação cruel da vossa derrota.

Oh! a historia não parou em vós. O epilogo está sempre por escrever, porque *sempre haverá homens desprevenidos e povos despreocupados.*

Permittistes que com o vosso sangue se erigisse a "Derrocada". Por certo o artista demudou algumas das vossas physionomias; mentiu á historia; excedeu-se em fantasias, mas a lição ficou. Não nos commove, apenas, á vossa derrota. Esta emerge dos imponderaveis da guerra. Ater-

ra-nos a vossa derrocada, que só as épocas de imprevidencia assignalam.

Todas as épocas tem seus vencidos; todas as suas misérias, *mas só as de incuria soffrem o que vos soffrestes.*

A declaração do vosso Ministro da Guerra é o indice expressivo da vossa. Como esta — *outras existiram e existem, porque nellas os homens vivem mais de phrases que de obras.* E é por isso que a historia costuma graphar como epitaphio da sua esterilidade — uma declaração do teor da que ouvistes.

Que valeu a vossa tradição! Que valeu Castiglione, Marengo, Austerlitz, Wagram, se nada a mantinha em pé. Não! o inimigo não era o Prussiano. Este vos surgiu num acaso historico, como poderia haver surgido o inglês — o espanhol ou o italiano. O que vos combatia era a vossa incapacidade. E esta não foi preparada por elles.

No maximo, se quizerdes, elles a souberam explorar. E fostes abatidos e humilhados. Vêde, pois, que o inimigo é accidental. O erro é que é

perenne. Só elle conduz ás derrocadas porque vive a toda hora e em todo lugar. *Vive na incapacidade dos chefes, na insufficiencia da tropa, na falta de material, na imprevidencia, na vaidade, na inconstancia e por fim no crime de se enganar á Nação.*

Vive no soldado e no official, vive no corpo e na alma, vive no cerebro e envolve o organismo todo, até deixá-lo apodrecido e inutil, pasto das ambições e das velleidades de qualquer país, aventureiro. Bateste-vos como leões. Regastes o solo com o vosso generoso sangue, mas o heroismo não resgata erros. Póde minorá-los; nunca substituí-los. E por isso venceram-vos e era da lei.

Meditemos sobre a historia. Debrucemo-nos sobre ella — *não como diletantes nem como curiosos, mas como prevenidos.* Tiremos della essas amargas lições e, fazendo de cada hora um compromisso de honra, devotemos ao Brasil, as energias do todo o nosso amor, de todo o nosso interesse e de toda a nossa intelligencia.

AVIAÇÃO

Uma iniciativa notavel

Após o triste interregno de mais de quatro annos, quando a viação ameaçou de morte o nosso surto aviatorio, o récrudescimento da aviação entre nós apresenta um aspecto bastante animador, neste momento.

O actual governo, evidentemente ao par de grande numero de nossas necessidades e conveniencias theoricas, decretou e executa a organização da arma nova, cuja chefia está, felizmente, entregue a boas mãos, o que é uma accentuada garantia; e o povo demonstra por todos os modos o seu interesse e o seu enthusiasmo pelo formidavel engenho do progresso humano e tradús, em opinião publica muito clara, o desejo vehemente de que os céus do Brasil se coalhem de *aeronaves nacionaes*, bellicas, commerciaes ou meramente desportivas.

Só isto seria o bastante para affirmarmos victorioso o uso largo da aviação entre nós, se não fosse o temor do *nosso character* que põe constantemente em cheque as mais bellas, necessarias e urgentes realizações, porque não póde haver facilidades maiores a uma obra nacional que as que lhe concede uma opinião publica unanimemente favoravel e entusiasta.

Notavelmente a acção do governo encontra neste sentido o maximo de condições apropriadas, porque não tem resistências a combater.

A importância da aviação para o Brasil, no que diz respeito ao seu desenvolvimento geral, como no que se refere á sua segurança militar, é de tal ordem que fatalmente virá ella a ter aqui uma grandiosidade sobremodo assignalada.

As modalidades hesitantes e levianas de nosso character não autorizam, porém, fazer uma previsão segura, por-

que não permitirão talvez á nossa aviação um crescimento methodico, decidido, systematico, ella devendo ser tambem attingida pelos mesmos caracteristicos de nossos progressos em geral, isto é, etapas largas, lances amplos seguidos de longos periodos de esmorecimento.

Outra coisa não se está autorizado a esperar de quem deixou quasi perecer a bella obra do *Campo dos Affonsos*, de quem deixa inacabadas as Villas Militar e Marechal Hermes; abandona varios quarteis novos, construidos para as necessidades flagrantes do serviço militar; ou organiza uma aviação militar e deixa sem solução o problema da aviação naval e dá em muitas outras coisas, mostras de falta de *firmeza* em seu character, isto é, de falta de capacidade para esforços prolongados e continuos.

Só uma excessiva ingenuidade poderia crêr-differentemente, quando vemos a todo momento a impossibilidade em que a nossa gente se encontra para seguir um programma de acção traçado por outro ou idealizado no proprio cerebro.

Seja, porém, como fôr, a nossa aviação tambem vencerá levada aos hombros de um desses homens gigantes que, de quando em vez, arrastam o Brasil a novo lanço de progresso, cumprindo esse novo fado até que a nossa mentalidade reformada, reforme a seu turno nossa gente.

A acção educativa que modernamente toma vulto dia a dia, auxiliada pelo desenvolvimento de nossos recursos geraes, para os quaes ella mesma contribue fortemente, dentro em breve talvez consiga dar ao Brasil uma nacionalidade unificada em um *nitido ideal de Patria* e, então, as obras gigantescas de nossos homens eminentes não mais se delapidarão pelos pigmeus inhabeis.

Nesse dia, desaparecerá dentre nós esse aspecto de realizações oscillantes e incompletas porque uma opinião publica bem esclarecida, energica e activa, conduzirá os homens, gigantes ou pigmeus, a actuarem no bom sentido das conveniencias nacionaes, ou as alijará, *por incompativeis com a mentalidade nacional.*

* * *

E' no exemplo, segundo a phrase de Bacon, que reside o poder educador por excellencia (*Examples give more impression than arguments*) e é esta a norma do C. B. B. e dos seus associados, na acção que pretendem exercer em prol da grandeza desta nossa cara Patria e que já exercem.

E' um exemplo, sobretudo, que vem de dar o *Bandeirante* Eduardo Dale, organizando, á expensas proprias, em sua fazenda *Citrolandia*, em *Augusto Vieira*, a caminho de *Therzopolis*, um campo auxiliar de pouso com as dimensões iniciaes de 300 x 400 metros.

E' esta bella iniciativa lançada como um convite a todo brasileiro a agir em prol da aviação e, como tal, tem um valor duplo — o direito em relação aos interesses da aviação, e o indirecto, o valor *educativo nacional*. Imitado o exemplo, sob esta fórmula ou outra qualquer que lhe seja condigna, terá dentre em pouco o Brasil resolvido, por si mesmo, o seu mais seductor problema actual de communicações; e comprehendido, então, que a grandeza verdadeira de um povo não deve depender e ser obra exclusiva de seu governo e, sim, consequencia do valor intrinseco de

cada um de seus individuos. Banirá nosso povo de si a idéa de tudo esperar do governo e passando a encarar este como um mero coordenador das actividades individuaes em bem da Patria.

* * *

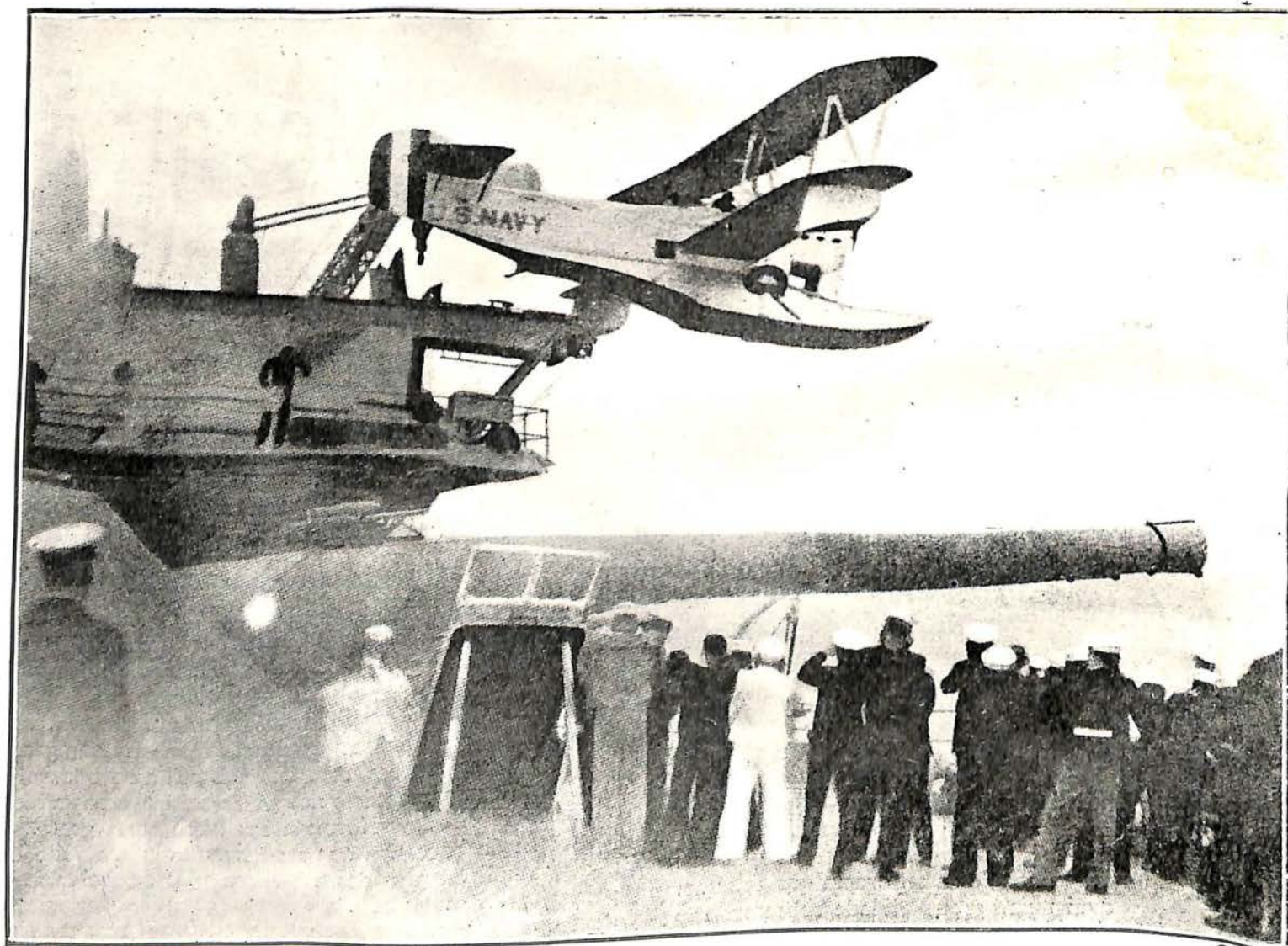
A iniciativa Dale faz ainda lembrar a necessidade de, desde já, ao par da propaganda da idéa de povoar o Brasil de campos taes, orientar as iniciativas particulares no sentido de suas construcções irem demarcando as rotas aeréas mais convenientes e urgentes. Talvez só um valor accidental venha a ter um campo mal collocado em relação ao curso costumeiro dos aviões, ao passo que organizados conforme as rotas normaes podem representar um valor bastante apreciavel.

Conviria, tambem, desde já, pensar-se na organização de uma carta especial onde taes campos venham assinalados como num systema de balisamento, sinalização uniforme para todos elles.

* * *

"*A Defesa Nacional*" congratula-se com o C. B. B. e felicita vivamente o *Bandeirante* Dale, esperançosa de que o exemplo frutificará largamente, tomado na consideração que merece pelos governados e governantes.

O *Campo Bandeirante* n. 1 marca a rota aérea para *Therzopolis* como breve havemos de ver assignaladas as outras rotas onde, sem duvida, vae actuar, bem orientada, a acção bandeirante.



Um avião Loening, amphibio, da marinha de guerra norte-americana, sendo catapultado de um couraçado. A catapulta é accionada por um motor Packard de 1.500 cavallos.

Um projecto contra o analfabetismo e o exercito

1.º Tte. Bellagamba

Foi apresentado á Camara dos Deputados, um projecto de lei, tratando louvavelmente de imperioso e urgente assumpto: a diminuição do analfabetismo no Brasil.

Melhor idéa do que a citada, a de se procurar com afinco, libertar o país da terrível chaga que o deprime e corróe, não podia ocorrer á pessoa realmente interessada no desenvolvimento de sua terra natal.

Nem todos os meios, porém, para a consecução desse desejo, são aconselháveis sem previo estudo das consequências a que podem conduzir; selecção cuidadosa e atilada deve presidir a escolha dos processos.

O referido projecto ordena, em primeiro artigo, que só se conceda a maioridade aos analfabetos, aos vinte e cinco annos de idade, visando deste modo os interesses de particulares, para cuja defesa lhes deixa o prazo de dois annos e a alphabetização voluntária.

Francamente, inconveniente grave não se realça na approvação de semelhante artigo, embora tampouco grandes sejam os resultados que proporcionará ao país, sobretudo pela morosidade com que frutificarão.

O segundo artigo da lei é mais energico e merecedor de maior attenção, porque vae ferir não só os interesses dos analfabetos, mas especialmente os dos letrados e sobremaneira os da nação.

E' por demais sabido — não discuto se com razão — que os letrados ha muito, desde que se iniciou a applicação da lei do sorteio, buscam se eximir ao serviço militar empregando todos os processos, inclusive os illicitos, substituindo-se por indefesos analfabetos, factos innumeraveis que, além de clamarem perante a constituição nacional que desconhece distincções taes, affectam de morte ao exercito, porque mais do que nunca o exercito necessita de gente capaz.

Ora, pelas condições actuaes do país (80 % de analfabetos) 4 5 dos conscriptos que chegam ao exercito são absolutamente desletrados; o quinto restante, o desafogo permittido ás necessidades em homens que premem o exercito, ficará substituido por gente incapaz pelo segundo artigo citado que descurando, ou desconhecendo essas necessida-

des, prescreve de preferencia sejam sorteados para as fileiras, os analfabetos.

Pobre Exercito, o que vale dizer, infeliz Nação!

O pouco valor reconhecido ao primeiro artigo quanto ao desenvolvimento da instrucção nacional, é desde logo superado pelo grande interesse concedido pelo segundo aos letrados, a enorme minoria: o de escapar ao serviço da caserna. E assim, não admirará que em breve surja nova lei estipulando o fechamento de escolas publicas — não todas, porque além de desnecessario, alarmaria meio mundo — mas algumas apenas, as indispensaveis para manter o numero de analfabetos imprescindivel ao serviço militar.

Ora, semelhante contingencia imposta ao Exercito, encarados de perto os entraves e disturbios que acarretará ao seu preparo e instrucção, desmarcadamente superiores aos parcos resultados trazidos pela alphabetização lentissima, equivalerá, ou determinará a annullação tacita do mal apreciado Exercito Nacional, porque não mais poderá realizar a obra que lhe incumbe, porque durante o proximo seculo — quiçá mais — não se incluirá no diminuto effectivo, uma unica praça em condições de aprender os multiplos misteres que por lá se ensinam; não mais possuiremos artilheiros, nem infantes conscientes do papel a desempenhar sem hesitação e sobretudo no particular graduados e sargentos o desastre se evidenciará fabuloso.

Seria mais logico e intelligente transformar desde logo os quarteis em *escolas* e os officiaes em *professores publicos*, sem outros attributos, uns e outros, do que sustentar uma illusão, cara luxuosa e assim, composta de analfabetos de preferencia, mesmo perigosa.

Aos Bandeirantes cumpre arrostar e resolver o dilemma: essa transformação franca e leal do Exercito, proporcionando á nação, além de grande economia, a certeza do seu desarmamento, ou illudí-la, transformando seu Exercito num órgão incapaz de preencher os seus verdadeiros fins, isto é, defendê-la contra um inimigo melhor organizado.

O racionalismo que invadiu nossa politica antes da guerra, era muitas vezes artificial e servirá de *folha de parreira* altruista para encobrir interesses e appetites de ordem pouco elevada.—GUSTAVO LE BON—(Primeiras consequências da guerra.)

TACTICA NA CARTA

THEMA A PREMIO

Proseguindo no seu caminhar em uma orientação determinada, a "Defesa Nacional" apresenta hoje aos seus innumeros leitores, a respeito da tactica na carta, um novo thema a premio, de simples solução, problema interessante acerca da actuação de um destacamento que deve operar do seguinte modo: após a abertura de uma forte brecha no dispositivo inimigo, (partido N., vermelho) a qual acarreta por sua vez a separação entre as forças amigas (partido sul, verde), o destacamento em questão, que vem de attingir uma região central a rectaguarda da brecha, recebe a missão de cobrir o flanco direito de um Ex. (2º Ex. Verde) e de estabelecer a ligação com um agrupamento de forças amigas vizinho (um destacamento de Ex.), mas já em face de uma ameaça vizinha que se desenha perfeitamente orientada sobre a região de actuação do destacamento, isto é, de uma ameaça inimiga capaz de agir em detrimento do flanco descoberto do Ex., e em consequência, das suas rectaguardas.

Já são conhecidas dos nossos leitores as condições geraes que regulam o julgamento dos themas a premio; dispensamo-nos de recordá-las. Entretanto, no que respeita ás soluções, de um modo geral, a "Defesa" julga útil lembrar o seguinte: a solução de um caso concreto surge após um raciocinio bem conduzido feito em torno das circumstancias que o caracterizam, isto é, após um correcto *exame da situação*. Antes de mais nada cumpre salientar que as circumstancias de um thema são as que nelle vêm explicitamente exaradas; não é permitido acrescentar, inventar, criar coisas que nelle não foram fixadas; mas isto não significa em absoluto que certas adducções cabíveis, contidas implicitamente, não possam ser concluidas, para facilitar o raciocinio; em summa: necessarios em cada caso bom senso, muito cuidado em tirar conclusões.

O *exame da situação* ou raciocinio comporta o estudo dos seguintes factores, em sua ordem de urgencia: a *missão*, as *possibilidades do inimigo para contrariar o desempenho da missão*, os *meios de que se dispõe para cumpri-la*; influindo poderosamente no exame de cada um destes factores, surge constantemente o estudo de dois outros: o da *situação tactica* e o do *terreno onde se deve agir*. Trata-se, portanto, de conduzir intelligentemente o bom senso no jogo dos factores para chegar-se ás decisões convenientes.

A *missão* exprime o *que fazer*. Ella comporta, geralmente, uma ou mais *tarefas* a executar, um ou mais *objectivos* a attingir; o termo *objectivo* empregado aqui na sua accepção mais ampla. E' preciso, pois, em primeiro lugar, concluir e separar as tarefas ou os objectivos enfeixados na missão, mas tendo-se sempre em vista para cada tarefa ou objectivo, as possibilidades do inimigo.

As *possibilidades do inimigo* devem ser sempre examinadas de um modo completo, mas unicamente do ponto de vista das actuações que podem contrariar o desempenho da missão da unidade de que se trata: divagações estranhas são inúteis, fazem perder tempo. Por exemplo: no caso do presente thema nada ha que ver com as possibilidades das forças inimigas que enfrentam directamente o 2º Ex. verde, e o destacamento de Ex. verde de RIO MANSO-RIO DO PEIXE; isto não compete ao Gen. Cmt. do nosso destacamento A. Dentre as possibilidades

do inimigo são sempre mais interessantes, sob o ponto de vista das decisões a tomar, as possibilidades *mais desfavoráveis*. Cumpre, portanto, ser pessimista a respeito do que póde fazer o inimigo, para que se tenha a convicção de não ser surpreendido pelos imprevistos; entretanto, ainda aqui deve agir escrupulosamente o bom senso; não se deve fornecer ao inimigo propriedades e attributos extra-normaes. Em conclusão: examinar conscienciosamente as circumstancias do thema, para decidir em consequência.

Os *meios de que se dispõe* vêm sempre claramente designados em cada thema; elles constituem o poder de que o chefe lança mão para cumprir a missão, a *despeito da vontade do inimigo*.

Todo raciocinio ou exame de situação termina pelas *decisões tomadas*. Ha geralmente em cada caso uma *decisão principal* que exprime uma *intenção* ou *idéa de manobra*; e *decisões particulares* que exprimem as *tarefas dos escalões subordinados*; tudo em vista da missão a cumprir.

A intenção e a idéa de manobra constituem, respectivamente, assumptos de Instrucções particulares (geralmente pessoas e secretas) e das Ordens Geraes de Operações, nos escalões elevados (grandes unidades). Os comandos das pequenas unidades (destacamentos e outras) não recebem nem redigem instrucções pessoas e secretas, nem fazem consignar, normalmente, em suas ordens, idéas de manobra relativas ás operações de suas unidades.

As ordens, que traduzem as decisões do Chefe e especificam as tarefas dos subordinados, devem ser redigidas de um modo *claro, preciso e simples*. Phrases inúteis, inexpressivas, dúbias, de aspecto literario simplesmente, devem ser banidas das ordens. As ordens nascem das decisões tomadas; estas surgem do exame de situação effectuada; portanto, absolutamente inútil introduzir explicações nas ordens, que só servem para avolumá-las e torná-las indesejáveis de serem lidas e estudadas.

A remessa das soluções do presente thema deve ser feita para a Caixa Postal de "A Defesa Nacional", e aí devem chegar até 31 de outubro do corrente anno.

THEMA DE DESTACAMENTO

Carta de S. Paulo.

Folhas da Mogy-Mirim e Ouro Fino, 1:100000

Situação geral

Depois de uma serie de operações consecutivas em que se empenharam nas regiões N. e NE. de *Villa de Mogy-Iguassú* e N. de *Itapira* forças importantes de dois partidos, que aí procuravam uma decisão, as forças do partido N. (vermelho) — vindas do N. por Campo Triste e mais a O. (grosso), e de E. por *Jacutinga*, e que esforçavam-se por soldar-se na região N. E. de *Villa Mo*

gy-Guassú — foram derrotadas, obrigadas a retrahirem-se, e em consequencia fortemente separadas, pelas forças do partido sul (verde), com as quaes haviam tomado contacto na linha: curso do rio *Mogy-Guassú* a O. de *S. Cruz* — orlas N. do planalto de *S. Cruz* — *Est. Cons. Laurindo-Rio do Peixe* — *Rib. da Penha* até a região O. de *Os Limas*. O grosso vermelho, vindo do N., retrahiu-se para os *Campos das Sete Lagoas* e mais a N. E.; a frente da posição que actualmente occupa é balisada por: crista N. O. e N. E. de *Faz. Campininha* — crista a N. O. de *Faz. Corrego Fundo* e mamelão ao N. desta *Faz.* — pequeno planalto de curva fechada 700 a N. O. de *Faz. Cachocirinha* — sul de *Graminha* — garupa a N. E. de *Faz. Rio das Pedras* — orla sul do planalto sul de *Tijuco Preto* — *Est. Matto Secco*; o grosso das forças verdes (2º Ex. Verde, 3 DI., etc.) tomou contacto com essa posição na jornada de 10 de julho e prepara-se para atacar talvez a 11. As forças verdes que recalcam as forças vermelhas de E. (vindas por *Jacutinga*), constituem actualmente um destacamento de Ex.; mantem a seguinte frente em contacto com os vermelhos: alturas immediatamente a O. de *Rio Manso* (de O.) — margem direita do rio *Mogy-Guassú* a N. E. e E. de *Faz. de M. de Campos* — *Faz. José Florindo* — *Faz. S. Roque* — margem esq. do *Rio do Peixe* a partir da região S. O. de *Faz. Rocha* para S. E., etc.

Ao fim da manhã do dia 10 a localidade *Espto. Sto. do Pinhal* foi occupada por um destacamento de descoberta de C. enviado pelo Cmt. do 2º Ex. verde na direcção geral N. E., com a missão de assignar a aproximação eventual de forças inimigas das direcções de *S. João da Boa Vista* (uma dezena de klms. N. de *Campo Triste*), *Caracol* — *Caldas* (uma vintena de klms. N. E. de *Caracol*) e *Jacutinga*.

Situação particular.

Na jornada de 10, enquanto o grosso das forças verdes progride para o N. e retoma o contacto com o grosso das tropas vermelhas que se retrahiu durante a noite de 9|10 para a nova posição nos *Campos das Sete Lagoas* e mais a N. E., uma parte da aviação verde, de *Lagoas* e mais a N. E., uma parte da aviação verde, de informação, orientada insistentemente em reconhecimento sobre a região do vazio que se abre entre as forças verdes, principalmente nas direcções geraes N. E. e N., assigna desde a manhã bivaques de forças inimigas importantes de todas as armas, entre *Caracol* (incl.) e as bifurcações de estradas E. do *M. do Capão de Mêt*; estas forças ali permaneciam em bivaques até ás 17 horas nas direcções: N. — por *Catingueiro* — *Os Rirras*; nas direcções: E. — por *Espirito Sto. do beiros* — *Campo Triste*, etc., nada assignado; *pe-Pinhal* — *Serra da Tuyua*, etc., nada assignado; pequeno movimento na E. F. *Sapucahy*. Tropa inimiga calculada em 3 ou 4 Btls., vinda de N. O., attinge, á tarde, a região N. de *Faz. Boa Vista*, nos *Campos do Chapéo de Couro*.

De outro lado, na manhã do mesmo dia 10, um forte destacamento da 6ª D. I. verde chega á região *Villa de Mogy-Guassú* — *C. da Onça*, vindo do sul, tendo feito uma etapa nocturna de 25 klms. Este destacamento (que passa a denominar-se *destacamento A* é constituído do seguinte modo:

Cmt.: o Gen. A. Cmt. da 11 Bda. da 6ª D. I. verde;

Tropa	{	16 e 17 RI
		2 Grs. 75 M.
		1 Gr. Mth.
		1 Esq. C
		1 pel. Sp. M.

A tropa está acompanhada do respectivo T. C.; o Gen. A. dispõe do seguinte material de transmissões (com as equipas de serviço): 1 posto T. S. F. o. c., 1 posto T. S. F. o. a., doisapparelhos opticos. O destacamento teve ordem de permanecer até á tarde na região attingida, á disposição do Gen. Cmt. do 2º Ex. verde.

—:—

Às 16 horas do dia 10, o Gen. Cmt. do destacamento A recebe, em seu P. C. em *Villa Mogy-Guassú*, a seguinte ordem escripta do Gen. Cmt. do Ex., confirmação de uma Ordem Preparatoria das 15 horas.

2º Ex. verde

E. M.

3º Secção

Nº.

P. C. em *S. Cruz*

10 (dez.) de Julho - 15 h. 30.

Ordem Particular ao Cmt. do destacamento A, nº...

- I — A aviação de reconhecimento do Ex. nada assignou, em territorio inimigo, até ás 14 h. de hoje, nas direcções N. e E. de *Espto. Sto. do Pinhal*; as forças inimigas de *Caracol*, etc., aí continuavam bivacadas até essa hora. O grosso do nosso destacamento de descoberta de C. continua em *Espto. Sto. do Pinhal*.
- II — O Ex. atacará amanhã (11), ás 8 horas, com as suas duas divisões da esq. (2ª e 3ª D. I.), com o fim de alargar as cabeças de ponte dessas divisões ao N. do *Mogy-Guassú*; a divisão da direita (5ª D. I.) permanecerá na defensiva.
- III — O vosso destacamento tem por missão cobrir, desde as 6 horas de amanhã, o flanco direito do Ex. e da 5ª D. I., e estabelecer ligação com a esq. do destacamento de Ex. a N. E. de *Est. Nova Louzã*, região *A. B. de Souza*. Em consequencia, retomará o movimento para o N. ás primeiras horas da noite de hoje, para alcançar a região..... (a determinar pelos solucionadores) em vista do desempenho da missão. Em caso de necessidade, a criterio do Cmt. do Ex., vosso destacamento poderá ser reforçado a partir da jornada de amanhã, quer por *Os Domingues*, quer por N. E. de *Est. Orissanga*, por elementos da 6ª D. I., cujo grosso — reserva do Ex., attingirá a região *Faz. Mom-baca* — *Itaqui*, na manhã de 11.
- IV — O meu P. C. continua em *S. Cruz*; P. C. da 5ª D. I. em *Faz. Itaqui*, onde funciona a central optica da divisão.

Confere.

N. Chefe E. M.

(a.) F., Cmt. do Ex.

O grau de perfeição a que attingiu a cultura militar do Chile permittiu que a nação atravessasse todo um periodo de agitação politica sem que seu Exercito soffresse abalos aniquiladores.

A respeito do destacamento de Ex. o Gen. Cmt. do destacamento A, recebeu a seguinte comunicação: "O destacamento de Ex. permanece na defensiva na jornada de amanhã, 11."

Durante a noite de 10|11 o Gen. Cmt. do 2º Ex. verde, recebe por T. S. F. as seguintes informações do Cmt. do destacamento de descoberta de C. de *Espto. Sto. do Pinhal*: até às 17 h. de hoje nada em S. *João da Boa Vista*; forças inimigas que parecem pouco importantes, occupam desde às 6 horas a região *Poço-Fundo-Ranchão*, a N. O. de *Jacutinga*; estas forças aí permaneciam até às 22 horas; vou ficar em *Espto. Sto. do Pinhal* enquanto puder.

Nota:

O P. C. do Ex. (em S. *Cruz*) está ligado telephonicamente ao P. C. da 5ª D. I. em *Faz. Itaquy*, e ao observatorio do Ex. no mamelão 600 de *Faz. Orissanga*. O destacamento A. tem as dotações de munição da tropa completas; os seus T. C. foram reabastecidos em viveres a 10, para consumo a 11.

Em vista da falta de indicações, na carta, sobre a vegetação que realmente cobre o terreno, supõe-se que este seja permeavel aos movimentos da tropa em todos os sentidos, por fóra das estradas, nas regiões não montanhosas (salvo o que respeita ás restricções impostas pelos cursos d'agua que possam constituir obstaculo). Nas regiões accidentadas ha ainda a considerar as difficuldades que o terreno impõe aos deslocamentos da art. M., elemento menos movel que figura na constituição do destacamento A.

Pede-se:

- Calco mostrando o dispositivo de estacionamento do destacamento A. durante o dia 10;
- Ordens dadas pelo Gen. Cmt. do destacamento para o movimento durante a noite de 10|11;
- Calco mostrando o dispositivo do destacamento ás 6 horas da manhã de 11, em vista do cumprimento da missão recebida.

Nota: Este trabalho é novamente publicado por ter saído no 1º numero com enganos e erros typographicos.

Estudo de uma situação tactica

Cap. RENATO BAPTISTA LUNES

(I)

(Uma solução do thema de *Tactica Geral* apresentado no numero anterior)

Quem pretender resolver um thema na carta deve começar por um trabalho de imaginação que consiste em procurar compenetrar-se com tal nitidez da situação criada pelo thema e do scenario onde ella se desenvolve, que chegue a ter o sentimento exacto de estar vivendo, no momento, aquella situação dentro daquelle scenario.

Esse trabalho de imaginação é um optimo auxiliar do methodo de raciocinio já referido, porque quanto mais

vivo for o sentimento da realidade, tanto mais logicos se tornam o encadeiamento e a successão das idéas capitaes que devem conduzir á solução integral e adequada do problema proposto.

Num estudo na carta, a imaginação prepondera, porque é preciso pensar nos acontecimentos para em seguida lembrar as providencias convenientes. No caso real, diante de uma situação de facto, as necessidades apresentam-se espontaneamente, vêm ao encontro do chefe, e despertam desde logo, no seu espirito não só a idéa de oportunidade, como do genero das providencias a tomar; mais ainda, sua previsão póde attingir a maxima amplitude, pelas impressões e informações que a cada momento elle póde colher, elementos esses, sem duvida, muito mais restrictos num trabalho theorico. Nesse caso, sem que a imaginação deixe de ser um poderoso auxiliar, preponderam outros elementos — a faculdade de apreender rapidamente uma situação, de dar o justo valor aos factos, o espirito de previsão e o de decisão.

Essas qualidades só se adquirem com tempo e trabalho, no estudo continuo de "casos concretos" sempre variados, capaz de dar ao espirito flexibilidade adaptabilidade, e outros recursos indispensaveis a um chefe para agir com acerto em todas as circunstances.

Dito isto, voltemos ao assumpto, e vamos procurar uma das soluções racionais que o thema póde ter, procurando imprimir a esse estudo a feição a que alludimos acima.

Na tarde de 19 de abril, o Gen. Cmt. da 1ª D. I., que precedeu sua Divisão na marcha que ella vem fazendo desde S. Carlos do Pinhal, chegou a Dourado com um escalão avançado do seu Q. G.

O 1º R. C. D. já se achava em Dourado desde o dia anterior, vigiando as passagens do rio Jacaré Pepira e a região mais a Oeste. Seu Cmt. deu ao Gen. as informações mais recentes: os reconhecimentos tinham visto algumas patrulhas inimigas na margem S. do rio que pareciam vigiar principalmente as passagens, sem contudo tentarem transpô-las, mas, repelleram a tiros de fuzil os elementos da cav. verde que se aproximaram dessas passagens.

Por outro lado, o Exército informava que os grossos inimigos assignalados nas regiões de Dous Corregos e de Jahú não tinham progredido para o N. até á tarde de 19. Em cumprimento ás ordens do Cmt. do Ex. "estar em condições de passar com o grosso da D. I. o Jacaré Pepira a partir de 21", o General resolveu, em face das ultimas informações, empregar a jornada de 20 em ganhar mais terreno para S. O., abordar a linha do Jacaré Pepira e lançar para a margem Sul duas Vgs., afim de assegurar, em qualquer circumstancia, a passagem ulterior do grosso, tomando desde logo um dispositivo articulado que lhe facultasse a liberdade de apoiar, na margem Sul do rio, qualquer das Vgs., ou mesmo ambas, conforme as circumstancias.

Essa etapa reduzida daria á tropa a possibilidade de repousar ainda algumas horas e ao mesmo tempo permitiria que certos órgãos dos Serviços, um pouco atrasados, se aproximassem mais da Divisão. As ordens foram dadas nesse sentido, e a execução dellas levou a Divisão ao dispositivo constante do thema, isto é, em linhas geraes:

uma Vg. atravessou o rio pela ponte da via ferrea e progrediu até á crista topographica (elementos avan-

çados) das alturas immediatamente ao N. de Pedro Alexandrino.

— outra Vg. passou pelo vau de Jacutinga, occupou o pequeno mamelão a 2 kms. S. O. do vau, e o collo mais ao S., com elementos de ligação com a Vg. da direita na região dos pequenos mamelões N. E. de Faz. Sant'Anna da Boa Vista.

— a 2ª Bda., articulou-se na larga garupa ao N. do Rib. do Serrote, prompta a transpor o rio, pela ponte da estrada de ferro (ou por uma ponte de barcos que poderá ser lançada proximo á confluencia do mesmo Rib.), tendo um Btl. mais avançado atrás da crista ao N. da ponte da via ferrea.

— o grosso da D. I., disposto na região entre Dourado e Jacutinga, abrigado no valle do Rib. Vermelho.

— o R. C. D. na região de Faz. Independencia com patrulhas em contacto na linha: Faz. Pouso Alegre de Cima-Luiz Paixão e mais para E., até Faz. Bella Vista.

— quasi todos os órgãos dos Serviços na região de Dourado, ou devendo attingi-la na noite de 20-21 e na jornada de 21, em funcção da distancia a que ainda se acham dessa região.

O Gen. Cmt. da 1ª D. I., acompanhado pelo seu Chefe de E. M., Cmts. de Bdas., da A. D. e da E., fez, á tarde de 20, um reconhecimento de toda a frente de sua D. I., percorrendo as alturas que dominam a margem N. do rio Jacaré Pepira, visando especialmente os pontos por onde elle pretende fazer passar o grosso da D. I. no dia seguinte; em seguida, deu a ordem de estacionamento.

Regressando ao seu P. C. em Dourado, por volta das 16 h., apresentou-se-lhe um official de ligação vindo do Ex., portador das ordens e demais documentos constantes do thema. Esse official, que pouco antes passára pelo P. C. da 5ª D. I., deu ainda ao Gen. informações sobre essa D. I. Além disso, o Gen. tomou conhecimento das ultimas informações colhidas pela sua aviação e pelo seu R. C. D. durante a jornada de 20.

Desde esse momento, o Cmt. da 1ª D. I. tinha os dados essenciaes para sobre elles calcar a sua decisão, isto é:

— situação | do inimigo.
| das proprias tropas e das demais tropas
| amigas.

— a missão de sua D. I.

Esses elementos vão permittir o estudo das possibilidades de acção do inimigo capazes de impedir ou de prejudicar o cumprimento da missão recebida; em seguida, o Gen. vae empregar do melhor modo os meios de que dispõe para cumprir integralmente essa missão a despeito do adversario, e reparti-los proporcionalmente ás missões dadas a cada agrupamento de forças.

O Comt. da D. I., com seu chefe de E. M. e o da 3ª secção, vae, então, examinar os documentos recebidos, extrahir delles as prescripções relativas á sua D. I., fazer o resumo das informações recebidas, avaliar as possibilidades do inimigo e tomar sua decisão; em seguida a 3ª secção traduzirá em ordens de operações as decisões do Commando.

1ª Situação do inimigo: — Que se sabe do inimigo?

— que numerosas tropas de todas as armas (talvez uma D. I.) attingiram a região de Dous Corregos a 17

e 18 de abril e que, ao mesmo tempo, numerosa tropa de cavallaria (talvez a 2ª D. C.) se reuniu na região de Jahú; essas tropas continuaram depois o movimento para N. E. sem contudo terem ultrapassado, com seus grossos, até á tarde de 19, as alturas ao N. daquellas localidades, onde a aviação do Ex. assignalou, desde o dia 18, grande actividade e indícios de organização do terreno. Taes indícios foram verificados pela aviação da D. I. que assignalou tambem bivaques e alguns grupos de cavallos de mão nas vertentes S. daquela linha de alturas.

Por outro lado, as Vgs. tiveram apenas que enfrentar ligeiros elementos da Cav. adversa, e o R. C. D. poudo chegar até á região de Faz. Independencia sem grande resistencia, sendo apenas atacado por elementos dispersos que resistiram por pouco tempo. Contudo, um meio esquadrão de descoberta da 1ª D. I. foi atacado por cerca de um esquadrão, em Pouso Alegre de Cima, e foi obrigado a retrair-se para Faz. S. Emilia, enquanto os demais reconhecimentos foram detidos, por fogos de F. M., nas vertentes que descem de Paixão e de Figueira para o Norte. Isto parece indicar que os Vermelhos apenas se cobriram com a cavallaria divisionaria na frente da 1ª D. I. (onde foi identificado um soldado morto do 6º R. C. D.); que já tem elementos da D. C. no flanco direito da 1ª D. I. e que ainda não dispõe de meios mais poderosos nessa região na tarde de 20. Todavia, isto não implica a impossibilidade de tê-los na manhã de 21.

Esta é a situação que interessa directamente a 1ª D. I.

2ª Situação das tropas amigas — A situação da 1ª D. I. é inteiramente conhecida. Quanto á 1ª D. C. verde, o General até o momento em que recebeu as ordens do Ex., nada sabe relativamente á situação do grosso, mas foi informado pelo Cmt. do 1º R. C. D. que um dos seus reconhecimentos entrára em ligação com elementos da Vg. da 1ª D. C. na região de Faz. S. Emilia; portanto, o flanco direito da 1ª D. I. estará coberto no dia 21. A esquerda, a 5ª D. I. já abordou o rio Jacaré Pepira e prepara-se para transpô-lo tambem na jornada de 21.

3ª Missão da 1ª D. I. — "O Ex. vae continuar a 21 a sua marcha offensiva para S. O., ao encontro do inimigo, quer elle se detenha nas regiões onde foi assignalado, quer continue seu movimento para N. E.", diz a ordem de operações do Ex. para o dia 21. Em consequencia, o Ex. dá á 1ª D. I. a missão de:

"progredir em direcção á frente Jahú (exclusive) — Dous Corregos (exclusive)... etc.". Esta ordem é o complemento do que se encontra na Instrucção Pessoal e Secreta que acompanhou a ordem de operações.

A missão é clara, e como "a missão não se discute, cumpre-se", o Gen. pôde responder facilmente á interrogação formulada no seu espirito:

De que se trata para a 1ª D. I.? — de avançar para o S., executando uma marcha de aproximação que a levará fatalmente ao contacto com o inimigo durante a jornada de 21. (1)

Para avançar para o Sul, a D. I. terá de transpôr o rio Jacaré Pepira, então, a operação apresenta desde logo duas fases:

1º — o alargamento das cabeças de ponte constituídas actualmente pelas 2 Vgs., para assegurar o desenvolvimento do grosso;

2ª — transposição do Jacaré Pepira pelo grosso da D. I., coberto pelas Vgs.

Até onde será necessário levar as Vgs. para que a liberdade de acção do commando fique assegurada?

Examinemos preliminarmente, como se apresenta o terreno na zona de acção da D. I.:

Logo em frente, o valle largo e aberto do Jacaré Pepira corta a zona de acção da D. I. obliquamente de N. O. para S. E. Nenhum outro curso d'água importante corre transversalmente á direcção do movimento, até á linha de alturas ao N. de Jahú — Dous Corregos. Ao contrario disso, os afluentes da margem esquerda do Jacaré Pepira correm sensivelmente na direcção Sul-Norte e dividem o terreno em longos espigões de encostas cada vez mais suaves á proporção que se vae da esquerda para a direita do sector da D. I.; esses espigões guardam a mesma direcção geral Sul-Norte e vão entroncar-se na linha de alturas onde foi assignalado o inimigo.

As condições do terreno são, pois, favoráveis ao atacante que avança de N. para S., notadamente na direita do sector da D. I. onde as duas linhas de cristas separadas pelo rib. da Boa Vista conduzem ao grande planalto de Pouso Alegre de Cima, ponto dominante da região. Desse planalto pôde-se observar todo o valle do Jacaré Pepira, na frente da 1ª D. I., e, mais particularmente, o vau de Jacutinga, e todo o valle do rib. da Figueira Vermelha. E', portanto, nessa região que o inimigo procuraria ter os observatorios necessarios para actuar com sua artilharia em toda a frente actual da D. I. desde a transposição do rio, mais particularmente na região do vau de Jacutinga, com tiros observados á vista, da ponta N. do planalto (na cota 680, mais ou menos).

Releva ainda notar que é ainda desse planalto que a 1ª D. I. pôde ter vistas sobre a posição onde se presume estar a P. A. do inimigo, isto é, na linha Paixões-Figueira, onde foram detidos todos os reconhecimentos do 1º R. C. D.

Por conseguinte, sendo em planalto a região mais afastada de onde o inimigo pôde actuar effizamente contra a tropa que vae transpôr o rio, e sendo ainda a região de observatorios para a continuação do ataque da 1ª D. I. para o Sul, é preciso que as Vgs. se apossem desse planalto para garantir a passagem do grosso e o desenvolvimento ulterior das operações.

As conveniências de ordem tactica são, como se vê, favorecidas pelas condições do terreno; então, primeira decisão: *preliminarmente, apossar-se em qualquer hypothese, das alturas que dominam, ao Sul, o curso do Jacaré Pepira na zona de acção da D. I.*

4ª — *Como pôde actuar o inimigo para oppôr-se ao cumprimento da missão da D. I. no dia 21?*

O Gen. sabe que tem deante de si um adversario que conserva ainda plena liberdade de acção; por conseguinte, ha duas hypotheses acceitaveis:

1ª — o inimigo pôde proseguir o movimento para N. E. ao encontro das forças Verdes;

2ª — o inimigo pôde manter-se na região Jahú-Dois Corregos e, nesse caso,

a) cobrir-se por uma posição de P. A., lançando para a frente apenas ligeiros elementos de vigilancia, incumbidos de informar a respeito da aproximação dos Verdes, ou

b) atrasar com forças mais importantes o avanço dos Verdes, começando por difficultar-lhes a passagem do rio, retrahindo-se depois até que os Verdes se venham chocar com as suas organizações defensivas.

Os acontecimentos da jornada de 20 confirmam as informações que diziam não terem os grossos inimigos transposto a linha de alturas ao N. de Jahú-Dois Corregos até á tarde de 19; a situação parece não ter mudado mesmo durante o dia 20 (situação do 1º R. C. D. em Faz. Independencia, ás 14 horas), mas isso não significa que a 1ª hypothese *já possa ser eliminada*. Essa hypothese fica apenas *attenuada*, no sentido de não ser mais possível que o inimigo se apresente *em força*, para atacar as Vgs. ao alvorecer de 21, á vista da distancia que teria de percorrer á noite. Mas, por outro lado, nada o impede de lançar-se para a frente e passar sua linha de P. A. ao alvorecer de 21 e marchar, com suas forças reunidas, ao encontro das forças Verdes. Onde se pôde dar esse encontro? Possivelmente numa linha intermediaria áquellas onde foram detidos os reconhecimentos do R. C. D. e a frente actual das Vgs. Verdes, isto é, mais ou menos na linha: Faz. S. Emilia-Faz. Independencia e mais a E.

Será esse o momento mais interessante porque marcará o engajamento das Vgs. Isto quer dizer que, a missão das Vgs. sendo no inicio francamente offensiva, porque o Gen. decidiu occupar em qualquer hypothese o planalto de Pouso Alegre de Cima, é preciso encarar a possibilidade das Vgs. se chocarem com forças importantes, já desenvolvidas e promptas para combater: — essas Vgs. deverão ser fortemente constituídas. Como serão constituídas as Vgs.?

Quando o chefe dá uma missão a um seu subordinado, deve pôr á disposição delle os meios *proporcionados* ao resultado que quer obter. Isto obriga o chefe a examinar, em grosso, como poderá ser executada a ordem, para bem avaliar os meios a empregar. Em outras palavras, o chefe faz a manobra do seu subordinado, não para impor-lhe depois a mesma execução, porque a responsabilidade da operação cabe interamente ao executante, mas tão sómente como uma avaliação dos meios necessarios, certo de que, havendo unidade de doutrina, o subordinado conseguirá os mesmos resultados, embora empregando variantes na execução.

Dadas as possibilidades do inimigo, pôde-se prever que a manobra das Vgs. apresente duas phases bem caracterizadas:

1ª — progressão até a orla N. do planalto de Pouso Alegre de Cima e região ao S. de Faz. Independencia;

2ª — a partir desse momento, possibilidades de combate, afim de recalcar para o S. do planalto o inimigo que por ventura aí se encontre, ou — no caso de grande resistencia do inimigo: passar a uma defensiva momentanea, aferrando-se ao terreno conquistado — até que o intervenção não se fará demorar em apoio das Vgs. Essa se de engajamento das Vgs., o grosso já deve ter iniciado a passagem do Jacaré Pepira.

Já vimos que o Gen. decidiu apossar-se na jornada de 21, pelo menos, da região do planalto de Pouso Alegre de Cima e do espigão mais a E. Esse planalto tem, como linhas de facil accesso, os dois espigões que encaixam o

rib. da Boa Vista; por conseguinte, é conveniente dar a um mesmo agrupamento de forças a missão de apoderar-se do planalto, visto aquellas duas linhas de progressão convergiem para elle. Por outro lado, a conquista do planalto será certamente facilitada se um outro agrupamento de forças progredir pelo espigão a E. do rib. Figueira Vermelha, que divide a zona de acção da D. I. em duas outras zonas topographicamente bem definidas. Conclusão: será preciso lançar uma Vg. por cada uma dessas duas zonas.

Constituição das Vgs. — A Vg. da direita terá necessariamente de lançar um Btl. por cada um dos espigões que conduzem ao planalto; além desses dois Btls. de 1º escalão, deve dispôr ainda de uma forte reserva, marchando no flanco externo da Vg., no rasto do Btl. da direita, prompto a attender a qualquer eventualidade desse lado, visto não estar ainda sufficientemente esclarecida a situação da 1ª D. C. verde, cuja missão é cobrir o flanco direito do Ex. Essa reserva não deve ser inferior a um Btl.; logo, como infantaria, a Vg. disporá de um R. I.

Artilharia. — Os Btls. de 1º escalão precisam ser apoiados, pelo menos, por um grupo de 75 cada um, pelos motivos já expostos; mas, numa situação de movimento como esta, as ligações da infantaria com sua artilharia de apoio directo, são sempre difficeis ou demoradas. Além disso, o terreno difficulta a observação, portanto, é muito util dar ainda ao Cmt. da Vg. duas baterias de Mth. para acompanhamento immediato dos Btls. de 1º escalão, e pôr a A. M. á sua disposição.

A Vg. da esquerda terá de progredir inicialmente pelo estreito espigão a E. do rib. da Figueira Vermelha e orientar um forte elemento em direcção á Faz. Independencia, para galgar o espigão que daí sóbe para o Sul. — sejam dois Btls. em primeiro escalão, mais um em reserva; logo, a Vg. disporá de um R. I.

Vimos a conveniencia de attingir, no mais curto prazo, a transversal a partir da qual ha possibilidade de encontrar-se o inimigo e de reunir, nesse momento, meios sufficientes para atacá-lo com decisão. Mas a disposição sufficientes para atacá-lo com decisão. Mas a disposição das actuaes Vgs., escalonada a da direita para a retaguarda (1), deixou essa Vg. atrasada de cerca de 3 kms. em relação á da esquerda; para sanar esse inconveniente, pôde-se procurar atrasar tambem a progressão do inimigo no planalto. — será a missão do grosso do R. C. D., lançado ao alvorecer para essa região. Será tambem vantajoso ter um forte elemento (1 Btl., por ex.) galgando o espigão a E. do rib. da Boa Vista ao mesmo tempo que a Vg. da esquerda inicia sua progressão pelo espigão a E. do rib. Figueira Vermelha. Esse Btl. pôde ser o terceiro Btl. da Vg. esquerda; isto fará com que, inicialmente, o Cmt. da Vg. esquerda tenha sua reserva muito pouco tempo, porque um dos Btls. da Vg. da direita virá substituí-lo. Desse modo, a Vg. esquerda prepara a entrada em acção da Vg. direita, recuperando mais tarde seu Btl. Aliás, se as circumstancias o exigirem, esse Btl. pôde passar definitivamente á disposição do Cmt. da Vg. direita, e o Cmt. da D. I. destacará do grosso um outro Btl. para constituir reserva do Cmt. da Vg. esquerda.

(1) No momento de estacionar a sua D. I., o Gen. não tinha ainda informações precisas a respeito da situação da 1ª D. C. Verde, nesse flanco.

Artilharia. — A Vg. esquerda vae ter inicialmente como vimos, os seus tres Btls. em 1º escalão, pelo menos até que a Vg. da direita faça a sua entrada em acção; além disso, a artilharia desta Vg. só poderá avançar mais lentamente pela falta de caminhos na sua zona de acção, de maneira que será conveniente dar á Vg. direita o apoio de 3 grupos de 75 (apoio directo); isto permittirá um apoio mais efficaç no caso das Vgs. terem de passar á defensiva provisoria, como já foi previsto. Além desses 3 grupos, a Vg. terá ainda 2 bias de Mth. para acompanhamento immediato, que terão applicação conveniente no Btl. que vae progredir ao longo do estreito espigão a E. do rib. Figueira.

Toda a artilharia das Vgs. ficará á disposição dos respectivos Generaes; essa descentralização vantajosa nas phases de engajamento, não impede que o Cmt. da D. I. recupe toda ella ou parte, quando os Vgs. tendo se chocado contra resistencia seriamente organizada pelo inimigo, se torne necessario montar um ataque com toda a D. I., e, portanto, centralizar de novo os meios de A.

Em resumo, a organização do commando e a constituição das Vgs. será:

- Vg. direita: a actual, reforçada pelo III|3º R. I. e pelo II|1º R. A. M. Commandante, o general da 2ª Bda.
- Vg. esquerda: a actual reforçada pelos II e III|1º R. I. e pelos II e III|1º R. A. M.
- Inicio do movimento ás 6 horas.
- O R. C. D. desde que seja alcançado pelos elementos avançados da Vg. direita, passará para o flanco direito da D. I. para cobrir esse flanco e estabelecer a ligação com a 1ª D. C.

Feito o exame summario da acção das Vgs., afim de poder dar-lhes uma organização compativel com o esforço dellas exigido, o Cmt. da D. I. passa a regular a questão do deslocamento do grosso da D. I.

Vimos a necessidade de só iniciar a transposição do rio Jacaré Pepira quando as Vgs. abordarem a transversal Faz. S. Emilia-Faz. Independencia a alturas mais a E.; se as Vgs. iniciarem a aproximação ás 6 horas, ellas poderão attingir aquella linha entre 8 e 9 horas e o grosso poderá iniciar a passagem do rio a essa hora. Como pôde ser executada essa operação?

A largura do sector da D. I. e a relativa proximidade do inimigo teriam levado o Cmt. da D. I., na jornada de 20, á solução de transpôr o rio em mais de um ponto; além de maior segurança, resultará maior facilidade para articular o grosso da D. I. na margem Sul do Jacaré Pepira (começo de desdobramento), de maneira a poder attender a qualquer das eventualidades já estudadas, relativamente ao engajamento das Vgs. O grosso da D. I., na tarde de 20, já se achava disposto em dois agrupamentos de forças, um ao N. e outro ao S. do valle do rib. Vermelho.

Antes de marchar de uma região para outra, é preciso saber o que se quer fazer ao chegar a essa outra região. Que quer o Gen. fazer com o grosso quando as Vgs. attingirem a transversal: Faz. S. Emilia-Faz. Independencia e mais a E.? Havendo possibilidade de encontrar, a partir dessa linha séria resistencia opposta pelo inimigo, o Cmt. da D. I. precisa estar em condição de poder apoiar uma ou outra das Vgs., ou a montar um ataque de conjunto para conquista do seu objectivo: o planalto de Pouso Alegre de Cima e o espigão entre Faz. Sant'Anna e Faz. Bella Vista. Nessas condições, quando os Vgs. chegarem á transversal citada, o grosso da D. I. deverá estar articulada em dois agrupamentos de forças: um na região do collo a 2 kms. S. O. do váu

de Jacutinga e outro na região da Faz. Sant'Anna da Boa Vista; num 2º lance pôde ser previsto para a região das cabeceiras do rib. da Boa Vista e região de Faz. Independencia-Faz. Figueira, no caso das Vgs. continuarem a progressão, sem grande resistencia até á orla Sul do planalto e mais a E.

O Cmt. da D. I. decide, então, conservar os dois agrupamentos já existentes na tarde de 20 e transpôr o rio do seguinte modo:

- agrupamento da direita (N. do rib. Vermelho) — por uma ponte de barcos que será lançada na noite de 20|21 proximo á confluencia do rib. do Serrote. Reunião, antes do alvorecer, no valle desse ribeiro; início da passagem: a partir das 8 horas, mediante ordem especial. Primeiro lance, para a região de Faz. Sant'Anna da Boa Vista (em formação de aproximação, na margem S. do rio).
- agrupamento da esquerda (S. do rib. Vermelho) — por uma ponte de barcos que será lançada, antes do alvorecer, na região do vau de Jacutinga. Reunião, antes de clarear o dia, no valle do rib. Vermelho, início da passagem, como foi dito acima. Primeiro lance, para a região do collo 2 kms. S. O. do vau de Jacutinga (formação de aproximação). A partir da linha do Jacaré Pepira para o S., a D. I. deverá avançar de articulação em articulação, mantendo-se sempre em condições de entrar em acção rapida e livremente.

Desdobramento da artilharia — Vimos que, de um modo geral, a artilharia ficará dividida em dois escalões, um posto á disposição das Vgs. para apoio directo e acompanhamento immediato, outro que se deslocará com o grosso. Em principio, toda a artilharia, nessa situação, deve deslocar-se por escalões, de modo a haver sempre uma certa parte em posição para assegurar a continuidade na execução das missões que lhe cabem. Os deslocamentos da art. posta á disposição dos Cmts. das Vgs., serão por estes regulados, mas o Cmt. da D. I. pôde, de algum modo, intervir nessa questão, recommendando, por exemplo, no caso considerado, que as Vgs. conservem em posição na margem N. do rio, uma ou duas baterias dos grupos que já as apoiaram a 20, enquanto as bias ou bía restante, e os novos grupos postos á disposição dessas Vgs., transpõem o rio na 2ª parte da noite de 20|21, indo occupar, ao alvorecer, as posições da margem sul, já reconhecidas na tarde de 20. A art. da Vg. direita poderá passar pela ponte da via ferrea (1) que deve ter sido reparada na tarde de 20 pelos sapadores da Vg. (informação do Cmt. do R. C. D.) e a da Vg. esquerda, pelo rio de Jacutinga.

Quanto á artilharia do grosso (III|1ª R. A. P.), como medida de precaução, o Cmt. da D. I. faz reconhecer posições ainda na tarde de 20, que serão occupadas ao amanhecer de 21, seja para apoiar a acção das Vgs., seja a propria entrada em acção do grosso da D. I. O grupo 75 reconhecerá uma posição nas encostas sul do rib. Serrote por cuja ponte passará ulteriormente; o R. A. P. na região de Faz. Cascata, passando depois o rio pela ponte de barcos de Jacutinga.

Em resumo: — em face da missão dada á 1ª D. I. e da situação particular, o Gen. decide occupar em qualquer caso o planalto de Pouso Alegre de Cima e o espigão entre Faz. Sant'Anna e Faz. Bella Vista, na jornada de 21. Execução: a sua idéa de manobra comporta duas phases distintas:

- 1ª alargamento das cabeças de ponte, pela progressão das Vgs.
- 2ª transposição do Jacaré Pepira pelo grosso da D. I.

A progressão das Vgs. apresenta, tambem, duas phases:

- 1ª a marcha de aproximação até a transversal Faz. S. Emilia-Faz. Independencia.
- 2ª daí por diante, em caso de ataque por forças superiores defensiva momentanea, preparando a entrada do grosso em acção para a conquista do planalto (hypothese do inimigo tambem avançar) — ou continuação do movimento para a frente até tomar contacto com a P. A. dos vermelhos (hypothese do inimigo permanecer nas posições attingidas na vespera).

Resta apenas considerar como pôde ser estabelecida a cooperação das unidades vizinhas para o bom desempenho da missão geral. O Cmt. da 1ª D. I. vae communicar sua decisão, em traços muito geraes, aos Cmts. da 1ª D. C. e 5ª D. I. e dizer, por ex., ao primeiro que será muito util para sua D. I. que a D. C. tenha um elemento progredindo para o planalto a O. da Faz. Figueira Branca, em ligação com a Vg. da direita, quando esta começar a avançar pelo espigão ao S. de Pedro Alexandrino. (2) Quanto á 5ª D. I., será tambem de toda a conveniencia que um forte elemento progrida pelo espigão de Faz. da Serra (O. do rib. do Mosquito) em ligação com a Vg. da esquerda. Aliás, essa cooperação é muito provavel por ser esta uma linha de acesso da 5ª D. I., para a região de Paredão, que ella deve atingir ulteriormente.

Vimos como o Cmt. da 1ª D. I. teria empregado e repartido os meios para executar sua manobra. Terminado o exame geral da situação e firmadas as suas decisões, o Cmt. da 1ª D. I. pessoalmente ou por intermedio do seu chefe de E. M., pôde dar aos Cmts. de Bdas., ao da A. D., E. etc. (que nesta situação podem estar presentes no P. C. D. I.) as suas ordens e os esclarecimentos necessarios para a execução das operações do dia seguinte, de maneira que as primeiras ordens preparatorias particulares possam ser expedidas sem demora. Essas ordens serão ditadas pelos commandantes interessados aos seus adjuntos, ou por estes rapidamente redigidas de acôrdo com as notas tomadas dumsmittidas aos elementos que, tendo de deslocar-se ainda na tarde de 20 ou antes do alvorecer de 21, precisam fazer reconhecimentos antes do cair da noite.

O Gen. Cmt. da 2ª Bda., que vae assumir o commando da Vg. direita, depois de bem orientado a respeito de

(1) Considerada de dupla via no thema, pela informação da cavallaria.

(2) Na incerteza sobre a possibilidade dessa cooperação, vimos o 3º Btl. da Vg. direita em 2º escalão á direita, prompto a enfrentar qualquer ataque desse lado, notadamente na região do planalto O. de Figueira Branca. A possibilidade da Vg. da direita ter de lançar uma flancoguarda para essa região, mostra que é preciso não hesitar em actuar num sector vizinho, tomando as precauções devidas (participação ou entendimento) sempre que fôr necessario. Os limites de zonas de acção não constituem barreiras intransponiveis; elles são dados apenas por uma questão de ordem e de coordenação de esforços.

sua missão para 21, parte de automovel para o P. C. dessa Vg. em Frco. de Guerra e Cia. De passagem, como elle vae pela estrada de Faz. S. Antonio para a ponte da via ferrea, dá logo suas instrucções aos Cmts. do II|2º R. A. M., I|2º R. A. M. e do III|3º R. I.

De modo analogo, o Gen. Cmt. da 1ª Bda., que vae commandar a Bda. da esquerda, dirige-se para o P. C. dessa Vg.; de passagem, dá suas ordens aos Cmts. dos II| e III|1º R. A. M. e dos II e III|1º R. I. Ao chegarem aos seus P. C. os Cmts. das Bdas. entram em ligação com os Coroneis que commandavam as Vgs. e passam a dar suas ordens para as operações de 21.

Por seu turno, o Cmt. da A. D. transmittiu á art. do grosso as suas ordens por intermedio dos seus agentes de transmissão, tomando as medidas já referidas.

Do mesmo modo, o Cmt. da E. expediu uma ordem ao Cmt. da Cia. de Pnt. (cuja equipagem achava-se dividida em duas partes, na previsão do lançamento das duas pontes) determinando-lhe o reconhecimento de dois pontos para o lançamento das pontes (regiões indicadas pelo Cmt. da D. I.), um a montante do váu de Jacutinga e outro nas proximidades da confluencia de rib. do Serrote; lançamento da 2ª terminado ás 6 h. de 21 e o da 1ª ás 22 horas de 20.

Pela ponte do rib. do Serrote passarão: a art. posta á disposição da Vg. direita (caso não seja possível passar pela ponte dupla da via ferrea), depois a infantaria e a art. do grosso da D. I. (agrupamento de forças da direita); pela ponte de Jacutinga a art. posta á disposição da Vg. esquerda, e depois a infantaria e a art. do grosso da D. I. (agrupamento de forças da esquerda).

Assentadas as linhas geraes da operação, enquanto se expedem as ordens preparatorias e a 3ª secção enceta a redacção da ordem geral de operações, o Cmt. da D. I. examina outros pontos complementares de sua decisão.

Que emprego vae ter a esquadilha divisionaria?

— A aviação inimiga, segundo o thema, tem revelado pouca actividade; apenas um avião foi visto voando a grande altura, ás 15 horas de 20, vindo dos lados de Jahú, até Dourado, regressando em direcção a Dois Corregos. Parece tratar-se de um reconhecimento photographico. Parece tratar-se de um reconhecimento photographico, pela grande altura que levava, e nesse, a presença da 1ª D. I. não terá passado despercebida á sua objectiva; por esse motivo não será impossível uma acção da aviação inimiga na jornada de 21, pelo menos durante a transposição do rio. O Cmt. da D. I. pensa em pedir ao Ex. uma protecção durante esse periodo critico e recommendou ainda aos Cmts. de R. I. que installassem algumas metralhadoras nas proximidades dos pontos de passagem, com o fim de tornar arriscado o vôo baixo de aviões inimigos que tentarem hostilizar a tropa durante a passagem.

Como missão de informação e de ligação:

- um avião de vigilancia, em permanencia das 7 ás 15 horas, servindo tambem de avião de ligação, para informar sobre a progressão das Vgs. (baliamento ás 8 h.) — são 4 saídas.
- um reconhecimento photographico da linha de alturas ao N. de Jahú-Dois Corregos, comprehendida pelo quadrilatero formado pelas linhas Paixões-Figueira, Faz. Pacheco-Faz. Mattão e os limites da zona de acção da D. I. (calque); — 1 saída.
- reconhecimento á vista na região do planalto de Pouso Alegre de cima e espigão de Faz. Florista, com a missão de observar se ha tropa em marcha

vinda do Sul para o Norte, execução logo que o dia clarear; — 1 saída. Ao todo 6 saídas utilizadas sobre as 10 disponiveis, o que deixa larga margem para outras missões eventuaes. Quanto ao R. C. D., já foi previsto seu emprego na jornada de 21.

Ligações e Transmissões. — O Cmt. da D. I. tem todo o interesse em estar ao par da marcha da 1ª D. C. durante a jornada de 21, para ficar tranquillo quanto á situação no seu flanco direito.

Vimos, sobretudo, como o preocupa um possível ataque vindo do planalto a O. de Faz. Figueira Branca, que se liga pelo collo ao S. desta Faz. ao espigão por onde progride a Vg. direita. Apesar da sua proposição ao Cmt. da D. C. e das precauções tomadas na Vg., o Cmt. da D. I. decide enviar um official de ligação para o P. C. do Cmt. da D. C. com a missão de dar a esse Gen. todas as indicações referentes á manobra da 1ª D. I., no sentido de obter uma cooperação constante e, ao mesmo tempo, trazer o Cmt. da 1ª D. I. ao corrente dos acontecimentos nesse flanco.

Quanto ás transmissões, quaes são as principaes necessidades?

A situação das transmissões ás 16 h. de 20 acha-se no thema: a Cia. de Trns. está melhorando a linha telephonica que margeia a via ferrea no trecho Est. Trajijú — ponte sobre o Jacaré Pepira e deve, em obediencia a uma prescripção da ordem de operações do Ex., reparar o trecho que vae da referida ponte á Faz. Florista, onde installará, logo que o avanço da Vg. permittir, uma central telephonica pela qual a 1ª D. C. estabelecerá sua ligação telephonica com o Ex. na jornada de 21, pela manhã. Uma outra secção da Cia. Trns. está construindo o eixo telephonic da D. I., de Dourado para o váu de Jacutinga. Como previsão para 21, é preciso ordenar o prolongamento desse eixo até Faz. Independencia, onde será installado um C. I. A. desde que a Vg. direita ultrapasse esse ponto. Em principio, o eixo telephonic segue os deslocamentos do P. C. D. I. que, por sua vez, deve occupar os logares onde existiam centros de informação avançados, para utilizar as comunicações existentes. Não se póde ainda prever as localizações dos P. C. D. I., mas até Faz. Independencia os deslocamentos do P. C. far-se-hão segundo o eixo indicado, porque a crista de cota 650, a E. do rib. Figueira Vermelha apresenta bons observatorios para a 1ª phase das operações; ulteriormente, isto é, após a occupação ou conquista do planalto é possível que o P. C. D. I. se desloque para essa região. Para assistir á passagem do rio pelo grosso, e mesmo o inicio da progressão das Vgs., o Cmt. da D. I. tem um bom observatorio na crista do espigão 675, de Faz. Cascata. Em observatorio já se acha ligado por telephone ao Q. G. (em Dourado) de maneira que será ali o P. C. inicial da D. I., na manhã de 21; daí se deslocará para a região do collo 1.400 ms. a S. O. do váu de Jacutinga, onde tambem se encontra um observatorio conveniente. Durante o movimento das Vgs. as transmissões se farão por T. S. F. (mensagens urgentes e breves) ou por estafetas montados.

A optica poderá ser utilizada, pelo menos pela Vg. esquerda, que póde, inicialmente, installar um posto optico no pequeno manicão 575 a S. O. do váu de Jacutin-

ga, e depois na crista a N. E. de Faz. Independencia, em comunicação com a central optica da D. I. no observatorio de Faz. Cascata. Com a Vg. da direita, essa central optica póde communicar-se durante a noite 20|21, desde que o Cmt. da Vg. faça installar seu posto optico um pouco ao sul do seu P. C. de Frco. de Guerra e Cia.

Como rede de T. S. F., haverá na manhã de 2:1 1 posto de O. C. no Q. G. em Dourado, para communicações com o Ex.; 1 posto de O. C. montado no P. C. D. I. e outro em reserva prompto a acompanhar o deslocamento do P. C., ficando o 1º no antigo P. C. para garantir a permanencia das transmissões; 1 posto de O. C. com cada Vg.; 1 posto de O. C. no terreno esquadilha.

Além desses postos de O. C., haverá ainda no P. C. D. I. um posto de O. A. para communicar-se com os R. I. dos grossos da D. I., transmittir-lhes, por exemplo, a ordem para iniciarem a transposição do rio, quando o Cmt. da D. I., por intermedio da T. S. F. das Vgs. ou do balizamento feito pelo seu avião de ligação, fôr avisado de que as Vgs. attingiram a primeira transversal já citada.

Comunicações. — O Cmt. da E., além da questão das pontes, já referida, receberá também ordens relativas ás communicações, cujo eixo será a estrada Dourado-Jacutinga-Faz. Independencia e, possivelmente, prolongando-se por Figueira, rumo a S. O. Elle terá de concentrar os meios postos á sua disposição pelo Cmt. da D. I. no trecho da estrada entre a passagem de Jacutinga e Faz. Independencia, que terá de ser melhorado e conservado. Para esse fim, o Cmt. da D. I. porá á sua disposição o R. I. P. (menos 1|2 Cia., que fica em Dourado para auxiliar os serviços de carga e descarga de viveres, munições, etc., e outra 1|2 Cia. que acompanhará o R. A. P. para auxiliá-lo no seu deslocamento) e as duas Cias. de Sap. Min., estas poderão passar o rio depois das Vgs. e iniciar os trabalhos que depois serão definitivamente acabados pelo R. I. P.

Ao termo dessas cogitações, o Cmt. da D. I. recebe o radiogramma do Cmt. da 1ª D. C., dando conta da situação de fim de dia e a sua intenção sobre as operações do dia 21. Tudo vae bem, e o seu E. M. acaba de redigir e vae expedir a sua ordem de operações para o dia 21; são 17 h. 30.

2ª PARTE

Emprego dos Serviços na jornada de 21

Terminado o estudo do emprego tactico da tropa, para a execução integral da missão recebida, vem á baila uma outra tactica, igualmente importante, — a do emprego dos Serviços, em função das modalidades da operação projectada. Sem munição, uma tropa não se bate; mal alimentada e sem cuidados medicos, ella se funde, gasta-se, perde rapidamente seu valor combativo.

A questão dos serviços é relativamente simples e o bom exito é, como em tudo mais, fundado no espirito de previsão.

De um modo geral, no caso concreto estudado, a situação dos serviços é a seguinte:

— Na tarde de 20, os serviços de utilização mais urgente já se acham reunidos na região de Dourado. Apenas o Pg. A. D., o Pg. E., e 2 sec. do Ch. A. D. estão a um dia de marcha daquella região. Tres ambulancias e a C. E. acham-se em rib. Bonito (6 kms. N. E. de Est. Ferraz Salles), a menos de um dia de marcha.

Outros órgãos de segunda urgencia, o D. D., o D. R. M. e o Pg. R. D., partiram de S. Carlos do Pinhal na manhã de 20.

Quaes são as necessidades da tropa na jornada de 21?

Examinemos, em primeiro logar, a questão do reabastecimento:

— *Viveres* — Vê-se, pelo thema, que 2 sec. Ch. A. D. partiram de S. Carlos do Pinhal, precedendo a D. I. na sua marcha para Dourado, e depositaram um dia de viveres em Faz. S. Anna e outro na Est. Ferraz Salles; essa providencia permittiu que a D. I. se reabastecesse facilmente, durante a marcha, de maneira que os T. E. chegaram cheios á região de Dourado, na tarde de 20. Aí se achavam também as secções vasias do Ch. A. D. (sec. 1 e sec. 2).

Na tarde de 20, esvaziou-se uma sec. de T. E. que distribuiu á tropa os viveres para a jornada de 21. Essa secção vasia póde reunir-se a 21, pela manhã, em Dourado, onde se reabastecerá directamente na estação (reabastecimento pelo Ex., a 21) e aí aguardar ordem para aproximar-se do rio; esta sec. de T. E. é a que fará a distribuição na tarde de 22, ao S. do r.o.

A sec. de T. E. que está cheia na tarde de 20, receberá ordem de marchar de Dourado para a região de Jacutinga, onde aguardará ordem para transpôr o rio depois da passagem do grosso da D. I.; esta sec. é a que vae distribuir á tropa na tarde de 21; após essa distribuição, póde-se prever a reunião dos carros vasios em dois agrupamentos: um na ravina de Faz. Boa Vista e outro na de Faz. Independencia, onde serão reabastecidos a 22 por uma sec. Ch. A. D.

As quatro sec. do Ch. A. D. permanecem a 21 em Dourado, cheias, porque o Ex. entrega dois dias de viveres para a D. I. na noite de 20; na tarde de 21 a Ch. A. D. 3 irá reabastecer a sec. de T. E. que distribuir para 22, em ponto a fixar ulteriormente, porque depende da amplitude do avanço da D. I. na jornada de 21; em seguida, regressará a Dourado, onde o Ex. continuará a reabastecer a D. I.

Carne verde — O gado abundante nessa região de Fazendas, permittiu o reabastecimento de carne a 20, para o consumo do dia 21, por compra directa dos corpos. O serviço de intendencia divisionaria fez reunir, por intermedio dos grupos de exploração local, um dia de gado em Est. S. Clara, a ser distribuido na tarde de 21, para o consumo de 22. Esse gado póde fazer uma pequena etapa até á Faz. Monte Sinal, onde será instalado um matadouro. Os carros de carne dos T. E. que vão fazer a distribuição para 22, ao passarem por essa Fazenda, receberão a carne verde.

Remuniciamento — A dotação de munições da D. I. está completa na tarde de 20 (v. thema). O Pg. A. D. chega a Dourado nas primeiras horas da tarde de 21; (1) póde fazer avançar um escalão de viaturas, proporcionando ao consumo de munições a 21, até á região da bifurcação de caminhos logo ao sul do vau de Jacutinga, onde remuniciará as c. 1. m. dos grupos e os T. C. 1 dos corpos.

O Pg. R. D. deve embarcar a 21 em S. Carlos do Pinhal, para Dourado, onde se installará.

Engenharia — O Pg. E. chegará a Dourado nas mesmas condições que o Pg. A. D. e, no caso de estabilização a 21, será necessario fazê-lo avançar. O R. I.

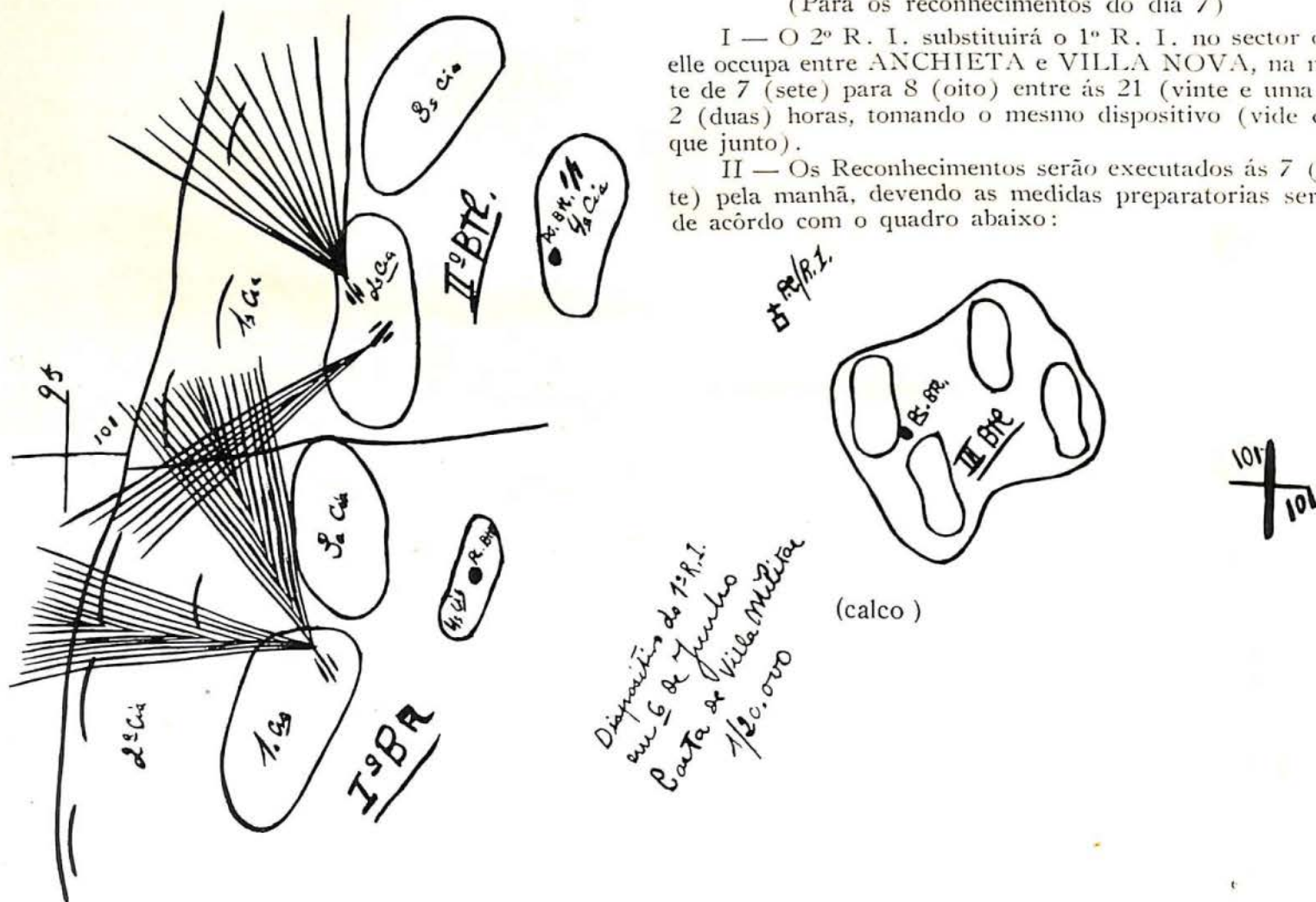
(1) Na tarde de 20, elle está estacionado a cerca de 16 kms. de Dourado.

ORDEM PARTICULAR Nº XXI

(Para os reconhecimentos do dia 7)

I — O 2º R. I. substituirá o 1º R. I. no sector que elle occupa entre ANCHIETA e VILLA NOVA, na noite de 7 (sete) para 8 (oito) entre ás 21 (vinte e uma) e 2 (duas) horas, tomando o mesmo dispositivo (vide calque junto).

II — Os Reconhecimentos serão executados ás 7 (sete) pela manhã, devendo as medidas preparatorias serem de acôrdo com o quadro abaixo:



Unidades	Composição	Itinerarios	Hora de partida do estacionamento	Ponto e hora de reunião
E. M. e Cia. Extr.	Ajd. do R. I. Capm. Medico. 1º Tte-Chefe. Transm. 2º Sarg. Ch. Sapadores.	HONORIO GURGEL — N. do Mº CRUZ — N. do Mº AGRICULTU- RA — E. do Mº do PAIOL — Est. R. de ALBUQUERQUE.	1h,30	Est. R. ALBUQUER- QUE (P. C. do 1º R. I.) 3h,30.
Iº Btl.	Cmt. do Btl. com 2 agen- tes de transm. e o Sarg. telephonista. Cmts. de Cias. e com 1 agente de transm. Comt. Pel. Mtr. L. Comt. Ptr. Ac. com seus Chefes de peças. Um official ou graduado por Pel. ou Sec. Mtrs.	HONORIO GURGEL — S. da FABRICA DE CARROS-DEODORO OLARIA-Estrada que passa entre o Mº da JACQUEIRA e Mº do JACQUES	1 hora	Marco 45 a NO. do Mº do Jacques, na estrada que passa entre esse Mº e o do Paiol Pequeno (P. C. I(1º)) 3hs,30.
IIº Btl.	Mesma composição que a relativa ao Iº Btl.	BARROS FILHO, Estrada que passa ao S. do Mº Camboatá, Est. R. Albuquerque — N. do Mº INVERNADA — do Mº DENDÊ — E. do Mº do Jovino.	1 hora	Entroncamento N. do Mº do Jovino e O. do Mº de S. BERNARDO (P. C. II(1º)) 3h,30.
IIIº Btl.	Cmt. Btl. com 2 agentes de transm. Cmts. Cias. Cmt. Pel. Mtrs. L.	Estrada Barro Vermelho— Sapé — HONORIO GURGEL — N. do Mº Cruz — S. do Mº Paiol — E. da Colina S. José.	1 hora	Marco 31 a E. de Colina de S. José (P. C. III(1º)) 3h,30.
Cia. Mtra. P.	Cmt. Cia. Dois 1os. Ttes. Um 2º Tte. Um sargento por Secção.	O mesmo do Iº Btl.	1h,30	Est. R. Albuquerque (P. C. do 1º R. I.) de onde serão encaminhados para as posições. 3hs,30.

Após os reconhecimentos, o pessoal de reconhecimento ficará em seus logares, com excepção dos Cmts. de Btls., do Medico Chefe e dos Cmts. de Cias. de Btl. Reserva, que poderão voltar ao seu estacionamento.

IV — As unidades do R. I. deverão estar em condições de iniciar o movimento para as suas posições, amanhã 7 (sete), a partir das 18 (dezoito) horas.

Ass.....B.....
Cel. Cmt. do 2º R. I.

Destinatarios: Cia. Extr. — Iº, IIº, IIIº Btls. — Cia. Mtrs. P. — para execução.
Cmte. da Bda. I. — a titulo de parte.

Recebendo identica ordem, o Cel. Cmt. do 1º R. I. faz expedir a seguinte ordem particular:

1ª. Bda. I. P. C. em Ricardo de Albuquerque, 6 (seis) de junho, às 18 (dezoito) horas.
Ordem nº
Cartas: V. Militar 1|20.000
D. Federal 1|50.000.

ORDEM PARTICULAR Nº y 1

I — Nosso R. I. deverá ser substituído na noite de 7|8 (sete para oito) entre às 21 (vinte e uma) e 2 (duas) horas, pelo 2º R. I. que fará seus reconhecimentos preparatórios na manhã de 7 (sete).

I — Os elementos de reconhecimento do 2º R. I. estarão nos P. C. dos Btls., do nosso R. I. antes das 4 (quatro) horas da manhã, de onde por meio dos guias destes serão encaminhados para as diferentes posições a reconhecer. As Sec. Mtrs. P. deverão enviar para o P. C. do R. I. em Ricardo de Albuquerque, antes das 4 (quatro) horas, um guia para encaminhar os reconhecimentos das do 2º R. I. que lhe substituirão.

Ass.....
Cel. Cmt. do 2º R. I.

Destinatarios: Cmts. de Btls., Cias. Extr., Cia. Mtrs. P. para execução.
Gen. Cmt. da Bda. I. a titulo de parte.

A's 11 horas do dia 7, chega ao P. C. dos 1º e 2º R. I. a ordem seguinte do Gen. Cmt. da 1ª Bda. I.

1ª. Bda. I. P. C. 7 (sete) de junho, às 10h,30 (dez e trinta).
Ordem nº
Cartas: da V. Militar 1|20.000
Do D. Federal 1|50.000.

ORDEM GERAL Nº 34

I — O movimento do 2º R. I. previsto pela ordem nº 33 executar-se-á esta noite (7|8) a partir das 18 (oito) horas.

II — Deverão ser tomados escalonamentos necessários entre as unidades para escaparem aos tiros da Artilharia adversa. Rigorosa observância da disciplina de marcha á noite.

III — As unidades do 1º R. I. se retrahirão para a região em que estaciona o 2º R. I., onde se reorganizarão e aguardarão novas ordens. As unidades do 1º R. I. uma vez substituídas, deixarão respectivamente junto a cada nova unidade, um official conhecedor perfeito da posição, até 2ª ordem.

IV — O material empregado nas ligações assim como as munições existentes nas posições, deverão ser deixadas, ficando o 2º R. I. obrigado a indemnizá-las desde que seja possível.

V — Parte de instalação a dirigir para o P. C. da Bda., ás 7 (sete) horas de 8 (oito).

Ass.....
Gen. Cmt. da 1ª Bda. I.

Destinatarios: 1º e 2º R. I. para execução.
Cmt. da 1ª D. I. a titulo de parte.

Suppondo-se realizado o entendimento entre os dois Cmts. de R. I. na manhã de 7, por ocasião dos reconhecimentos dos quadros, ao voltarem aos seus P. C. receberam a Ordem nº 34 da Bda. I., prescrevendo-lhes as operações já previstas em ordem anterior.

E' chegado o momento de serem redigidas as ordens relativas ás questões de movimento para o 2º R. I. e de substituição propriamente dita para o 1º R. I.

Do entendimento havido entre os dois Cmts. foram escolhidos em função do dispositivo adoptado pelo 1º R. I., os pontos de contactos entre as unidades do 2º R. I. vindas da retaguarda e os guias das unidades correspondentes do 1º R. I., assim como os itinerarios para esses diversos pontos. Devendo a substituição se realizar entre as 21 (vinte e uma) horas e 2 (duas) horas, e sendo essa operação um tanto demorada, as unidades do 2º R. I. deverão partir dos seus estacionamentos o mais cedo possível.

1ª. Bda. I. P. C. em Honório Gurgel, 7 (sete) de junho, ás 13 (treze) horas.
2º. R. I.
Ordem nº
Cartas: V. Militar 1|20.000.
D. Federal 1|50.000.

ORDEM GERAL Nº. (para o movimento na noite 7|8)

I — O movimento previsto na ordem Particular nº. x 1, se executará hoje á noite 7-8 (sete para oito) a partir das 18 (dezoito) horas.

II — Execução do movimento:

O 2º R. I. marchará por unidades isoladas, segundo o quadro abaixo:

Ordem de marcha	Hora de partida do estacionamento	Itinerarios	Ponto de encontro com os guias do 1º R. I.
Iº Btl.	18hs.	O mesmo utilizado para os seus reconhecimentos.	Marco 34 ao Sul do Mº do Paiol Pequeno.
IIº Btl.	18hs.	O mesmo utilizado para os seus reconhecimentos.	Entroncamento a 300ms. NE. do 1º u de Ricardo de Albuquerque e E. do Mº S. Bernardo.
IIIº Btl.	18hs.	O mesmo utilizado para os seus reconhecimentos.	Olaria a SO. do Mº dos Araujos.
Cia. Extr. e Cia. Mtrs. P.	18hs.	O do IIº Btl.	Est. R. de Albuquerque (P. C. do 1º R. I.

T. C. — 1 com as unidades.

T. C. — 2 e T. E. sem alteração até novas ordens.

III — P. C. do R. I. em Ricardo de Albuquerque (estação) a partir das 4 (quatro) de 8 (oito).

IV — Parte de instalação para R. Albuquerque às 5 (cinco) horas de 8 (oito).

Ass.....
Cel. Cmt. do 2º R. I.

Destinatarios: Iº, IIº e IIIºs Btls.

Cia. Extr. — Cia. Mtrs. P.

Serviços para execução.

Gen. Cmt. Bda. I. a título de parte.

1ª Bda. I. P. C. em Ricardo de Albuquerque, 7 (sete) de junho, às 13 (treze) horas.

Ordem nº.

Cartas: V. Militar 1|10.000.

D. Federal 1|50.000.

ORDEM GERAL Nº.
(para a substituição)

I — A substituição prevista em Ordem Particular nº y 1, será executada hoje á noite (7|8), devendo o 2º R. I. adoptar o mesmo dispositivo actual do nosso R. I.

II — Deverão se achar ás 20 (vinte) horas nos pontos de encontro, á retaguarda, com as unidades do 2º R. I., os guias necessários ao encaminhamento das mesmas até as posições a ocupar, tudo de acôrdo com o quadro abaixo:

Unidades	Pontos de encontro	Numero de guias
Iº Btl.	Marco 34 á NE. do Mº do Jacques e SO. do Mº do Paiol Pequeno.	1 Official por Cia.
IIº Btl.	Entroncamento 300ms. a NE. de R. Albuquerque (Estação) e E. do Mº de S. Bernardo.	1 Sargento, 1 praça por Pelotão das Cias. de 1º escalão.
IIIº Btl.	Olaria ao S. do Mº dos Araujos.	1 Official por Cia.
Cia. Mtrs. P.	Est. R. Albuquerque	1 Sargento por Secção

III — Os Btls. deverão deixar, respectivamente junto a cada unidade que os vêm substituir, 1 Official por Cia. conhecedor perfeito da região e do Plano de fogo respectivo. A Cia. Mtrs. P. 1 sargento por secção.

Os Cmts. de Btls. juntamente com esses elementos, deverão manter-se juntos aos seus correspondentes até nova ordem.

IV — A proporção que se fôr realizando a substituição, a evacuação deverá ir se fazendo da seguinte maneira:

Iº Btl. — Cia. Mtrs. P. — Cia. Extr. para a região de Honório Gurgel.

IIº Btl. para a região de Est. Barros Filho.

IIIº Btl. para a região de Est. Collegio.

Ai se reorganizarão e aguardarão novas ordens.

V — O material de ligação assim como a munição existente nas posições, deverá ser entregue ao 2º R. I. que indemnizará a este Rgte. logo que seja possível.

VI — P. C. do R. I. até ás 6 (seis) horas em R. Albuquerque e a partir dessa hora em Honório Gurgel, para onde deve ser dirigida as partes.

Ass.....
Cel. Cmt. do 1º R. I.

Destinatarios: Iº, IIº e IIIº Btls.

Cias. Extr. e Mtrs. P. para execução.

Bda. I. a título de parte.

Do Canhenho de um official de reserva

(Janeiro, 1924).

«A população da Argentina é de 9 milhões, dos quaes, menos de 7 milhões de nacionaes. O seu contingente annual para o sorteio, isto é, o numero de moços que no anno anterior completarem 21 annos é de 70.000.

Pois bem: o orçamento da guerra manda incorporar 21.000 sorteados ao Exército; e o da Marinha prevê a incorporação de 6.200; ou um total de 27.200 conscriptos, quasi metade do contingente.

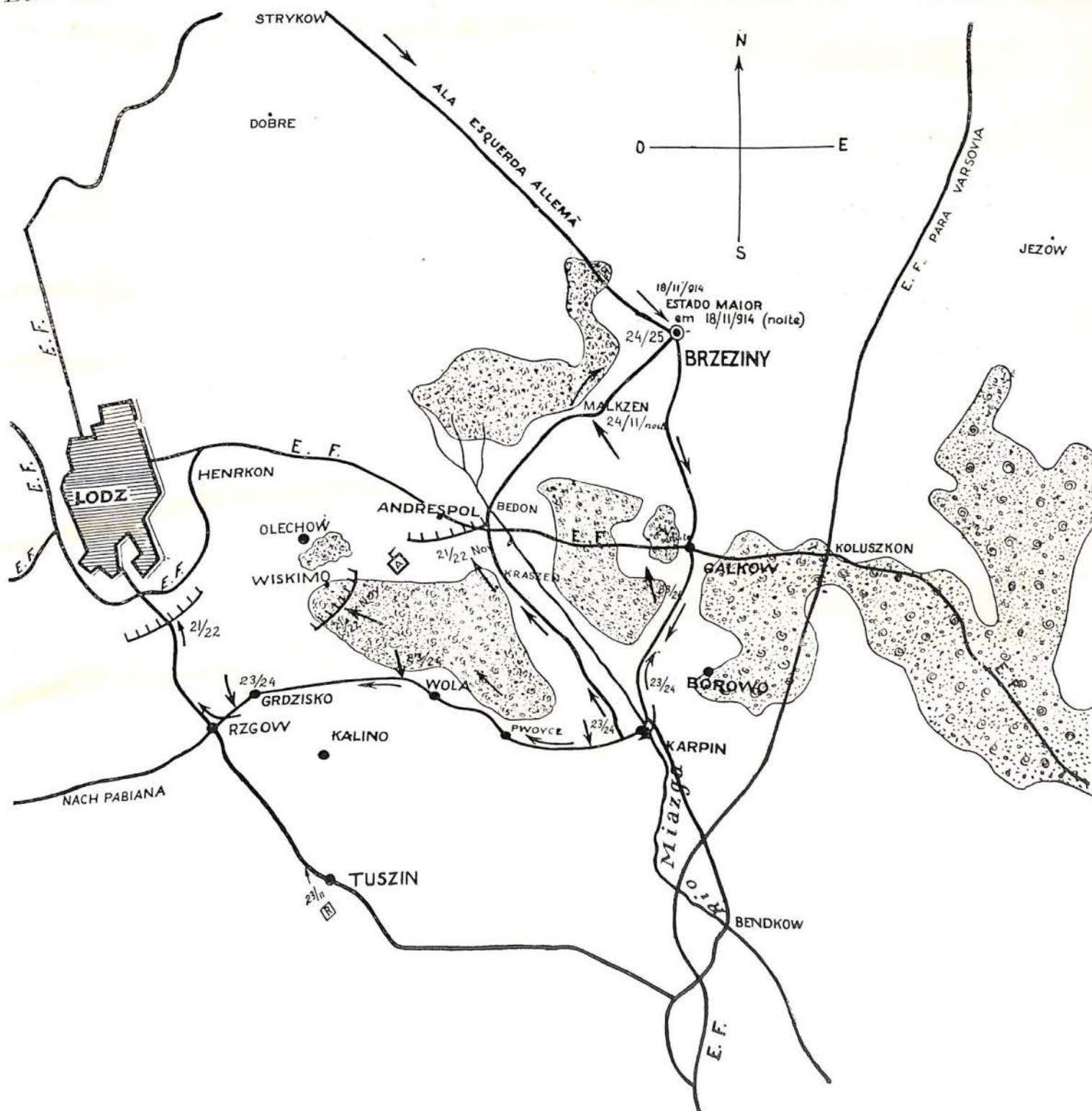
A nossa população é de 31 milhões, e nosso contingente para o sorteio orça por uns 300.000 moços de 21 annos. O nosso orçamento para este anno só tem verba para 10.850 sorteados! Na marinha não houve ainda sorteio.

Cada milhão de habitantes na Argentina fornece, pois. 2.022 sorteados; enquanto cada milhão de brasileiros, apenas, 320. Por esse criterio, o esforço militar da Argentina é quasi dez vezes superior ao nosso».

Tte. Cel. José Meira de Vasconcellos

migo alvejara a D. I. Já então um unico desejo dominava todos: era atacar a todo custo.

Uma nova ordem chegava. A infantaria da vanguarda devia tomar um dispositivo com frente para N E e pronta para assaltar. Apenas um tiroteio curto e ei-la se atirando com entusias-



mo sobre o adversario mais proximo, alojado nos bosques a Oeste de Borow.

O adversario solidamente entrincheirado não resiste e se entrega. O crescente numero de prisioneiros augmentava as difficuldades pela necessidade de vigiá-los.

Mas elles se tornam, tambem, um precioso elemento, na retaguarda, auxiliando o movimento dos comboios, bagagens, transportando feridos, etc. e o faziam com solicitude.

Uma nova ordem chegava: avançar até ao aterro da linha ferrea Lodz-Varsovia que atravessava os bosques em vista. Estes se achavam bem fortificados pelos russos. Entretanto não havia signal de vida.

A columna continuava a progredir, tendo por precaução, deixado a artilharia para a retaguarda. O Commandante da DI seguia com a ponta da Cia. da vanguarda. Todo Estado Maior desembainhara espadas e com um hurra euthusiastico todos se lançam sobre o adversario.

Em toda a columna se propaga essa arrojada decisão do chefe e então uma vontade unica de esmagar o inimigo os domina.

O assalto feito ao aterro occupado pelo adversario foi coroado de grande exito, apesar de já se ter realizado em completa escuridão, nessa memoravel noite de 23.

O Commandante da DI escapara da morte e a satisfação de vê-lo salvo não se descreve. A luta tinha sido rapida, porém encarniçada. A pequena estação local se enchera logo de feridos e não bastara.

O Estado Maior se installou num gallinheiro e o General Commandante tinha como cadeira uma cesta. Um official faz-lhe uma grande surpresa apresentando-lhe um ovo que acabara de encontrar. A seguir uma vela illumina a carta. A's 7|12 da noite se apresentam os officiaes de ligação e sob a luz morticha copiam a ordem seguinte:

"I — O inimigo foi batido.

II — A Divisão formará em uma unica columna de estrada e proseguirá para o Norte; toda bagagem ficará na retaguarda sob a protecção de 3 companhias.

III — Os officiaes de ligação deverão, após o assalto de Brezeziny, se apresentarem na Praça do Mercado, no mesmo local que o Q. G. da D. I. occupou no dia 18 de novembro, corrente".

Memoravel essa ordem pela resolução com que foi dada deante de um adversario que ainda mantinha enclausurada a Divisão!

Pelo espirito da ordem se pode deprehender que era intenção do Commando salvar os combatentes deixando á sua sorte o resto da D. I., inclusive a artilharia. A custo se consegue o dispo-

sitivo de marcha ordenada pois, alem da escuridão, todos estavam completamente extenuados.

Tinham passado os momentos da ultima luta, no começo da noite e já então o canção empolgava de novo a tropa. As unidades formavam em completa mistura depois do ultimo embate nos bosques e a côr variada dos uniformes mais fazia sobressaí-la. A marcha continuava. A 50 metros á retaguarda da ponta achava-se o General Commandante da Divisão. A noite era extraordinariamente fria e aquelles que não tinham conseguido alimento durante o dia, enfraquecidos, soffriam horrivelmente. O General procurava animar os que o cercam e todos os Commandantes procediam do mesmo modo para reacender o entusiasmo e esperanças na tropa. Uma hora depois do inicio da marcha, Galkow é attingida.

Chegam informações de que em cada casa dormem muito russos e que não tinham sido encontrados postos de segurança. Em rapido movimento são as casas do logarejo cercadas e mais de 200 prisioneiros são feitos, sem um tiro. A marcha prosegue, sendo a estrada abandonada a fim de evitar novos encontros. O General Commandante apeia e marcha por campos de cultura, cheios de buracos. Mais adeante reproduz-se a mesma scena; mais uma aldeia occupada por tropas de cossacos dorminhocos é tomada sem resistencia. Pelo mesmo modo é assaltado o logarejo chamado Malczew. Já então a tropa se reanimava e se alegra diante desses successos alcançados sem difficuldades. Com isto aproveitam os officiaes para mantê-los em bom estado de espirito. Attinge-se a grande estrada sobre a qual está situada a Villa de Brzeziny, principal objectivo do Commando; estava apenas a 5 km. da vanguarda. A marcha de aproximação se fazia em dispositivo de taque pois ali se esperava uma resistencia séria. As facilidades encontradas com a protecção dos bosques e da noite iam desaparecer, pois que a tropa teria que atravessar uma localidade onde o adversario certamente esperava attento.

Dois regimentos juxtapostos formavam o 1º escalão. Observava-se o maior silencio. Cada um já sabia do que se tratava e portanto tinha se disposto para luta, esperando apenas o signal do Commando.

Erão 2 horas da manhã de 24 25 de novembro quando o assalto se iniciara.

Postos avançados adormecidos do inimigo são aprisionados e as primeiras casas attingidas.

Sem uma palavra as portas são arrombadas a couces d'armas e uma luta surda e horrivel, ás escuras, se segue. Não havia tempo para se pensar em prisioneiros pois se tratava da salvação da columna. O que se impunha era abrir caminho

a todo custo, tal como quando se marcha através de bosques, de sabre na mão, abatendo o que se nos defronta e esmagando o que se acha sob os pés!

Não se podia infelizmente poupar nem mesmo aos que dormiam, visto como desse golpe dependia a salvação da tropa e era preciso ganhar tempo. A irresolução, importaria no aniquilamento. Através das ruas, cobertas de neve endurecida, apressava-se a marcha da Divisão com um ruído característico e symbolico.

O Commandante da D. I. proseguia, sem protecção, pela estrada que atravessava a cidade até á Praça do Mercado que estava atulhada de viaturas russas de toda especie, de bagagem, munições, comboios, etc.

De repente, ouvem-se rumores que augmentavam e em breve se verifica que os russos tinham despertado o resto da cidade. Ouve-se o primeiro tiro e se conta que o inimigo se dispunha para a reacção. Uma luta desesperada se desencadeia dentro da cidade, com uma fuzilaria ensurdecadora. Onde uma lampada se accende, a casa era logo alvejada. Cavalleiros, infantes, tudo foge desordenadamente pelas ruas; Bezeziny tinha se transformado num inferno.

O General Commandante entrara no seu Q. G. do dia 18, uma pharmacia: uma nova ordem é redigida enquanto o assalto prosegue. Um pobre tenente que por descuido accendera uma lampada, paga a imprudencia com a vida e é trazido para o Q. G. São 3 1/2 da manhã e, ás 7, deveriam se apresentar os officiaes de ligação para receber ordens.

Ainda se ouvem ao longe rumores da luta pelas ruas. A pé dirigem-se General, Commandante e officiaes do Q. G. para os alojamentos arranjados. No porão de uma das casas foram des-cobertos para mais de 50 soldados russos (cossacos) dormindo e armados até aos dentes.

Estes foram augmentar o numero de prisioneiros que eram reunidos na Praça do Mercado. A colheita continuara pela noite afora, sendo, sendo tambem surpreendidos em pesado somno muitos officiaes. Enfim só um pequeno repouso foi possivel, pois ás 7 todos deviam estar de novo promptos. O inimigo era assinalado ao N. Al-guns disparos de artilharia são ouvidos. Ao mes-

mo tempo aproximaram-se forças alemãs: eram as columnas vizinhas. Das alturas deante de Brzeziny verifica-se que era possivel tomar o inimigo pela retaguarda. Em consequencia, em breve, são os russos obrigados a deixar caminho.

Tinha-se enfim alcançado em Brzeziny após dias horriveis de vicissitudes e lutas, a ruptura para que tanto esforço se empregara. Onde estava porém a artilharia e a bagagem?

O principal tinha se conseguido: a salvação dos combatentes porem seria pesaroso com o restante nas mãos do inimigo. Com a vanguarda tinham vindo quatro canhões e muitas vezes era o proprio General Commandante que ordenara o tiro: foram um precioso auxilio. Felizmente soube-se depois que o resto da columna vinha mais a retaguarda. As tres Cias. de protecção tinham soffrido muito com a missão que receberam pois eram de perto seguidas pelo adversario.

Entretanto, conseguiram vencer todas as difficuldades. Enviando para a frente todos os prisioneiros feridos, viaturas, etc., essas Cias. conseguiram dar ao inimigo a impressão de que eram mais fortes do que em realidade e assim poderam se impôr.

Emfim estava tudo são e salvo embora, de-pauperados, exhaustos mas de novo em Brzeziny. D'aqui proseguiu a columna rumo ao norte, vencendo as ultimas resistencias.

Como vemos, uma vontade inabalavel salvara a Divisão e facto unico, na historia militar, foram feitos 12.000 prisioneiros e tomada consideravel quantidade de material de guerra. A noite desse dia chegara, e no Q. G. conversavam animadamente os officiaes revivendo episodios recentes. Nisto entra o Commandante da Divisão, com passo firme, olhos flamejantes, na sala mal illuminada. Tinha voltado de uma visita que fizera aos arredores. Entretanto, diz: "Meus senhores, não enalteçamos o que acabámos de fazer, nós officiaes, educados para a vida do dever, temos que considerar o que fizemos como nossa obrigação e nada mais. O que é preciso, porem, é evidenciar a capacidade da Tropa. Não distingamos as unidades, citemos nomes. O que presenciamos nesses dias nos ligou para sempre a cada um desses bravos pela tenacidade deante do adversario, na luta até á arma branca e mais ainda".

A guerra europeia tem mostrado a importancia dos conhecimentos psychologicos na conducta dos individuos e das nações. As illusões que se criaram os diplomatas sobre a mentalidade de certos povos e os moveis que os inspiram trouxeram para seus paizes terriveis consequencias. —Gustave Le Bon.—Primeiras consequencias da guerra.

H. B.

O Bandeirante Moderno

(Em commemoração ao 1º anniversario do
C. B. B.)

As nações novas como o Brasil, cuja formação apenas se esboça, necessitam mais que outras da alma energica, do espirito apprehendedor, da tenacidade indomavel de filhos realmente dedicados, para que se consolidem realizando destinos grandiosos e não venham a desagregar-se corroidos por energias dissolventes, negativistas de que as necessidades mesmas de seu progredir favorecem o surto. Não tem ellas mentalidade secular que as ampare, nem habitos enraigados que as defendam. Constituem meios facilmente permeaveis a toda aventura e possuem a inexperiencia das juventudes. . .

Necessitando o Brasil de braços para os misteres de sua industria e valorização de seu sólo, é forçosamente na immigração que encontra o mais efficaz recurso para obter um rapido progredir. Immigrando serve a si mesmo e serve ao Mundo.

A immigração não se faz, porém, *sómente de élites* das raças e povos emigratorios. Em regra, os que emigram, a massa dos emigrantes, é constituída pelos que fracassaram em seus proprios países, por causas diversas, sem duvida.

Trazem os emigrantes de mistura bons e maus costumes e na ansia de vencer, de accumular rapidamente riqueza, fóra do ambiente de sua formação moral, enquadrado, pela concurrencia na pesquisa dos mesmos objectivos, sem o interesse superior do espirito de patriotismo da terra em que vem viver, nelles diminuem certamente os escrúpulos e se abrandam certas subtilezas moraes. Com isso se corrompem e corrompem o país dando lugar á formação de uma moral que tal nome não merece e de que é uma justa synthese o conselho norte-americano dado ao filho pelo pae: *enriquece, honestamente se pudeses. . .*

Nem todos, muito poucos mesmo realizam seus ideaes de fartura nababesca mas os que o conseguem apresentam um exemplo apparentemente facil, e que a ambição e a ingenuidade dos homens tomam como a regra commum.

De tudo isso se enfraquece a noção moral, daí se originam energias dissolutivas.

Não é pois a immigração um meio de progresso sem damnos graves, mas o pior delles são as alterações que podem produzir nos caracteres fundamentais da mentalidade e da indole nacionaes, a falta de continuidade e solidariedade com o passado nacional, que a corrente immigratoria desrespeita porque não conhece nem ama.

E', porém, indispensavel recorrer a ella para fazer valer o solo e mesmo melhorar o homem, o que só será conseguido se um espirito superior souber corrigir-lhe os males, dominando-os completamente.

Esse espirito precisa organizar-se e criar os órgãos que mantenham a lingua nacional, cultivem as tradições e affirmem sempre a existencia de uma nacionalidade continua e dominante, incorporando o immigrante e não se deixando deformar por elle.

A intelligencia do Homem Brasileiro, governo ou não, deve applicar-se em transformar o immigrante em colaborador evitando que este imponha sua *nacionalidade* em vez de adoptar a da Patria em que se abriga.

A evolução do Brasil está cheia de erros e faltas perigosas, que mais e mais chamam por um patriotismo esclarecido e abnegado

Os phenomenos historicos, taes como o da *escravidão*; os erros da politica, taes como o *papel moeda*, o proteccionismo artificioso e a quasi exclusiva *cultura do café*, tornado em base da riqueza nacional de preferencia a outros productos mais necesarios á vida de mais largo consumo universal; a *incultura* do povo permitindo a *industria politica* pela insufficiencia das *élites*; e de um modo geral a falta de continuidade na direcção dos nossos destinos pela incomprehensão dos resultados da *politica scientifica*; tudo isto tem provocado crises economicas e perturbações de ordem material, da ordem administrativa, etc., aggravando as condições materiaes da vida, abalando as condições sociaes e moraes e favorecendo o predominio dos *espiritos* sem escrúpulos patrioticos.

Accusa-se o Brasil de falho de carácter e no entanto são de brasileiros obras de vulto que exigem eminentes qualidades de carácter!

O que falta é *cultura*! Não se vê aqui continuidade de acção, propagandas e acções são constantemente tomadas e abandonadas, sendo raros os empreendimentos de ordem material e moral que logram obter um desenvolvimento continuo até o derradeiro estado. Falta carácter? Não, parece antes faltar a compreensão e o sentimento das necessidades. Faltam as vistas geraes, as vistas de conjunto, a *cultura*, que permittam discernir e classificar as necessidades.

O Brasil, a bem dizer tem progredido por *vagas*! Seus governos não seguem uma directriz uniforme e os órgãos aos quaes caberia manter a *cohesão*, que têm theoricamente a responsabilidade pela continuidade da acção politica, fallcem completamente na pratica. De facto, nossos Congressos reflectem um estado de incultura, uma educação nacional precaria!

Um dos exemplos mais frisantes de nossos azares na vida *pratica nacional* é o que se tem passado com o *serviço militar*, cujo valor, importancia e *destino nacional* parece terem ficado desaparecidos tanto dos legisladores como dos executores. E no entanto, num país novo como o Brasil, extenso, de corrente immigratoria necessariamente intensa e cujas necessidades exigem um desenvolvimento ainda maior; num país de 80 % de analphabetos e onde ainda se não apagaram os sulcos profundos causados pela mentalidade das *relações* entre senhores e escravos, o serviço militar intelligentemente comprehendido e praticamente executado, sem as excepções odiosas de pessoas e restricções de actividade diminutivas de seu aproveitamento nacional, seria um instrumento incomparavel de *cultura e consolidação* da nacionalidade!

Sem veleidades *puramente guerreiras* e contrarias á nossa situação internacional e aos interesses da civilização universal, mas fugindo aos perigos e riscos de um desarmamento *idealista* e, infelizmente, ainda chimerico, deviam ser acalentados e desenvolvidos entre nós todas as idéas e instituições capazes de contribuirem para a *força militar nacional*. E essa força não reside só nos meios materiaes, no chamado *armamentismo*, tem mesmo sua séde principal no gráu de *cultura*, na elevação do espirito nacional. Hoje, certo é que se não combatem *materiaes com homens*, mas a *força moral* é a unica capaz de utilizar e fazer render o *materid*.

* * *

Criar, desenvolver as instituições que servem a *cultura cívica*, a *cultura intellectual*, a *cultura*

physica, é fazer obra nacional, é contribuir para criar a *força nacional*. Mas porque ser exclusiva nas differentes especies de culturas se todas se entrelaçam e completam, ficando injustificada, incompleta e mesmo *sem destino* a que se isola?

* * *

E' incontestavel que as associações diversas podem prestar bons serviços á Nacionalidade e á sociedade em geral desde que tenham uma orientação conveniente. E qualquer que seja o *pre-texto da associação* deveria sempre considerar em seus fins o interesse cívico, em seus estatutos o indispensavel concurso aos interesses capitaes da nacionalidade: *cultura intellectual*, *cívica* e *physica*. Seria o laço que a todas uniria, embora cada uma pugnassem pelos motivos particulares que as fizera msurgir.

As *associações de classe*, as associações desportivas, etc., deveriam gozar os fóros de utilidade publica desde que preenchessem esses destinos geraes dentro de limites compatíveis com seus destinos especiaes.

Talvez que seguindo systematicamente uma acção mais ou menos nesse sentido orientada, deixassemos de delirar no carnaval e ficassemos menos passivos ou indifferentes no Sete de Setembro.

* * *

O espirito bandeirante resurge e prestará certamente á Nação Brasileira deste seculo o mesmo serviço que os audases desbravadores do sertão prestaram ao País que Pedro Alvares Cabral descobriu.

Não se trata agora de alargar terras nem buscar riquezas longiquas! Mas trata-se de manter a conquista, de valorisá-la, e *robustecer* sobre tudo o homem que necessita ser reeducado, cultivado, valorizado. E o homem é antes de tudo *valor moral*!

O espirito bandeirante ressurge e ressurge na altura da necessidade civilizadora e por isso congrega-se sob uma bandeira, bandeira de patriotismo, criando desde logo a mais formidavel obra associativa de que jamais houve exemplo no Brasil!

Logico comsigo mesmo, honrando o nome que adoptou, o Bandeirante do seculo XX vencerá, e vencerá porque sabe dar o *exemplo*!

No dia, pois, em que o *Club dos Bandeirantes do Brasil* commemora seu primeiro anniversario, cada bandeirante terá sem duvida bem presente e viva na mente a idéa de que o que vale é o *exemplo*! E, para sua obra, exemplo de coragem, de calma, de actividade, de abnegação, de patriotismo!

SUBSIDIOS PARA OS QUADROS DE RESERVA

Artilharia

Execução do tiro na bateria de 75.

(Notas dos Cursos da M. M. F.; do R. T. A. e de publicações francesas). Pelos capitães

Emilio Rodrigues Ribas Junior

e

Ignacio José Verissimo

A serie de artigos que ora iniciamos não tem a pretensão de um trabalho original, cheio de ensinamentos capaz de receber, de nossos camaradas da activa, o concordo incondicional das obras dos mestres. Como o proprio titulo indica, trata-se apenas da coordenação feita com esforço e boa vontade, de apontamentos dos cursos da E. A. O. e E. E. M. já perfeitamente conhecidos dos profissionaes.

Não ha duvida que o nosso R. T. A. já trata dos mesmos assumptos de que vamos tratar, mas o que elle registra é, não só confuso para um principiante como deixa de lado uma serie de problemas inherentes ao tiro de artilharia, já hoje conhecidos entre nós, quer através de conferencias publicadas pela M. M. F., quer através de regulamentos francêses sobre o assumpto. Além disto (eis a causa primordial do presente trabalho), pareceu-nos interessante coordenar para os officiaes de reserva (pois graças aos esforços de um pequeno grupo de collegas o curso de officiaes de reserva já é uma bella realidade) essa ordem de conhecimentos, dando-lhes um caracter de clareza capaz de lhes prestar auxilio durante os seus cursos na Escola de Preparação, como tambem permittir-lhes formar uma idéa do conjunto sobre os variadissimos problemas que um capitão de Bia será chamado a resolver.

* * *

Apesar do reconhecimento e tomada de posição preceder, normalmente o preparo tecnico do tiro, admitimos para o nosso estudo, a bateria já em posição, deixando aquellas operações, que são mais de character tactico, para quando estudarmos o emprego do grupo que é a unidade tactica.

Este primeiro artigo é um resumo do que pretendemos explanar; um quadro geral das diversas questões que em artigos ulteriores serão desenvolvidos.

* * *

Logo após a tomada de posição a bateria é collocada em vigilancia. Diz-se que uma *bia está em vigilancia* (R. T. A. 151) quando o plano de uma peça (geralmente a peça da direita) escolhida como *peça directriz* está orientada para uma direcção definida (chamada *direcção de vigilancia*) ou orientada para um ponto definido (chamado *ponto de vigilancia*) e os planos de tiro das outras peças tem direcções definidas em relação ao da peça directriz. Em outras palavras, quando a peça directriz estando orientada numa certa direcção, os planos das ou-

tras estão ou parallelos a ella (caso normal) ou convergentes ou divergentes (casos especiaes) (1)

Vemos pois, desde logo, que a collocação em vigilancia da Bia, implica, obrigatoriamente, em duas operações.

- a) collocar a peça directriz numa determinada direcção (direcção de vigilancia).
- b) collocar as outras peças com os seus planos de tiro ou parallelos aos da peça directriz, ou convergentes ou divergentes.

Então

A) Primeira operação

Collocar a peça directriz em vigilancia (tarefa do Capitão). Para collocar a peça directriz em vigilancia é preciso que se conheça:

- a) ou um ponto — chamado *ponto de vigilancia* — que juntamente com o ponto de posição da peça, defina a direcção de vigilancia.
- b) ou um angulo formado entre uma direcção conhecida (direcção do N. geographico ou *direcção de referencia*) e a direcção escolhida para direcção de vigilancia.

Daí dois grupos de processos para collocar a peça directriz em vigilancia.

I) A peça é apontada para um ponto (ponto de vigilancia) visto da peça ou dos arredores della, e que pôde ser feito.

- a) á vista
- b) por balisamento
- c) por pontaria ao G. B.
- d) " " á prancheta
- e) com auxilio de um *ponto de pontaria*.

II) A peça é apontada segundo um certo angulo (angulo de vigilancia) formado entre a direcção de vigilancia e uma outra direcção definida (direcção de referencia ou direcção N. S. geographico); o que pôde ser feito.

- a) com G. B. com auxilio de Dir. de Referencia
- b) " prancheta com auxilio de Dir. de Referencia
- c) " G. B. declinado
- d) " prancheta declinado.

Vemos então que os processos a empregar, para pôr a peça directriz em vigilancia, variam segundo as duas maneiras (ponto de vigilancia ou angulo de vigilancia) por meio das quaes pôde-se definir a direcção de vigilancia. (2)

Os processos comportam, aliás, outra classificação — que é a do tempo que se dispõe para a collocação em vigilancia.

(1) Aliás, em principio, forma-se sempre o feixe parallelo; a convergencia ou divergencia será obtida em seguida com o escalonamento de deriva.

Assim os processos podem ser classificados ainda em:

A) *Processos rápidos*

- a) á vista
- b) por balisamento
- c) por pontaria ao G. B.
- d) " " á prancheta
- e) " ponto de pontaria
- f) " G. B. declinado
- g) " prancheta declinado.

B) *Processos lentos (2)*

- a) G. B. com auxilio de Dir. Referencia
- b) prancheta com auxilio de Dir. Referencia.

Esta ultima classificação levando em conta o tempo (3) tem a vantagem de dividir os processos segundo as situações tacticas em que uma bia póde ser chamada a actuar, isto é:

- _____ em operações activas
- _____ " " estabilizadas.

Os processos da categoria B podem ser levados a uma maior precisão — melhorando a pontaria da peça directriz, pelo processo de *visadas pela alma*. Estudaremos então:

- _____ processos rápidos
- _____ processos lentos
- _____ " de melhora dos processos lentos.

B) *Segunda operação*

Collocar as outras peças com os planos de tiro paralelos (divergentes ou convergentes) a peça directriz (tarefa do Cmt. de linha de fogo).

Uma vez estudado a collocação da peça directriz em vigilância, estudaremos a collocação das outras peças com os planos de tiro paralelos a ella (caso normal) ou com os planos de tiro convergentes ou divergentes (casos especiais).

Para tal, os processos são:

- a) por ponto de pontaria
- b) " pontaria reciproca sobre uma peça
- c) " " sobre o G. B. (transformado em ponto de pontaria).

Se houver tempo, é possível melhorar o feixe paralelo, formado por um desses processos, pelo processo de *visadas pela alma*. (4)

Chegamos assim a comprehender a possibilidade de conduzir esses dois grupos de operações simultaneamente.

- _____ O capitão se preocupando em pôr a peça directriz em vigilância.
- _____ O Comte. da linha de fogo collocando todas as 4 peças com os seus planos de tiro paralelos.

Em consequencia (sendo a preocupação inicial do Comte. da linha de fogo collocar, logo que toma posição, a bia no regimen paralelo) acontecerá algumas vezes que, antes mesmo de haver o cap. fornecido a bia os elementos para collocar a peça directriz em vigilância, já o Comte. tenha formado o feixe, assentando-o (5) para uma direc-

ção (dentro da zona de actuação da bia) differente da direcção de vigilância escolhida pelo capitão.

Neste caso é preciso que o Comte. possa dar nova orientação ao feixe, conservando, entretanto, o mesmo regimen (paralelo — convergente — ou divergente).

Vemos pois, que a collocação da bia em vigilância — comportando sempre 2 operações, poderá, neste caso, comportar tres.

Uma operação do capitão:

_____ collocar a peça directriz em vigilância.

Duas operações do Comte.:

- _____ formar o feixe paralelo — orientando-o para a direcção de vigilância
- _____ dar ao feixe nova orientação (no caso da operação de formação do feixe preceder a do capitão).

2) Terminada essas operações está a bia em vigilância. (6) Daí em diante suas operações serão de duas ordens:

- _____ operações tendo em vista *preparar o tiro sobre a zona de vigilância*
- _____ operações tendo em vista *preparar o tiro sobre os objectivos* que apparecem nessa zona de vigilância.

(2) O R. T. A (149) classifica os processos em rápidos e regulares. Ha tambem quem os classifique em rápidos e precisos. Ora, os processos da categoria B que chamamos lentos não são, evidentemente, nem mais regulares que os da categoria A nem mais intrinsicamente precisos. Todos devem ser precisos e todos podem ser regulares, apenas o tempo (operações activas ou operações estabilizadas) e os meios (plano director direcção de referencia, etc.) de que se dispõe, é que levarão a elles maior ou menor precisão.

(3) De resto os processos não dependem só do tempo; dependem, igualmente, dos meios. Por isso, é possível que, mau grado o tempo que disponha, veja-se uma bia obrigada, por falta de meios, a empregar, numa operação estabilizada, os processos chamados rápidos. Se admittirmos, porém, a presença de todos os meios, o tempo é o factor mais importante na escolha dos processos.

(4) Vemos pois, que o processo de *visadas pela alma* póde ser empregado para *melhorar* a pontaria da peça directriz (caso dos processos B) ou para *melhorar* o feixe paralelo. Aliás, as operações não são nestas duas situações, absolutamente identicas. Veremos opportunamente as suas differenças capitães.

(5) Isto é possível porque o Cmt. da linha de fogo — quando recebe ordens para occupar posição, recebe igualmente, entre outras, a indicação da zona provavel de actuação da bia.

(6) A direcção de vigilância é uma direcção escolhida na região media da zona de acção da bia. Quanto essa zona excede de 400 millesimos é vantajoso escolher mais que uma direcção de vigilância.

A) Preparação do tiro sobre a zona de vigilância

Antes mesmo que se conheça qual o objectivo ou os objectivos que a b'ia deverá bater, é possível medir algumas direcções e algumas distancias; registrá-las sobre um croquis ou sobre uma prancheta e organizar tabellas de correcção dos elementos topographicos (direcção — distancia — sitio).

Taes operações constituem o que o regulamento chama *organizar o tiro na b'ia*. Fica claro que assim que um objectivo appareça, na zona de vigilância, é facil (uma vez medido sobre essa zona de vigilância algumas direcções e algumas distancias) conhecer, por interpolação, qual a direcção e a distancia desse objectivo. Isto facilita e accelera a abertura do fogo sobre elle.

A *preparação do tiro sobre a zona de vigilância* (o que o regulamento chama — organização do tiro na b'ia) dever-se-á fazer:

- quer a abertura do fogo siga immediatamente a tomada de posição
- quer haja algum tempo entre a tomada de posição e a abertura do fogo. (7)

B) Preparação do tiro sobre o objectivo

Desde que se conhece o objectivo impõe-se a *b'ia*:

- attingi-lo
- batê-lo efficaçmente.

Para *atingi-lo* necessitará ella:

- medir o desvio angular entre a direcção de vigilância e o objectivo (angulo de transporte)
- medir a sua distancia e o seu sitio.

Para batê-lo efficaçmente é preciso:

- adaptar o feixe ao objectivo
- escolher o genero de tiro (percutente ou tempo)
- escolher o projectil e a sua espoleta
- " o angulo de queda
- determinar a extensão da zona a bater
- repartir a zona a bater (em direcção e profundidade)
- escolher o mecanismo do tiro de efficaçia
- determinar, quando possível, o modo de observação
- escolher o methodo de regulação.

Mas o objectivo pôde (quanto ao seu apparecimento)

- só ser conhecido no momento mesmo em que apparece
- ser conhecido de antemão.

Primeiro caso — O objectivo só é conhecido no momento em que apparece.

Neste caso, não sendo possível, medir com antecedençia, elemento algum do objectivo, impõe-se proceder a essas medidas rapidamente.

Assim sendo:

O angulo de transporte será medido:

- á vista no terreno
- sobre uma carta.

A alça e o sitio serão determinados:

- á vista no terreno
- sobre uma carta.

Mas a necessidade de *atingir* o objectivo o mais rapidamente possível, não permite corrigir, na medida do angulo de transporte e do angulo de elevação (alça e sitio) as causas que os podem alterar. Daí a necessidade de se ir buscar *pela regulação* em pleno desencadeamento do fogo — a precisão que a escassez do tempo não consentiu levar ás medidas.

Segundo caso

O objectivo é conhecido de antemão, isto é, surge num ponto previsto com antecedençia. Neste caso a coisa muda de figura. O tempo que se dispõe e o facto de já se conhecer o objectivo, permite que se determine o angulo de transporte e o angulo de elevação, e com muito mais rigor.

Assim sendo, o angulo de transporte será

- calculado

E corrigido

- a) da derivação do projectil
- b) da acção do vento transversal
- c) da inclinação dos munhões

A alça poderá ser igualmente

- calculada

e corrigida:

- a) das causas topographicas { Diferença de nível entre a peça e o objectivo.
- b) das causas aerologicas { Peso do ar
Da direcção e velocidade do vento
- c) das causas balisticas { Devidas á usura do canhão
Devidas á maior ou menor vivacidade da polvora
Devidas á temperatura da polvora.

Vemos então que no *primeiro caso*

— as operações para attingir o objectivo

— as operações para bater o objectivo não podem ser preparadas e se fica reduzido a preparar o tiro sobre a zona de vigilância, isto é, *organizar o tiro na b'ia* (como chama o regulamento).

Contrariamente, no *segundo caso* em que se conhece de antemão, o objectivo, pôde-se, não só

(7) Evidentemente desde que um objectivo surja, logo após a tomada de posição, mister será batê-lo immediatamente, independente da *preparação do tiro sobre a zona de vigilância*. Mas mesmo neste caso, as observações feitas sobre o objectivo, constituirão dados para o preparo da zona de vigilância, de maneira que a abertura do fogo sobre outros objectivos seja facilitada por essa preparação.

- preparar o tiro sobre a zona de vigilancia (organizar o tiro na bía)

como tambem

- preparar o tiro sobre o objectivo, levando essa preparação não só aos
- elementos necessarios para *atingir* o objectivo. Como até (o que no primeiro caso é impossivel) aos:
- elementos necessarios para *atingir* o objectivo.

Por isso, neste *segundo caso*, impõe-se reunir, para cada objectivo, numa *Folha de Calculo* todos os:

Dados do tiro . . . {
 Dados da bía
 Dados do objectivo
 A munição a empregar
 O angulo de elevação
 O angulo de transporte

Elementos de correcção {
 Correcção em direcção
 Correcção em alcance
 Correcção em altura de arrebentamento.

Elementos Iniciaes . . {
 A direcção inicial
 O angulo de elevação inicial
 O evento inicial

Mas como estas correcções são funções de causas eminentemente variaveis; de causas imperfeitamente determinadas e de causas, algumas vezes, desconhecidas; é a *regulação* que vae ter a ultima palavra para tornar o tiro preciso.

Como vemos a regulação é a condição *sine qua non* para se ter a certeza material de atingir o objectivo, pois ella é a unica capaz de nos dar, para cada objectivo, (sob as condições do momento) a alça e a deriva que lhe convem).

Mas a regulação sobre objectivos que se *desenfiam* (que é o caso normal das baterias) só é possivel conduzir:

- com o auxilio de um *alvo auxiliar*
- com o auxilio de um *avião*
- com o auxilio da *secções de referencia pelo som*.

O primeiro caso impõe que se conheça, exactamente, a posição do objectivo e com a mesma exactidão a do alvo auxiliar.

Desde que se tenham essas condições (conhecimento da posição topographica do objectivo e do alvo auxiliar) é facil comprehender a possibilidade de regular o tiro sobre o alvo auxiliar (que é visto) e, em seguida (mediante certas correcções necessarias) *transportar o tiro sobre o objectivo real*.

Nasce assim a necessidade de se saber *transportar o tiro*. Mas como o tiro tem 2 coordenadas

- alcance
- direcção

é preciso saber:

- transportar o tiro em direcção
- transportar o tiro em alcance.

Igualmente poder-se-á transportar o tiro, de um objectivo já batido, sobre um outro que se vae bater, conhecendo-se a posição de cada um delles. E' o problema anterior, com a differença de, ser aqui, o alvo auxiliar, um objectivo.

Desde que não se conheça exactamente (por meio de coordenadas ou de carta precisa) a situação do objectivo e do alvo auxiliar, não é possivel bater o *objectivo invisivel* regulando, inicialmente, sobre um alvo auxiliar.

Resta-nos pois apenas o recurso do *avião* e da *referencia pelo som*. Esta ultima exigindo uma organização especial e não podendo ser empregada senão depois que as operações tenham permittido a installação de todos os seus meios, não deve ser considerado como recurso normal. Por isso só a aviação constituirá o meio regular de acção, contra os *objectivos invisiveis*, pois dispensa:

- a presença de cartas
- é applicavel em toda a situação (operações activas ou operações estabelecidas).

Mas o *avião* é um meio sempre rico para a Artilharia. Vale a pena, por isso, poupar-lhe o uso sempre que possivel e daí a necessidade de:

- uma vez regulado um tiro sobre um certo objectivo *A invisivel*, (com o auxilio do *avião*) ficar em condições de batê-lo a qualquer momento, sem appellar mais para o *avião*.

Esse meio é o *alvo testemunha*.

Tudo consiste em:

- referir o tiro feito em *A* (com o auxilio do *avião*) sobre um alvo qualquer *B*, tomado para *testemunha*.

Fica claro que se se regular o tiro sobre o *alvo testemunha* (imediatamente após a terminação do tiro de efficacia sobre *A*) obter-se-á um angulo de elevação e uma deriva differente do angulo de elevação e da deriva de *A*.

Conhece-se, então, qual a differença entre os elementos para atingir *A* e os elementos para atingir *B* (alvo *testemunha*).

Desde que se queira retomar o tiro sobre *A*, bastará regular novamente o tiro sobre o *alvo testemunha* se as condições do momento mudarem obter-se-á, nessa nova regulação, um angulo de elevação e uma deriva differente dos achados na primeira regulação. E como a differença de elementos (angulo de elevação e deriva) entre o alvo *testemunha* e o objectivo *A* deve ser sempre a mesma, poder-se-á verificar qual é a correcção a fazer (em virtude da mudança das condições do momento) nos elementos de *A* para atingi-lo novamente.

Nós já vimos que nas situações em que se dispõe de tempo e meios é possivel preparar completamente os tiros (operações para atingir o objectivo — e para batê-lo efficaçamente) e, em consequencia, de desencadear os tiros sem regulação prévia, por surpresa.

Mas por melhor que sejam conduzidas as operações de *preparação do tiro*, nunca será possivel collocar, exactamente, o ponto médio dos tiros sobre o objectivo. Resulta daí que, quando a surpresa exigir que o desencadeamento dos tiros se faça sem regulação, é necessario, durante o proprio *tiro de efficacia*, *melhorar a collocação do ponto médio*.

Isto se consegue com o *confronto* (contrôle) do tiro, isto é com um conjunto de operações tendo em vista rectificar no curso mesmo do desencadeamento do tiro de efficacia, a collocação do ponto médio de cada bia.

Uma vez atingido o objectivo e conhecidas as condições para batê-lo efficazmente impõe-se *executar o tiro*.

Para executar o tiro é preciso levar em conta:

- a cadencia do tiro
- a densidade do tiro
- o consumo do tiro.

Recapitulando o que atrás dissemos, nosso estudo seguirá a seguinte ordem:

- 1º) Collocação da Bia em vigilancia;
- 2º) Preparação do tiro sobre a zona de vigilancia (organização do tiro na bia);
- 3º) Preparação do tiro sobre o objectivo.

A) Quando o objectivo só é conhecido no momento em que apparece

- a) Preparação dos elementos necessarios para *atingir* o objectivo;
- b) Preparação dos elementos necessarios para *bater efficazmente* o objectivo;

B) Quando o objectivo é conhecido de antemão.

- a) Preparação dos elementos necessarios para *atingir* o objectivo.
- b) Preparação dos elementos necessarios para *bater efficazmente* o objectivo.

4º) Observação e regulação do Tiro.

5º) Transporte de tiro.

6º) Tiro sobre alvo testemunha.

7º) Confronto do tiro (controle).

8º) Execução dos tiros.

9º) Casos concretos de tiro (tiro no grupo.)

Infantaria

GRANADAS

(emprego, classificação, funcionamento)

A granada é um engenho cheio de pólvora ou de explosivo que se faz arrebentar no meio do inimigo. A Historia faz menção de seu emprego desde 1538.

Antes da guerra a infantaria não era dotada de nenhuma arma de tiro curvo, porém, no decurso de 1914 em que os adversarios iniciaram a guerra de trincheira, a necessidade de actuar sobre elementos abrigados, para os quaes as armas de tiro tenso nada podiam fazer, a granada fez seu reaparecimento, fazendo hoje parte integrante do armamento da Infantaria.

Ellas classificam-se segundo o ponto de vista tactico, modo de arremessar e processo de accendimento.

Dai temos: offensivas e defensivas, de mão e de fuzil, de tempo e de percussão.

As offensivas, mais leves e de menos poder mortifero, empregadas em terreno descoberto, seu involucro é liso afim de que os estilhaços, tendo um fraco peso, tenham uma pequena zona de acção e assim não se torne por demais perigosa ao atacante ao arremessá-la.

Agem sobretudo pela violencia da explosão, tendo seu valor como effeito moral e permittir pela fumaça produzida uma especie de mascara no combate aproximado em terreno descoberto e notadamente no curso do assalto. Ella permite atingir um adversario abrigado e progredir em terreno descoberto como em terreno devolvido ou organizado; porém em razão de seu fraco rendimento, ella deve ser empregada em quantidade relativamente consideravel para poder se obter o effeito desejado.

As defensivas contêm um explosivo possante, dentro de um involucro que se fragmenta em numerosas estilhaços, bastantes mortiferos em um raio de 100 ms., do ponto de arrebentamento. É conveniente sómente lançá-la de um abrigo bem protegido dos estilhaços.

Ella permite realizar barragens a curta distancia contra um inimigo que se desenfia em angulos mortos ou atrás de obstaculos para se aproximar dos órgãos da defesa.

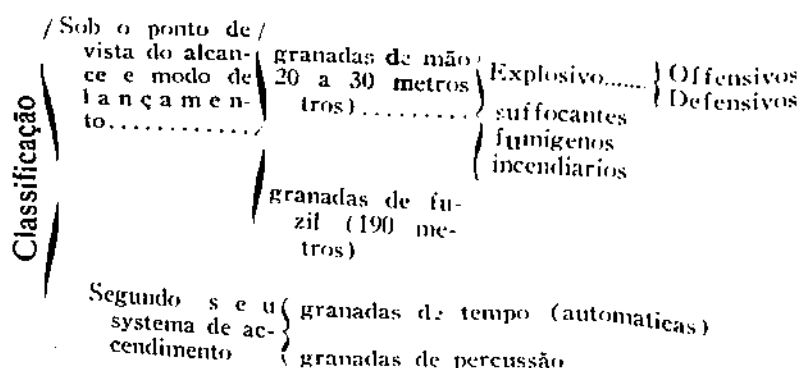
A acção das granadas é um processo de combate complementar posto á disposição do grupo de combate lhe permittindo á curta distancia forçar as resistencias do inimigo ou quebrar o seu impeto quando as armas de tiro tenso tornam-se impotentes.

A granada a fuzil V. B. pode ser lançada á distancia de 170 ms. Seus effeitos são semelhantes á de uma granada defensiva.

Na offensiva elle prolonga ou reforça a acção das granadas de mão, graças ao seu tiro curvo.

Na defensiva ella constitue um excellente engenho de barragem e de inquietação.

Deve-se procurar sempre reuni-los e agir por concentração de fogos.



Uma granada de mão comprehende em principio (1) Um dispositivo de accendimento (espoleta)
(2) Um involucro

Caracteristicos da granada de mão offensiva
 Peso da granada 10 gms.
 Peso do explosivo (chedite) 150 grammas.
 Peso da espoleta 90 gms.
 Total da granada 250 gms.
 Alcance 30 a 35 metros
 Involucro de aço ou ferro branco com 3 10 mm de espessura.
 Zona de efficacia 8 a 10 metros.

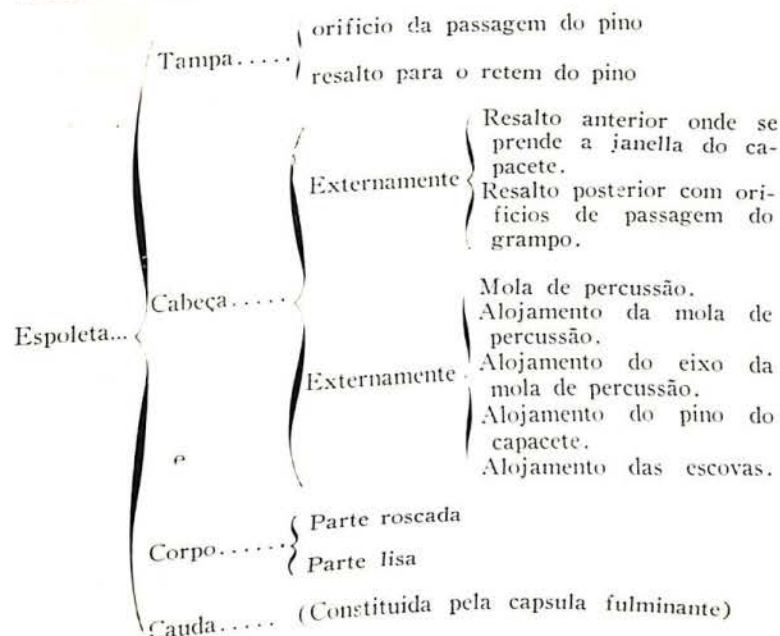
Caracteristicos da granada de mão defensiva	Peso da granada 450 gms.
	Carga de explosivo (chedite) 60 grammas.
	Peso total com a espoleta 630 grammas.
	Alcance, 25 a 30 metros (dispersão — 100 ms.).
	Involucro de ferro fundido de fragmentação preparada.
	Pintada de cinzento.
	Zona de efficiencia.... 100 metros.

GRANADA DE FUZIL

E' lançada por meio do bocal V. B. feito de um bloco de aço temperado torneado, deixando um calibre de 50 m/m e que se liga ao cano do fuzil por meio de um engaste tronco conico fendido.

A granada compõe-se de um corpo de ferro fundido, cylindrico, de fragmentação interior.

Um canal central dá passagem á bala e outro lateral recebe o detonador e a espoleta.



FUNCCIONAMENTO

Quando se retira o grampo, o capacete é levantado pelo pino que se escapa sob a acção de sua mola.

Neste momento, a mola de percussão ficando em liberdade vae ferir as escorvas. Mesmo que uma das escorvas esteja deteriorada, a outra é sufficiente para produzir a inflamação da mecha.

A mecha queima durante 5 a 6 segundos, depois vae detonar a capsula fulminante que determina por sua vez a detonação do explosivo contido no corpo da granada.

Todos os homens devem conhecer perfeitamente o funcionamento da espoleta para que possam deduzir: 1º) as precauções a tomar no manejo das granadas reaes; 2º) a segurança que apresenta o engenho para quem saiba empregar; 3º) a segurança do funcionamento de um engenho em bom estado.

Por exemplo: conhecendo-se que um pequeno deslocamento de um pino, basta para libertar os ramos da mola de percussão, comprehende-se a necessidade de não abrir os dedos quando se tem a granada na mão depois de retirado o grampo; vendo-se como o capacete está preso ao resalto posterior, pelo grampo, comprehende-se que é absolutamente impossivel que o accendimento se pro-

duza se não se abrirem os dedos; vendo-se a disposição do systema de escorvamento (2 percussores, 2 escorvas independentes) verifica-se que ha pouca probabilidade de falhas; vendo-se queimar um pedaço de cordel bickford e conhecendo-se o comprimento deste, das escorvas á capsula, tem-se a consciencia que se escôam alguns segundos entre o accendimento e a explosão.

No momento da granada deixar o bocal o projectil do fuzil atravessa o canal central e age sobre uma lamina collocada no seu percurso, fazendo-a ferir a escova.

A espoleta é presa por engastamento no canal lateral.

A espoleta é dotada interiormente de um rastilho de 8 segundos de duração.

O orificio de carga da granada é fechado por um tampão roscado.

CARACTERISTICOS.	Peso vasio 415 gms.
	Carga (chedite) 60 gms.
	Alcance (angulo 45°) 190 metros. Total 475 gms.

Para exercicios faz-se uso de granadas inertes do mesmo typo que as reaes, pintadas de vermelho.

A granada, lançada á mão ou com fuzil, segue uma trajetoria curva.

Por esse facto, ella completa as propriedades do armamento do infante permittindo-lhe attingir mesmo um adversario collocado á retaguarda dum obstaculo vertical. E' a arma principal da guerra de trincheira. Graças á sua introdução, a infantaria tornou-se apta a atacar e a defender-se, quaesquer que sejam as formas do terreno e a posição do inimigo.

ESPOLETA AUTOMATICA M/1916

Esta espoleta é commum a duas especies de granadas de mão offensiva e defensiva.

NOMENCLATURA . . .	Capacete
	Espoleta propriamente dita
	Grampo
	Pino
CAPACETE	Cabeça com janella
	Cauda com alojamento do resalto posterior e orificios de passagem do grampo.
GRAMPO	dois ramos
	anel.
PINO	mola
	capacete
	retém

Engenharia

II

Fins immediatos a obter com a organização do terreno

No artigo anterior vimos o papel tactico da organização do terreno e a importancia que o mesmo revestia.

Falta-nos, agora, dizer quaes os fins immediatos a obter com os trabalhos de organização.

Ouçamos o R. O. T. (Titulo I 4).

"De um modo geral, os trabalhos de organização do terreno para realizar o objectivo acima indicado, visam:

- 1º, pôr ao abrigo dos tiros inimigos as tropas de ataque e os órgãos de fogo da defesa, as unidades reservadas, os postos de commando e os observatorios e, em regra, todos os elementos essenciaes do commando e da tropa;
- 2º, permittir os deslocamentos a coberto, ou, pelo menos, ao abrigo das vistas do inimigo, dos reforços, das reservas, e dos órgãos de reabastecimento, e assegurar o funcionamento das ligações e transmissões;
- 3º, na defensiva, criar na zona de marcha do assaltante, obstaculos batidos pelos fogos da defesa, que o obriguem a ficar sob estes fogos durante o menos tempo possível".

OFFENSIVA E DEFENSIVA — PLANO DE DEFESA

Só a offensiva condús á victoria.

A defensiva é apenas uma situação de transição, embora sua duração possa ser longa, durante a qual forças de effectivo restricto se oppõem ás acções de um inimigo no geral mais forte, procurando immobilizá-lo, ou mesmo destruí-lo. O terreno judiciosamente empregado e quicá organizado, suppre a deficiencia numerica.

Entretanto, a defensiva, é apenas um recurso de que lança mão um chefe para deter em uma dada frente a progressão do inimigo, enquanto se esperam reforços para passar á offensiva ou então, aí immobiliza-o enquanto outras forças, agindo offensivamente em outras frentes, procuram a decisão da luta.

"Na batalha defensiva, o objectivo é assegurar a integridade geral da frente, economizando as proprias forças e procurando constantemente esgotar e destruir as do inimigo" (R. D. G. U.).

Conclue-se do exposto, que no geral sómente ou forças numericamente inferiores (tropas de cobertura, deslocamentos de segurança, etc.) ou os impedidos de continuar uma progressão já iniciada (falta de abastecimentos), se decidem a tomar a defensiva.

Exceptuam-se, entretanto, os casos em que circumstancias extraordinariamente favoraveis do terreno levam o Chefe a se manter na defensiva, apenas para obrigar o inimigo a manter o seu ataque, enquanto que com outras forças, agindo sobre os seus flancos ou mesmo retaguarda, o obriguem á derrota.

Se na offensiva o terreno é de grande importancia, pois é elle quem traça as linhas geraes da progressão das tropas de ataque (linhas de crista), os caminhamentos das reservas (caminhos desenhados ás vistas), os observatorios, os logares de reunião das reservas, etc., etc., na defensiva é uma verdadeira arma que convenientemente manejada permittre triplicar o valor da tropa.

A maneira como um Chefe pretende utilizar os meios de que dispõe (tropas, fogos) casando-os vantajosamente com os accidentes do terreno, constitue o que se chama o PLANO DE DEFESA.

"O plano de defesa é o documento de que se serve o Chefe para fazer conhecer o modo por que entende conduzir a batalha defensiva, e os meios que conta empregar para tal fim" (R. O. T. Titulo II-Cap. I).

III

Plano de organização defensiva — Suas bases

Vimos que constitue — Plano de defesa — a maneira como um Chefe, collocado na defensiva, se pretende a destruir o inimigo que se lançar ao ataque.

Para tal fim, elle dispõe as suas tropas, aproveitando os accidentes do terreno de forma a poder agir sobre o inimigo já com seus fogos, já por meio de offensivas parciaes (contra-ataques).

O aproveitamento do terreno, neste caso, desempenha um papel altamente importante, dependendo d'elle em grande parte o exito da operação.

Entende-se por aproveitar o terreno, dispor as tropas sobre os seus accidentes de maneira a dar grande eficiencia aos seus fogos e a permittir-lhes acções offensivas locais vantajosas, ao mesmo tempo que se torne difficil a progressão do adversario.

O plano de defesa é seguido do — Plano de organização — documento no qual se estabelecem os varios trabalhos a se effectuar sobre o terreno, para augmentar seu valor defensivo.

Entretanto:

"O plano de defesa é estabelecido nos escalões de execução, isto é, a partir da D. I., depois de um reconhecimento minucioso do terreno.

Deve estar em condições de poder ser applicado integralmente, antes mesmo de qualquer trabalho de organização. A falta de tempo ou de meios para a execução destes trabalhos, não impede que uma tropa qualquer, iniciada na defensiva, tenha uma capacidade de resistencia que lhe é propria, graças ao seu fogo e dos seus effectivos.

Os trabalhos de organização do terreno servem apenas para augmentar essa capacidade de resistencia. *A falta delles não deve, de modo algum, impedir que uma tropa, que haja recebido uma missão defensiva, a execute.*

Com este fim, a defesa da posição principal de resistencia é concebida e prevista desde o inicio, *abstrahindo-se de toda e qualquer organização defensiva*". (R. O. T. — 1ª Parte — Titulo II-Cap. I).

"Servem de base ao estabelecimento do plano de organização os seguintes elementos do plano de defesa:

- a) a determinação da posição principal, definida pela sua frente (orla exterior, deante da qual deverá ser estabelecida uma barragem de fogos destinada a quebrar os ataques inimigos), pela sua largura e profundidade (escalonamento de fogos no interior da posição);

- b) a determinação da posição de postos avançados e, eventualmente, das posições successivas;
- c) o dispositivo da divisão em que se dá:
- 1) A repartição da infantaria em:
 - tropas de vigilância, para a defesa da posição de P. A.; grosso, estabelecido na posição principal de resistência, e encarregado de sua defesa; reservas, destinadas a serem empregadas para reforçar as tropas de defesa da posição principal, ou para actuar por meio de contra-ataques.

- 2) As localizações da artilharia;
- d) a conducta a manter no momento do ataque:
 - 1. Missões dos postos avançados;
 - 2.

Acções previs-	Plano de fogos da infantaria
tas pelo em-	
prego do fogo	Plano de emprego da artilharia.
 - 3. Preparação dos contra-ataques;
 - e) localização dos postos de commando — observatorios e quadro das ligações a assegurar".

(R. O. T.-Titulo II-Cap. I)

A execução das reformas

A necessidade de uma reforma militar profunda e tão completa quanto permitem as nossas condições é incontestável desde muito tempo e, hoje, incontestada de facto. A opinião tem elementos para se achar bastante esclarecida, tão discutidos têm sido, em toda parte, e ha tanto tempo os assumptos capitaes.

O proprio governo lançou em mensagem ao *Congresso Nacional* as bases verdadeiras da reforma ferindo os pontos fundamentaes com bastante clareza e nitidez, mostrando ao mesmo tempo plena posse dos segredos das falhas actuaes e conhecimento dos meios efficazes de correção.

Está, portanto, firmada a base mental necessaria para uma obra definitiva. Falta apenas começar a realização, o que vae depender um pouco das outras qualidades humanas, além da intelligencia.

E' por isso que alguns mostram já apprehensões em relação ao retardo da acção, cujas causas ficam ignotas ou incomprehendidas, parecendo criar-se uma contradicção com as manifestações que foram feitas á luz do dia, de pleno acôrdo com as aspirações verdadeiramente patrioticas.

Começa-se, agora, a temer um arrefecimento injustificavel nas optimas intenções que a todos embalaram, mas isto só seria admissivel se aquellas expressões não correspondessem a sãos sentimentos e ás convicções profundas que as devem ter ditado.

Por outro lado, ha quem veja na falta de realização das prometidas reformas fundamentaes — *Conselho Superior de Defesa* — *Lei de promoções* — *Serviço Militar*, etc. — uma desproporcionalidade entre os homens e a obra a realizar, o que tambem é inadmissivel dada a clareza com que a questão foi posta, revelando uma mentalidade formada. E' facto que mesmo as difficuldades fidejantes não constituem causa bastante para que a reformança não constitua uma frente e com energia porque, o que ha de mais grave a fazer, não depende essencialmente de meios pecuniarios. Seria mesmo conveniente preparar a grande e definitiva reforma por uma recomposição tão completa quanto possível da ordem, introduzindo hábitos de trabalho proceloso e orientado para o objectivo da guerra, unico fim dos Exercitos, conduzindo todos os órgãos a funcionar de acôrdo com os destinos, para que foram criados.

E' incontestavel que ha ainda uma ausencia de trabalho real e productivo que nenhuma razão legitima justifica a não ser o desacôrdo entre os homens e seus encargos, a falta de observancia da velha regra de "*the right man in the right place*".

* * *

Alguns projectos jazem no seio recondito das commissões do *Congresso Nacional* sem terem andamento regimental. Assemelham-se a explosões, despertar de consciências premidas por flagrantes necessidades nacionaes, logo, porém, suffocadas por conveniencias que ninguém percebe. Longe de applaudi-los, considerando mesmo alguns taes quaes estão, mais perniciosos que uteis, agradamos a idéa que encerram de arrancar-nos deste estado de erro e de insufficiencia em que nos vimos debatendo ha demasiado tempo.

Lastimamos, porém, que não tenham podido manifestar a virtude, que não tenham tido o poder de agitar as proprias questões que encerram, conduzindo ou provocando desse modo uma solução necessaria.

Quaes sejam as razões que lhes têm reprimido o surto, não percebemos nem podemos comprehender, quando vemos o tempo malbaratar-se em coisas de nonada, ou de vida corriqueira.

Dizem espiritos maledicentes e menos propensos ao bom julgamento, que a razão de um tal acontecimento — se assim se pôde chamar o phenomeno — é a imprecisão ou a falta de idéas assentadas entre os que devem ser competentes em taes assumptos.

Isto põe em cheque, sobretudo, a classe dos que mais directamente com elles lida e á qual "*A Defesa Nacional*" se incorpora, testemunhando ao mesmo tempo que não é esta a razão verdadeira da falta de andamento, porque, em suas paginas, largamente têm sido ventiladas todas as questões principaes.

* * *

"*A Defesa Nacional*" não encarando jámais as questões por um prisma pessimista, nada constructor, e crente sempre nos destinos finais de uma Patria, grandiosa e forte, sabe esperar confiante no futuro, sejam quaes forem as vicissitudes do presente, que força é confessar, encerra ainda favoraveis prognosticos.

Escola de Sargentos de Infantaria

"Mais um anno de proveitosos trabalhos foi commemorado a 14 de julho na E. S. I., com a promoção dos alumnos que concluíram o curso de sargentos e com a promoção dos que passaram do 1º ao 2º periodo. Foi uma solemnidade brilhante, digno coroamento dos esforços patrióticos dos que têm sabido manter sempre elevado aquelle proveitoso e efficiente estabelecimento, melhor fonte que possuímos para o recrutamento dos quadros de sargentos.

Abaixo publicamos o discurso pronunciado pelo alumno *Alvaro Sant'Anna* em nome de seus collegas, saudando os novos sargentos, cujos conceitos attestam bem a mentalidade sã que a E. S. I., incute nos seus dicipulos."

Jovens sargentos :

Quando designado pela gentileza dos meus collegas para trazer-vos hoje, pelo vosso triumpho, a eloquencia altamente significativa e bella da sua saudação, não reflecti se estava na altura de cumprir fielmente esta missão delicada e honrosa, ou se me faltariam elementos para executá-la.

Habituação desde criança ao ambiente benefico das letras, conduzido desde cedo, pelas mãos bem-fazejas dos mestres, pelos caminhos da grandeza e do bem, aprendi em pouco a admirar as cousas bellas que dignificam o character e enobrecem a alma.

Aquelles evangelhos de civismo, que me ensinaram, aquella doutrina de luz que depois eu preguei das tribunas de minha terra, é que me conduziram a esse templo soberbo donde a gente sae com a benção da Patria e o galhardão dos heróis.

Acompanhei, com o coração suspenso, a vossa escalada pelos degraus que vindes de transpor, e quando vos contemplei agora no final da jornada, foi tão profundo e sincero o que senti, que logo comprehendí a necessidade inevitavel de vos estreitar num amplexo, embora humilde, traductor, porém, da mais bella apothéose.

Aceitei, portanto, a difficil incumbencia não envaidecido pela distincção erronea de que fui alvo, porém convicto de que a rusticidade da linguagem tósca muitas vezes fulgura tão sómente pelo sentimento que a inspira e não pelo burilado caprichoso de palavras bellas e altisonantes

Recebi a missão e venho desempenhá-la agora, descobrindo-me aqui, num gesto de admiração e orgulho, para saudar, em nome dos meus collegas de turma, os maiores homens da Nação.

Sim, meus senhores, a minha phrase não é a fantasia exagerada que o entusiasmo empresta para colorir palavras. Digo os maiores homens da Nação porque são elles justamente os militares, aquelles que se celebrizaram na batalha de Riachuelo e na tragedia de Tuyuty, e que se consagram na posteridade com a evolução dos tempos.

O mundo evolue, a civilização avança, a Patria progride.

O transatlantico rasgando os mares, a locomotiva cruzando o solo, a aeronave nas nuvens, o lavrador no arado e o ferreiro na officina, o mestre na escola e o operario nas minas, o sabio que estuda e artista que crystaliza as irradiações da alma, não são mais do que o progresso que marcha com seu cortejo triumphal ao retinir do malho na bigorna, ao rodar das carretas, ao ruído das machinas, ao entrechocar dos ferros, tudo isso formando, num concerto harmonioso, o hymno do trabalho.

Cada nação é uma potencia mais forte, cada país é uma columna que se alevanta mais alta, onde todos, operarios laboriosos, vão depositar o seu punhado de areia para a continuação da obra.

Entretanto, o alicerce solido do monumento que se edifica, a muralha intransponivel que defende os lares, que vela pelo somno tranquillo dos que repousam enquanto outros caminham para a luta quotidiana é a baioneta valente do soldado resolute que num compromisso sublime sella com o proprio sangue as portas do templo da Patria para que outrem lá não penetre e arrebathe as joias que no seu seio rutilam. São esses peitos titanicos que tombam valorosamente no fragor das batalhas envoltos no anonymato da sua modestia nobre, deixando unicamente, como vestigio da sua passagem na terra, a grandeza de seu heroismo e o exemplo de um dever cumprido.

Ave! pois, oh filhos augustos da patria soberba de Marcilio Dias! Pelo vosso nome, pelo vosso valor, por tudo o que de bello e nobre dentre em vós se encerra, salve!

Nova cortina se rasga hoje deante dos vossos passos. O mundo é um amphitheatro colossal onde todos devem ser gladiadores athleticos para se medirem com a vida quando chegar a vez de lutar.

Cada povo, cada país, cada officina onde se forja a grandeza do porvir, ali manda os seus operarios, e manda os seus filhos para representarem o seu valor aos olhos avidos da humanidade que os contempla anciosa por cobri-los de flores ou esmagá-los na ambição da conquista.

Chegado é o momento de entrardes na arena.

Ide e ensinae lá fóra o que aprendestes aqui. Repeti a toda gente o que vos disseram os vossos mestres; sêde, portanto, mestres como elles, porque, meus amigos, *a missão do militar de hoje já não deve ser unicamente a de protagonista das tragedias do fogo e do sangue. Elle deve ser, primeiro que tudo, o edificador de espiritos fortes, modelados em principios sãos, que o acompanham na escalada da montanha luminosa onde ficam impressas as suas plantas.* Deve semear nas margens do seu caminho a abençoada semente do bem, que mais tarde, arvore, seja obrigo acolhedor dos viandantes que por ali passarem, e, fruto depois, seja alimento restaurador dos que tergiversaram na descrença. E desta grande verdade ficae certos, senhores; grande não é sómente o capitalista que constróe castellos nem o estudioso que descobre engenhos, grande não é sómente o poeta que escreve paginas de oiro, nem o sabio que confabula com o firmamento todo aberto em luz. Se é grande o marujo arrojado que arranca a perola das mais profundas solidões dos mares e o aeronauta ousado que vae beijar as lampadas celestes, entre todos os grandes maior é o mestre que nos ensina, que nos aponta o caminho de degráu em degráus, que de alto da sua sapiencia nos mostra as maravilhas do mundo, que nos entrega o livro, a chave de oiro com que abrimos de par em par todas as portas do universo, e que fica de longe com o braço erguido num gesto largo nos indicando a estrada por entre as assombrosas galearias do palacio encantado que o Criador construiu.

E' isso o que tendes a fazer, meus jovens amigos.

Descançae sobre os vossos hombros a confiança dos vossos superiores e a fé dos vossos soldados. Preparae estes ultimos que carecem do

vosso braço como os primeiros carecem do vosso esforço.

Assim como a semente que se atira ao solo no tempo da bonança é o pão que nos alimenta nos dias de penuria, o que fizerdes hoje não será mais que congregar energias que amanhã reunidas formarão a parede que ha de reagir ao arremesso da resaca.

São estas as minhas ultimas palavras.

Eis aberto o caminho, cumpre-vos, pois, progredir.

Quer como apostolo da luz na paz, quer como mensageiros da gloria na guerra, avança sempre, valorosos sargentos, que é este o vosso dever.

Procurae subir cada vez mais alto que convosco subirá tambem o nome do vosso berço. Edificae com as vossas mãos o throno da vossa gloria e da vossa terra; sede realizadores do luminoso porvir que nos acena de longe. E como infelizmente no seio da humanidade ainda dorme ameaçador o espirito do mal, se acaso algum dia o bafejo da guerra tentar deste solo a nobreza manchar, fazei resuscitar subitamente dentro em vós a alma varonil do almirante Barroso e no solo estrangeiro ide e escrevei com sangue, á ponta de baioneta, o nome sacrosanto do vosso Brasil amado que os nossos avós immortalizaram no bronze dos seculos!

São estas as palavras dos vossos amigos que vos acclamando numa torrente de flores e de palmas vos mandam dizer que nunca jámais retrogradeis um passo na vossa jornada, porque nesta campanha, sangrenta e desigual, entre o Homem, simplesmente audacioso e forte, e o Mundo gigantesco, cruel e selvagem.

Ou morre o homem na luta,

Feliz, coberto de gloria,

Ou surge o homem com vida,

Mostrando em cada ferida

O hymno de uma victoria!

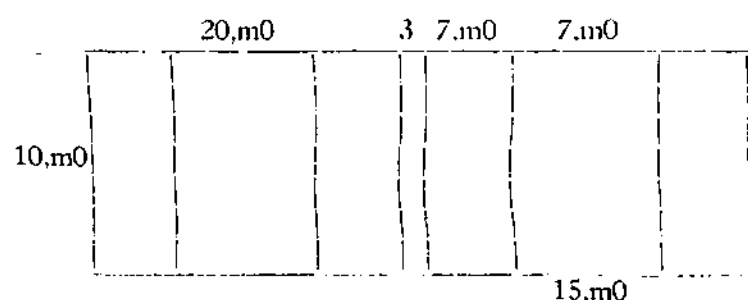
Os professores, os jornalistas, os tribunos são, hoje, os que semeiam a paz ou a guerra. As bocas de fogo succedem ás bocas da palavra. A penna desbrava o campo á espada. (RUY BARBOSA, *Conferencia em Buenos Aires, 1916*).

EDUCAÇÃO PHYSICA

Cap. Francisco Fonseca

REGRAS DO JOGO DE PETECA

CAMPO



O campo é representado por dois rectângulos de 10 metros de largo sobre 20 metros de fundo e separado por uma zona neutra medindo 10 metros de largura por sobre tres metros de fundo. A zona neutra é limitada por uma rêde medindo um metro de altura. A dimensão do campo será de 43 metros. Cada rectângulo será dividido em 2 partes: 7 metros e 15 metros.

PETECA

A peteca deve ser de pelica ou de couro macio semelhante, cheia de crina animal ou serragem, medindo o seu corpo um diametro de 8 centimetros, tendo o peso variavel de 75 grms. a 85 grammas.

EQUIPES

As equipes são constituídas de 5 jogadores, 2 de ataque, os da frente; 2 de defesa, os detrás e um de ataque e defesa, o do centro. Ou, ainda, 2 na frente, 1 no meio e 2 atrás.

PARTIDAS

As partidas são geralmente em 50 pontos devendo ocasionar a mudança de campo aos 25

pontos, entre os partidos, podendo haver descanso de 5 minutos.

O JOGO

A equipe que por sorte perder na escolha do campo, receberá o primeiro saque no início da partida. O saque deve ser atirado para cima, de modo que passe sobre os jogadores adversarios que estiverem na frente; para effeito do saque os jogadores devem ficar na linha de 15 metros do campo e toda a peteca que passar acima da cabeça dos jogadores, caindo dentro do campo será valido o ponto, não acontecendo o mesmo quando fôr fóra das linhas finaes ou passar abaixo do peito dos jogadores da frente. Tres saques máus corresponderão á perda de um ponto pela equipe sacadora. São considerados saques máus os que não attingirem ou passarem abaixo da cabeça dos jogadores collocados na linha dos 15 metros do campo para recebê-los e os que passando por cima dos jogadores cairem além das linhas que limitam o campo longitudinalmente ou cairem fóra dos seus limites lateraes. Toda a vez que um dos seus jogadores commetter uma das seguintes faltas a equipe perderá um ponto: — bater mais de tres vezes consecutivas na peteca; prendê-la, entre os dedos, contra o corpo, ou, algum objecto e defendê-la com o pé; levantar as duas mãos para apanhá-la; rebatendo a peteca jogada por cima dos limites do campo. Toda a peteca jogada na zona neutra voltará a equipe que a lançou para ser dado novo saque. Sempre que um ponto não fôr conquistado dentro da regra será nulo e voltará a equipe que o fizer para novo saque. Salvo nos em que os jogadores têm posição determinada para receber a peteca, os jogadores atacantes devem esperá-la do adversario até distante no maximo 7 metros da zona neutra.

As idéas falsas são as grandes devastadoras da historia. Não é com armas materiaes que se combate. O canhão não é senão um servidor do pensamento. Das idéas que vão dirigir os povos dependerá seu destino. (GUSTAVO LE BON — *Primeiras consequencias da guerra*).

Representantes da "A DEFESA NACIONAL"

que continuam como representantes da "A BANDEIRA"

Na Marinha de Guerra

1º Tenente João Dias da Costa

Nos Quadros de Reserva

Capitão Gonçalves Valença

No Rio de Janeiro

E. M. E. — Cap. João B. Lobato Filho.
D. M. B. — Ten. Léo C. Albuquerque.
D. G. I. G. — Cap. Raymundo da S. Barros.
1ª R. M. — Cap. Edgard de Oliveira.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — Cel. Machado Vieira.
M. M. F. — Ten. Hugo Alvim.
E. E. M. — Ten. Pery C. Bevilacqua.
E. A. O. — Cap. De Moraes.
E. F. E. — Cap. Dr. J. Benevenuto Lima.
E. M. — Cap. Procopio S. Pinto.
E. M. — Alumno Octacilio Silva.
E. A. M. — Ten. Godofredo Vidal.
C. M. — Ten. H. Sarmento.
1ª R. I. — Major Pedro Angelo.
2ª R. I. — Cap. Vicente Formiga.
3ª R. I. — Cap. Pedro L. Campos.

C. C. C. — Ten. João C. Gross.
1ª R. C. D. — Ten. Oswaldo N. Lisboa.
15ª R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1ª R. A. M. — Ten. Osman V. Mascarenhas.
2ª R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1ª G. A. Mth. — Cap. Canrobert P. Costa.
1ª G. I. A. P. — Ten. Oswaldo de A. Motta.
1ª B. E. — Ten. Aurelio de L. Tavares.
1ª Cia. F. I. — Ten. Antonio Bastos.
Fort. Sta. Cruz — Ten. João da C. Braga Junior.
Fort. S. João — Cap. H. Portocarrero.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis.
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Santino Correia de Queiroz.
Pol. Mil. — Cap. Souto Maior.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2ª D. I. — S. Paulo — Cap. A. Roszannvi.
Q. G. 3ª D. I. — P. Alegre — Cel. Amílcar Magalhães.
Q. G. 4ª D. I. — Ten. José E. Braga.
Q. G. 7ª R. M. — Recife — Ten. João Facó.
Q. G. 5ª R. M. — Curityba — Ten. Affonso Fink.
Q. G. 5ª R. M. — Piquete — Ten. Armando Vasconcellos.
Fabr. de Polvora — Ten. Pio dos Santos.
Fabr. Polvora da Estrella — Cap. A. Correia Lima.
Ars. Guerra — P. Alegre — Ten. Nestor Souto.
C. M. — P. Alegre — Cap. Raymundo Fontinelli.
4ª R. I. — Quitaima — Ten. Arlindo P. Nunes.
6ª R. I. — Caçapava — Cap. Jeronymo Braga.
9ª R. I. — Rio Grande — Ten. Frederico B. M.
11ª R. I. — S. João d'El-Rey — Ten. Ribeiro.
12ª R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13ª R. I. — Ponta Grossa — Ten. Antonio de F. Barbosa.
2ª B. C. — S. Gonçalo — Ten. Alfredo Nobrega Jr.
4ª B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
6ª B. C. — Itapemery — Ten. Clovis F. Santiago.
15ª B. C. — Curityba — Ten. Domingues dos Santos.
9ª B. C. — Caxias — Ten. João J. Vieira.
22ª B. C. — Parahyba — Ten. Manoel R. de C. Lisboa.
24ª B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.

2ª R. C. D. — Pirassununga — Cap. Alcides Lauriodó.
4ª R. C. D. — Tres Corações — Ten. Celso Banda.
2ª R. C. I. — S. Borja — Ten. Osorio Tuyuty.
9ª R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10ª R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
14ª R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Hercio M. de Lemos.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid Oliveira.
5ª R. A. M. — Sta. Maria — Cap. Osvino Alves.
6ª R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
8ª R. A. M. — Pouso Alegre — Ten. Clovis de S. Barros.
9ª R. A. M. — Curityba — Ten. Oscar G. do Amaral.
3ª G. I. A. P. — Margem do Taquary — Cap. Americano Freire.
5ª G. A. Mth. — Valença — Cap. Hermes Portella.
1ª G. A. Car. — Itaqui — Cap. Euclides Sarmento.
3ª G. A. Car. — Bagé — Ten. Osmar Brandão.
3ª D. C. — Bagé — Ten. Francisco Reifschneider.
Força Publica do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
Força Publica do Ceará — Ten. Osimo de A. Lima.
Força Publica de Pernambuco — Cap. J. de Almeida Figueiredo.
Bda. Militar do Rio Grande — Ten. Alcindo Pereira.

MAIS UMA VEZ

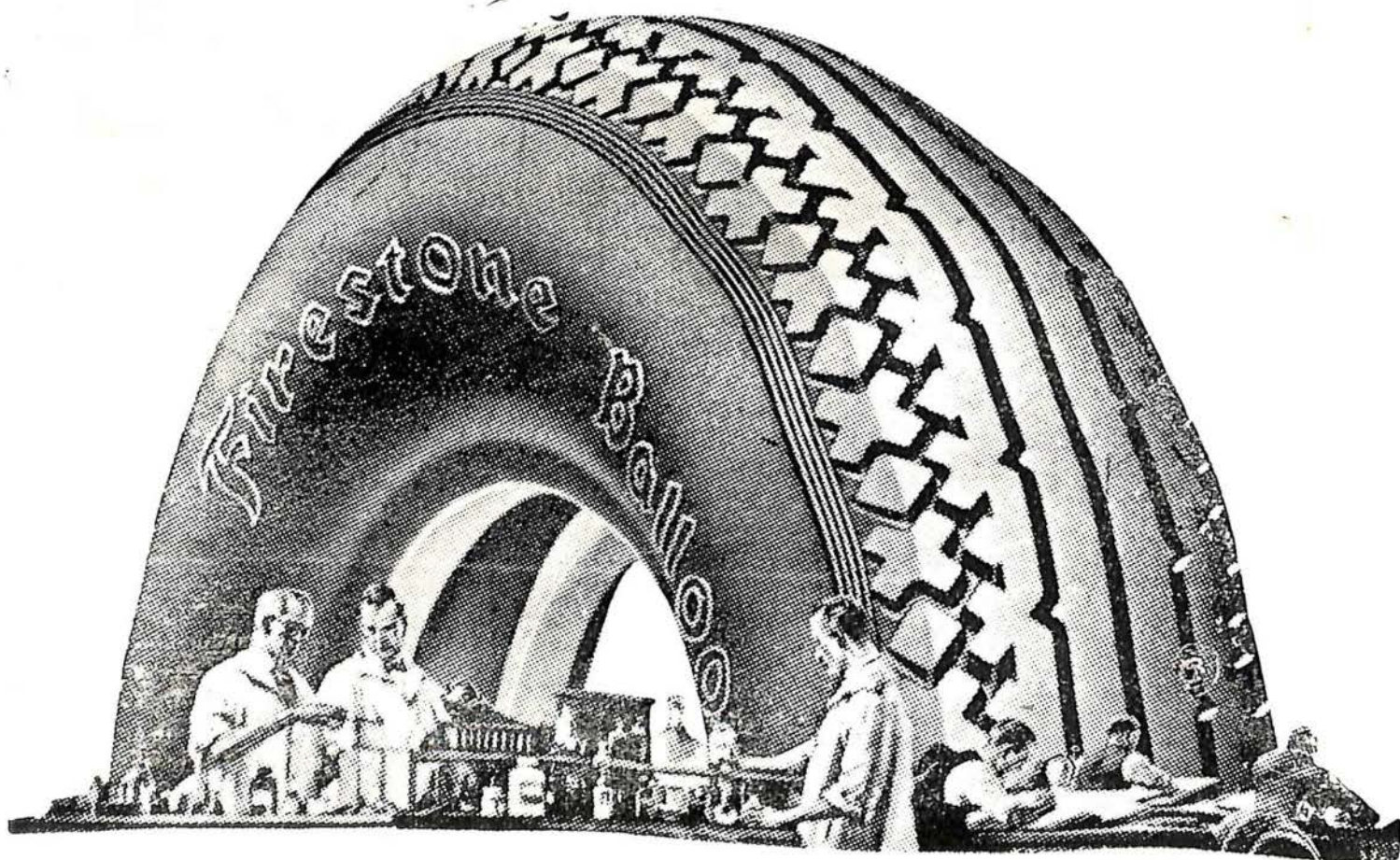
os pneumáticos **Firestone**
DEMONSTRAM SUPERIORIDADE !...

No Campeonato de 200 milhas realizado no "Autodromo de Rockinham" na America do Norte, em 4 de Julho p. passado.

Com o carro equipado, como sempre, com pneumáticos "FIRESTONE" o az do volante Peter de Paolo, alcança o primeiro lugar desenvolvendo a velocidade phantastica de 126 milhas por hora, sem que os pneus mostrassem o menor estrago.

Esta prova que equivale para um pneumatico o uso diario de um anno em condições normaes, foi ainda por esta vez vencida por :

Firestone



Nas provas mais severas use pneumáticos
e suas camaras de ar vermelhas.

Firestone

Distribuidores:
CARLOS CONTEVILLE & CIA,

98 - ALFANDEGA - 100